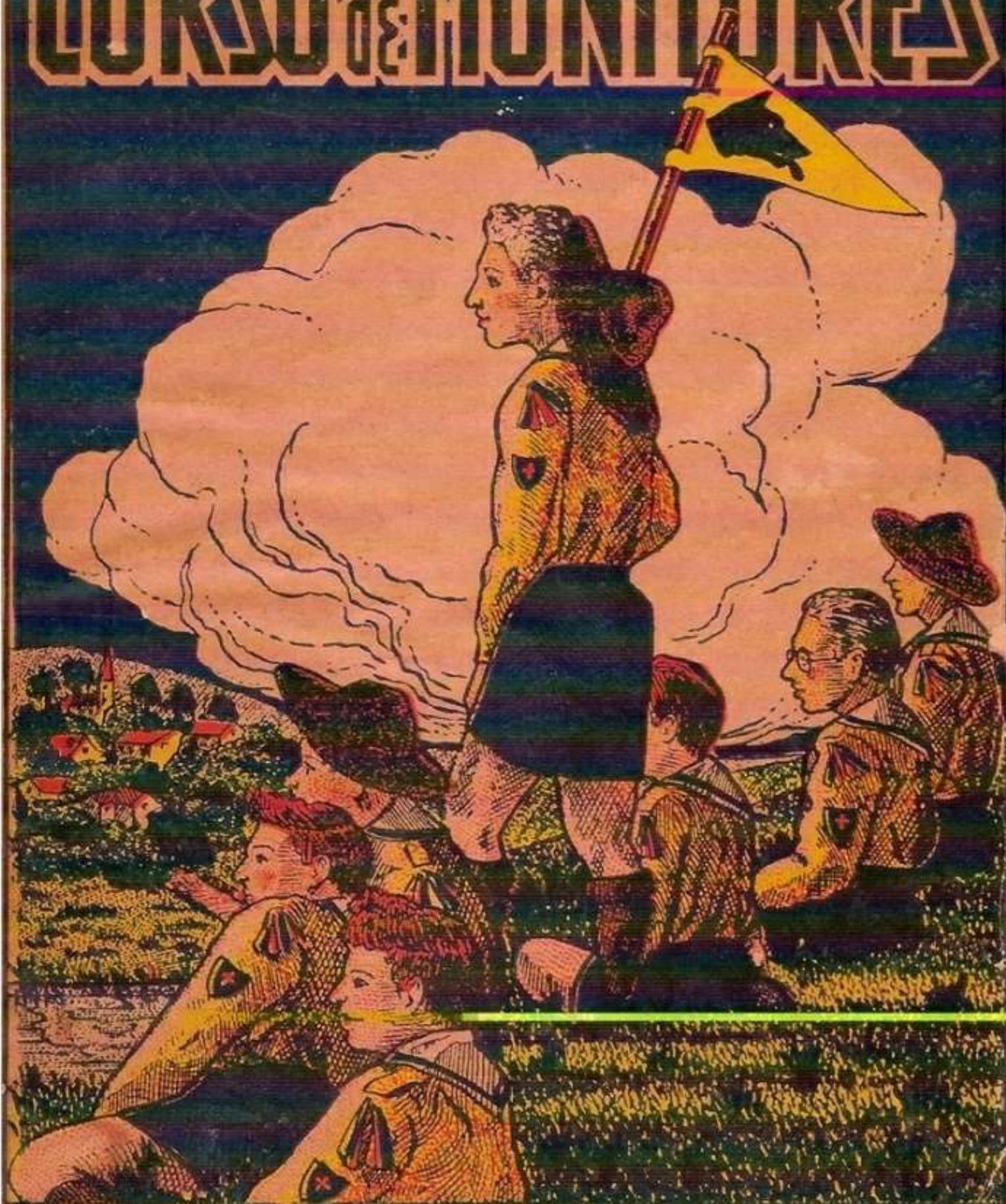


# CURSO de MONITORES



EDIÇÃO DA FEDERAÇÃO RIO GRANDENSE DE ESCOTEIROS

**O livro " Curso de Monitores" foi impresso pela Federação Rio Grandense de Escoteiros. em 1939. Possui o formato A5 (14 x 18 cm) como uma brochura dobrada unidas por barbantes. Com capa em cartolina na cor rosa e impressa em preto. Possui 140 páginas em preto e branco.**

**Descobrimos que o curso aconteceu em 1937, e que M.L.E. é Mário Leite Etechenique.**

**O chefe Banchi emprestou este livro, entretanto a digitalização e a montagem do pdf foi feita pelo chefe Paulo do site [www.lisbrasil.com](http://www.lisbrasil.com)**

# CURSO DE MONITORES

---



EDIÇÃO

da

FEDERAÇÃO RIOGRANDENSE

DE

ESCOTEIROS

---

PÔRTO ALEGRE



## EXPLICAÇÃO

O presente **Curso de Monitores** constituiu uma das mais belas e interessantes realizações escoteiras, ao menos para o seu dirigente.

Publicamos, em estado nativo, os Boletins feitos originariamente para uso pessoal dos alunos-monitores, sem pretensão a qualquer aparecimento em maior escala, sob as vestes preciosas da letra de imprensa.

Nada foi alterado, pois optamos pela simples reprodução do que foi empreendido, visando simplesmente maior fidelidade, sem ocultar falhas. Aceitaremos, por isso, quaisquer observações que nos auxiliem maior perfeição em casos vindouros.

A experiência, digna dos grandes esforços que exigiu de todos os componentes e instrutores do **Curso**, gerou resultados, se não brilhantes, ao menos suficientemente compensadores e que bem valeram a pena da iniciativa.

Os pormenores necessários para compreender a organização e funcionamento do **Curso de Monitores** acham-se no primeiro **Boletim**. As matérias da atividade técnica escoteira foram extraídas dos manuais conhecidos entre nós. Somente pouca coisa, por vantagens do momento, consta do nosso texto. Há também, repetições ocasionais que visam a comodidade do aluno monitor ou finalidade pedagógica especial.

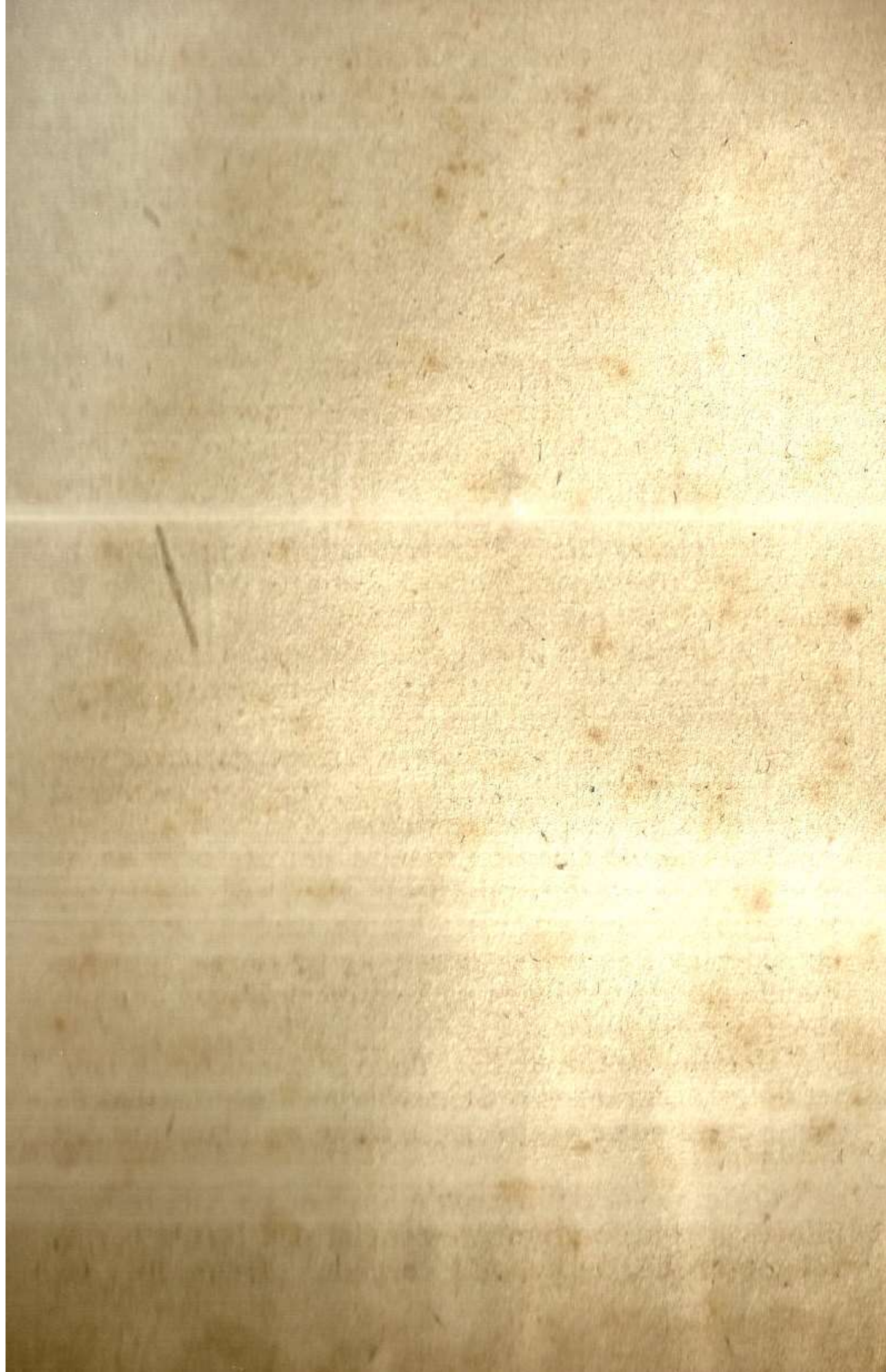
Com satisfação registramos que vários dos Escoteiros inscritos no **Curso**, hoje, são elementos de direção das Tropas a que pertencem.

E concluimos que a boa semente, não só na terra brasileira, mas também nas almas imortais, “plantando, dá!...”

M. L. E. \*

Pela Diretoria da Federação Rio  
Grandense de Escoteiros.

**\*N. E. Milton Leite Etechenique**



## BOLETIM N.º 1

### PLANO DO CURSO

Plano geral: De acordo com o sistema empregado pelo Chefe Giliard, B. S., exposto no artigo "Formando Monitores" (na revista suíça "KIM" — transcrição em "Vida Escoteira", Agosto de 1938).

**Direção do Curso:** Comissariado Técnico da F. R. G. E. auxiliado por Chefes Escoteiros (Reunião do dia 29, às 19,30 hs).

**Participantes:** Monitores efetivos e Escoteiros interessados, com autorização do respectivo Chefe, contando com a idade mínima de treze anos.

**Programa das atividades:** É dado em cada reunião o programa da atividade seguinte, seja excursão ou reunião na sede para estudos.

**Duração do Curso:** Primeira reunião a 29 de Abril, às 7,30 hs., na sede da F. R. G. E. — Última atividade: Acampamento a 5-6 de Junho. Reuniões de sede: às 2.<sup>as</sup> e 5.<sup>as</sup> feiras, às 20 horas, sede da Federação. Atividades de Campo: todos os domingos, salvo 16 de Maio.

**Boletim do Curso:** Será dado semanalmente, contendo os programas, o desenvolvimento principal da matéria tratada e a apreciação sobre o andamento das atividades.

O fim desta publicação é auxiliar os Alunos-Monitores a conservarem o essencial das instruções, e relembrar-lhes as falhas a corrigir. Assim, lhes fa-

colitará, no futuro, a direção da Patrulha.

Nêste Boletim, é evidente, a matéria se apresentará dividida, conforme os assuntos tratados na reunião ou campo. Haverá a desvantagem de não aparecer aquela como um **todo completo** e massiço mas, de outra parte, proporcionará **programas completos e variados** para sucessivas atividades, os quais poderão necessitar modificações, e, por certo, deverão ser desenvolvidos e mais explicados em algumas partes, de que apenas se transmite o resumo.

**Preparado o início do Curso:** foi enviada aos Srs. Pais dos candidatos que temiam, por parte daquêles, dificuldades ao comparecimento regular ou à licença de inscrição a seguinte carta.

**SEMPRE ALERTA!**

“Iniciará a Federação Rio-Grandense de Escoteiros o Primeiro Curso Estadual de Monitores, com aula inaugural a 29 do corrente, procedida de reunião preliminar dos candidatos, no dia 26.

O objetivo dêsse empreendimento é a formação de Escoteiros-Chefes, designados pelo título de “MONITORES”, com função de dirigir as “PATRULHAS” ou grupos de 6 a 8 escoteiros.

Sem implicar a frequência no investimento obrigatório de qualquer chefia, é certo, porém, que um Curso desta natureza visa despertar as vocações de dirigentes, tão escassas quão necessárias em qualquer ramo de atividade humana.

Para o presente Curso, está elaborado um programa eficiente, consagrado pela experiência de realizações semelhantes no Brasil e outros países, tendo por fundamento o que se contém no impresso anexo.

Tenho a honra, outrossim, de comunicar-lhe que foi julgado apto e digno de participar do Curso de Monitores o Escoteiro ..... para o qual solicito de V. S. autorização de frequen-



tar, regularmente, as reuniões de instrução e atividades de campo a se desenvolverem da seguinte forma:

**Duração do Curso:** — seis (6) semanas. Sujeito a uma eventual interrupção se coincidir, em parte, com os exames ginasiais.

**Atividades:** — **Reuniões de instrução**, às 2.<sup>as</sup> e 5.<sup>as</sup> feiras, às 20 hs., na sede geral escoteira, à Rua Gal. João Telles, 317.

— **Excursões** para instrução e prática escoteira, aos domingos, levando em conta os deveres religiosos, ou acampamentos desde a tardinha de sábado, à tarde de domingo previamente determinado.

Pela disposição de todo o Curso e sua duração breve, não prejudicará os deveres normais do candidato, devendo acentuarem-se os evidentes benefícios que êste auferirá desta Escola de Monitores.

Na expectativa de favorável acolhimento à presente solicitação, com o maior apreço.

### A Diretoria

#### 1.<sup>ª</sup> Reunião 30 de abril — Palestra inicial

Meu prezado Escoteiro,

#### SEMPRE ALERTA!

Um dia, o Chefe se aproxima de ti e diz: "Nossa Tropa necessita de um Monitor para uma das Patrulhas. Procurei dentre todos os nossos Escoteiros para ver quem melhor poderia desempenhar o cargo. Escolhemos. E êste escolhido és tu!"

Desde êsse momento, a tua vida escoteira muda, torna-se diferente do que era até então. Não serás apenas um companheiro entre os demais, serás o primeiro dos companheiros, — serás sua cabeça!

Serás o responsável por meia dúzia de rapazes que te olham, que esperam tua palavra de ordem, que aguardam tua decisão para se orientarem como agir,

e o teu braço amigo e experimentado para os amparar nos trechos mais difíceis desse grande caminho que é a bela vida de Escoteiro.

Ainda há pouco, entre a Patrulha, que é a tua nova pequena família, e ti, não havia mais relações que as existentes, entre os bons irmãos, todos iguais. Teus deveres e responsabilidades não eram maiores que as de teus companheiros.

Agora, não é mais assim: na vida de teus Escoteiros surgiu uma pessoa nova. És tu! Em muita coisa dependem de ti, como também em muitas outras coisas dependerás deles. Mas o essencial é que compreendas a grandeza de tua missão: Em boa parte, talvez em **grande parte**, se fores muito hábil ou muito medíocre, em tuas mãos está o futuro de seis homens — um grande futuro, ou um porvir mesquinho — homens que vencerão ou serão vencidos, conforme o que tu lhes ensinares e aprenderem de ti!

És chefe de outros jovens!

—Qual a tua função?

—Comandas!

—Que significa?

—Significa antes de tudo, educar, formar, em certo sentido: criar Homens.

Pescarás as pedras preciosas que jazem no fundo da alma dos teus Escoteiros e, que em seguida, dedicar-te-ás ao trabalho de as cinzelar em jóias que serão juntadas na coroa real de um caráter bem formado. Esta é a maior das dignidades da terra.

Foste escolhido entre todos. Reflete no que isto representa.

Com esta escolha, também nascerão para ti vantagens e desvantagens, pois não é de balde que um velho ditado anuncia: "Nem todos os proveitos cabem num saco". Para valer-se de uns é necessário re-

nunciar a outros. E a sabedoria está em escolher a melhor parte, a de mais valor. Ora, sem nenhuma dúvida, uma das escolas mais eficientes para o aperfeiçoamento de teu próprio caráter, há-de ser um posto-de-comando como êste, onde terás de pôr em exercício toda a tua inteligência e vontade, e corrigir as deficiências que tens.

A desvantagem única — é a que se encontra em qualquer trabalho: o **esfôrço**. Mas é este como o capital que o negociante emprega para adquirir os bens que lhe darão lucro. Isto é, não representa algo que se põe fora, como desperdício, mas de facto é energia bem empregada que devolverá, em troca, benefícios que se não pagam com dinheiro.

Para este **esfôrço**, também é necessário o emprego de **tempo** com a **renúncia**, na certa, de alguma diversão ou repouso, mais de uma vez. Mas êste selo de sacrifício, aliás pequeno, é o sinal das coisas de valor, duradouras.

Em suma, pois, **dar teu tempo — empregar o teu esforço — e renunciar-te**, isto é, esquecer algumas comodidades e alegrias são as três primeiras condições que deverás exigir de ti próprio.

Acima destas três condições, existe a mola que as impulsiona: é a **tua vontade**. porque, antes de tudo o mais, é preciso **querer para poder** alcançar alguma coisa.

“— Como se aprende a nadar? Nadando!”

“— Como se aprende a dirigir — Chefiando!”

Estás atirado ao meio de um rio, a tua Patrulha. Entre nós, essa Patrulha é uma das Patrulhas do Curso de Monitores e cada um dos alunos será sucessivamente Monitor. Prepara-te para chegares com brio e valentia a margem mais próxima, que é o certificado de conclusão dêste curso.

A medida em que fôres invadido pela consciên-

ela de teu cargo, compreenderás mais intimamente a tua responsabilidade, sentirás crescer no coração o amor aos teus irmãos de Patrulha, e então, mais de uma vez, sentirás a enorme alegria que é a conquista de um novo Escoteiro, a volta dos que estavam afastados, e também a divina tortura de ver, sem poder evitar, a retirada de um ou outro que abandona a nobreza de uma Patrulha em troca de alguma futilidade a que não soube resistir. Serão êstes, talvez, os teus maiores e mais ricos momentos à testa de teus companheiros, porque a alegria sã e a dor profunda são melhor malho para bater o aço do nosso caráter.

Desde hoje, es Monitor e tens um direito: ser mais Escoteiro que os outros!

Monitor quer dizer: **avisador, informante.** Terminado êste curso não é dito que devas ser nomeado Monitor à força. É possível que sejas conservado em teu simples pôsto atual por motivos certamente justos de teu Chefe ou porque as tuas outras ocupações não to permitiriam. Mas, **ainda assim, serás sempre Monitor!** — serás o avisador de teus colégas porque aprendestes mais que êles e lhes servirás de exemplo pelo teu espírito escoteiro e os teus conhecimentos técnicos.

Neste instante, assumes o dever de completa lealdade para com este curso, assim como já o tens para com a tua Patrulha.

Serás leal em toda a tua boa vontade.

Serás leal na frequência, nas falhas que cometeres nas correções que te impuzeres, nas observações que achares necessárias.

Serás leal com todo o teu espírito escoteiro, porque serás leal em tudo.

Porventura!

— Não te achares por demais fraco para acompanhar o nosso esforço.

O **Boletim do Curso** trará, por semana, os assuntos havidos, conclusões tiradas, e os programas com a crítica das atividades realizadas.

Isto exposto, fez-se sucessivamente a **divisão das Patrulhas** escolha do animal-Totem, Monitores e Lema.

O Diretor do Curso distribuiu os alunos, e êstes votaram o animal-totem, Monitor e Lema. O Monitor escolheu o Submonitor, de acôrdo com a Patrulha.

### PATRULHA DO TIGRE

Alaor Saldanha (Mon) (Tupãcí)

Norberto Horn (Sub) (Tupací)

Dorival T. Dietze (D. Caxias)

Arno Volkmann (Sogipa)

Ari Assunção (S. João)

Luiz F. Franco (Tupãcí)

**Lema:** — “Puros e retos na intenção, destemidos na ação!”

### PATRULHA DA ÁGUIA

Lourenço Rosa (Mon) (Guia Lipes)

Norberto Lukow (Sub) (Sogipa)

Homero Santos (Tupãcí)

Francisco Fernandes Filho (Tupãcí)

Cláudio Gaelzer (Nóbrega)

Saturnino Porto (S. Geraldo)

**Lema:** — “Para o alto, sempre mais alto!”

### PATRULHA DA PANTERA

José Stelkens (Mon) Tupãcí)

Lino Schlefferdecker (Sub) (Sogipa)

Paulo Pastro Hartstein (Central)

Paulo Silveira (Nóbrega)

Gilberto Mâncio (Tupãcí)

Fernando Saint-Denis (Tupãcí)

**Lema:** — “Pela Pátria, a vida!”

EXCURSÃO de 2 de Maio — Local INSTITUTO CHAMPAGNAT — Partenon.

**Ponto de encontro:** Abrigo da Praça 15 de Nov. Bonde Partenon — 7 hs.

**Caráter da atividade:** — Exercícios técnicos — Início das atividades de campo do Curso.

7 hs. — Encontro e partida.

— Chegada e Hasteamento da Bandeira — Exploração do local.

9,45 — Jôgo-da-lei. Papel do Jôgo no Escotismo. Interpretação

10,45 — Jôgo "Macacô disse", por voz de comando e apito.

11,30 — Palestra entre os Escoteiros, reunidas tôdas as Patrulhas.

12 hs. — Almôço. Breve descanso. Jôgo de futebol.

14,30 — Instrução sôbre Higiene. Saudação à Bandeira Nacional.

15,45 — Instrução sôbre o uniforme. Ordem unida.

16,15 — Batalha (Jôgo)

16,30 — Merenda.

Apreciação feita pelo Chefe sôbre as atividades realizadas. Arriamento da Bandeira. Regresso.

---

**JÔGO-DA-LEI.** — Põem-se os Escoteiros em círculo. Inicia o Chefe: "Certa vez, encontrei um Escoteiro, muito bem uniformizado, garboso, mas que, infelizmente, não sabia o 2.º artigo da Lei, Gilberto".

"Protesto", diz Gilberto, "sabia: O Escoteiro é leal. Ele não sabia o 5.º, Luiz".

Luiz continua: "Protesto, sabia: o Escoteiro é cortez. Ele não sabia o 7.º, Olmiro. E assim se continua, com rapidez e vivacidade.

O Escotismo emprega o jôgo o mais possível,

porque, dizia o fundador: "O Escotismo é um jôgo", jôgo de preparo para a vida. Além de educarem as faculdades do jovem e, com elas, o caráter, os jogos facilitam a aprendizagem das matérias de provas. — Para ensinar a Lei pelo Jogo, faz-se como acima, iniciando com os três primeiros artigos, que são os mais curtos e fáceis de reter. Depois de alguns minutos, podem incluir-se, de preferênciã, o primeiro e, em seguida o último, que também se memorizam com facilidade. Aprendem-se, assim, em pouco tempo, sem confusão, cinco artigos. Pode acrescentar-se, ainda, um ou dois artigos, o 6.º e 8.º, deixando os demais para a vez seguinte, quando se deverá fazer uma repetição geral do jôgo, aumentando, artigo por artigo, até se completarem os dez.

**INTERPRETAÇÃO DA LEI.** — Os exemplos facilitam compreender e conservar na memória o significado da Lei Escoteira.

**1.º Artigo.** — O Escoteiro tem uma só palavra, sua honra vale mais que a própria vida. — Ex. **Régulo em Cartago.** Régulo era nobre romano. Preso pelos cartagineses na guerra entre êste e aqueles, fizeram-no jurar que iria a Roma e voltaria, depois de ter convencido seus patrícios a celebrarem a paz com Cartago. Régulo foi. E voltou, cumprindo a palavra. Mas incitou os compatriotas, não a paz, mas a luta denodada até a vitória, que se deu mais tarde, efetivamente. Régulo foi morto, conforme lhe haviam prometido, por não ter conseguido a paz vergonhosa que desejavam os inimigos.

(Ver o livro: "O MOÇO DE CARÁTER", de Thiamer Thót. Edição S. C. J.)

**2.º Artigo.** — O Escoteiro é leal. Exemplo de lealdade: — a Deus. — Entre os primeiros cristãos, foi preso um jovem de nome Barlaão. Pretendem obrigá-lo a queimar incenso aos deuses, numa pira colo-

cada diante das águias imperiais, de bronze. Nega-se o rapaz. E a lealdade à Fé chegou ao ponto de ver sua mão direita agarrada a força, extenderem-lhe o braço sobre as chamas até que estas lambessem e queimassem-lhe os dedos e os reduzissem a carvão para que também se queimasse o incenso colocado brutalmente sobre a palma.

— à Pátria e ao próximo. — Na guerra de 1914, ameaça um oficial alemão a um colega francês, de um regimento alpino, aprisionado: "Se não disseres onde estão os teus companheiros, mandar-te-ei fuzilar!" — "Senhor, respondeu o outro, não é assim que se trata a dignidade de um prisioneiro, muito menos de um oficial francês. Faça o que quiser, concluiu com altivez brlosa!" E o fuzilamento, diante de tal demonstração de honra, não foi executado.

Ser leal e cumprir a palavra dada, são atitudes irmãs, que não se separam nunca. Uma existe onde existe a outra. E os exemplos de lealdade são forçosamente, também, exemplos de fidelidade a palavra empenhada.

**Lealdade** — é igualmente **sinceridade**. O fingimento, a hipocrisia, são indignos de qualquer homem honesto, muito mais de um Escoteiro. Se há ocasiões em que é preciso calar, jamais, no entanto, é permitido mentir. E o fingimento não passa de mentira.

O Escoteiro é sincero em todas as ocasiões. Fala a verdade, quando preciso, até contra si mesmo. É leal ao seu Deus, à Pátria e ao semelhante.

**JÓGO "MACACO DISSE"**. Entram os Escoteiros em forma, na posição de "descançar". O Monitor ou Chefe dará várias vozes de comando: volver à direita, esquerda, etc. — mas só executam as ordens precedidas da frase: "Macaco disse..." O movimento a executar é dado logo em seguida.



Ex.: “Direita, volver!” — ninguém executa. Mas — “Macaco disse: Direita, volver!” — é prontamente obedecida. Quem fizer movimento errado ou apenas esboçar cumprir a ordem que não se executa, sai do jôgo. Vence quem ficar por último.

Destina-se este jôgo a educar a atenção. Também constitue ótimo exercício de lealdade.

Para o mesmo jôgo, podem dar-se os comandos por apito. Substitue-se a expressão — “macaco disse” — por um apito longo.

**HIGIENE** — são os cuidados que se têm para conservar a saúde. Procura-se ensinar, sempre que possível, de forma prática. E’ fácil, em acampamento, encontrarem-se ocasiões. — Pela manhã, todos cumprem o programa de ginástica, etc. e vão, em seguida, lavar o rosto e arrumar-se para os demais trabalhos. Ao cair algum talher, explica-se porque deve ser lavado antes de tornar a usar etc.

Higiene: ao **despertar** e **deitar** (mãos, boca, ouvidos etc.); em **marcha** (pés, respiração, roupa, beber água logo após exercício violento, etc); **durante o sino** (roupa de dormir, quarto arejado, cobertas, colchão, etc); **durante o estudo** (arejamento da sala, descanso de hora em hora alguns minutos, etc.); nas **refeições** (mãos, talheres, mastigação, moderação, etc.); cuidados com os intestinos (prisão de ventre e meios práticos de evitá-la, p. ex., beber água pela manhã, em jejum — ginástica de abdome, etc.).

**BANDEIRA NACIONAL.** — Instruções constantes da circular técnica 5-42.

Prezados Chefes Escoteiros, Monitores e Dirigentes.

**SEMPRE ALERTA!**

Aqui temos o prazer de transcrever alguns trechos de notável conferência pronunciada pelo Cap. Afonso dos Santos, Comissário Nacional dos Escoteiros de Portugal, na sessão inaugural do ano jubilar daquela Associação:

“Julgo inútil acentuar, por que todos o sabeis de sobra, que o Escotismo não é um logradouro de amenas comodidades. Posso mesmo ir mais longe, asseverando que é uma escola de incomodidades. Parece nesta afirmação haver quebra do chamado senso-comum.

“Pois que? Caminha a humanidade apressadamente, quase numa correria louca, com um fito que parece ser a razão e o destino da sua própria existência, em busca dos prazeres materiais ou das comodidades e confortos que o gênio incansável do homem dia a dia inventa e aperfeiçoa, — e eis que se pretende, paradoxalmente, vir defender idéias ou desenhar concepções que estão em formal opposição ao sentido da marcha geral que todos parecem seguir?

“É verdade que assim é. Na sua profunda origem, o Escotismo é uma reação. Reação salutar, porque reage contra a marcha vertiginosa de um progresso magnífico, sem dúvida, mas ao preço cruel da ruína moral e física do homem. Desde que foi ludibriada pelos homens, que souberam descobrir mil engenhosos processos de existir sem esforço, a sentença divina “ganharás o teu pão com o suor de teu rosto”, logo no próprio seio da massa humana nasceram os germens da sua deliquescência. O músculo que não trabalha breve definha e se atrofia: dentro de pouco é tecido morto, cordoalha podre, incapaz do mínimo esforço. O espírito que não labuta, a vontade que não se exerce, apoucam-se e volvem-se mesquinhos: as almas quase já não vivem, prestes a extinguir-se em inação e tédio... ,

---

“Todo este exórdio teve uma intenção que vos deve parecer transparente: quis chamar a vossa atenção — como guias que sois de uma mocidade que se vos entrega sem condições e decidiu seguir-vos confiadamente, — para as enormes responsabilidades que sobre vós pesam, e para os meios que usareis para dignamente as sustentar sobre os vossos honrados hombros.

“Mestre e discípulo, constituem como que um singular sistema de espelhos, onde mutuamente uns e outros se buscassem imagens virtuais: o discípulo pretendendo ver no mestre uma imagem ideal que lhe sirva de modelo, imagem do que desejaria ser e ainda não o é; o chefe, a todo o momento podendo ver refletida no discípulo uma fruste e velada imagem das suas idéias, dos seus sentimentos, das suas atitudes, da sua própria configuração moral. Eis porque tanto interesse nos merece a preparação e conduta dos chefes. Não basta ter doutrina, não é suficiente o método, não basta uma perfeita organização. Dominando toda atividade — é preciso que exista permanente, o espírito: espírito escotista, isto é, espírito impressionado pela doutrina, servido de vontade de atuar, impregnado da consciência da dignidade da sua missão”.

### O CHEFE SERÁ O PRIMEIRO NO SACRIFÍCIO E O ÚLTIMO NO BENEFÍCIO

“Traduzindo e, concreto todas estas considerações e juízos, — começemos por fixar como dogma que o chefe ou monitor, o que dirige, o que comanda, o que conduz, o que vai na frente, deve ser o primeiro no sacrifício e o último no benefício. O seu cargo não pode ser motivos de exceções, de vantagens, de privilégios. O seu interesse material, o cuidado pessoal de si próprio não podem deixar de ser a última das suas preocupações. Isto deve ser rigorosamente assim, na cidade como no acampamento, quaisquer que sejam as circunstâncias de tempo e do lugar.

Nobre voluntariado que nenhuma forças exteriores retêm ou compelem, o cargo de chefe ou de monitor na formação escotista só pode aceitar-se ou desempenhar-se com a convicção de que a única recompensa, ou único benefício ou vantagem, estão na própria consciência. Fora dele, no mundo físico como no mundo moral, serão, para êle só o peso das responsabilidades ou preocupações, como o esfor-

go maior, o lugar mais espinhoso ou de risco, a parte mais áspera dos obstáculos a vencer. Só assim se ganhará jús à honra de marchar à frente, ao brio de exercer comando.

Convém de quando em quando avivar-se no espírito estes deveres fundamentais, porque a estrutura orgânica do Movimento Escoteiro deu aos Chefes uma tal liberdade de ação, uma tão grande independência de movimentos longe de toda a fiscalização, que nas suas forças íntimas repousa, afinal, o equilíbrio e harmonia da obra comum”.

---

## A ESCOLA DO ESCOTEIRO ESTÁ NO ACAMPAMENTO

“O meio ideal onde o escoteiro se educa e prepara é naturalmente, o campo. A séde da Associação entalada entre o casario da cidade, deve ser considerada, com mais propriedade, a oficina onde o chefe organiza a atividade da Associação Escoteira e não a escola onde se formam escoteiros. A verdadeira séde da escola está no acampamento.

“Assim, convirá que os chefes ponham toda a sua diligência em promover a saída de sua gente para o ar livre, para o campo aberto, sempre que as circunstâncias de tempo o permitam. Começa então aí a grande, a proveitosa aula do escoteiro. Da boa preparação dos monitores, das suas qualidades, do seu dinamismo empreendedor, dependerá, em parte consideravel, o aproveitamento da lição. Os progressos no campo técnico, na conduta moral, na disciplina e aprumo quer do individuo quer do conjunto, dependerá de certo modo, do empenho que o chefe puser em movimentar os seus rapazes sob o seu criterioso e ativo comando.

“O chefe é, como todos os escoteiros, um voluntário. Mas este voluntariado, uma vez aceito, obriga, impõe deveres. Estes são ainda acrescidos pela autoridade e poderes em que foi investido. Felizes nos sentiremos se po-

dermos contribuir, para a concentração dos chefes durante o corrente ano, em conferências técnicas destinadas a discutir pontos imprecisos, programas de atividades, iniciativas de ação conjunta e individual além de muitos outros pequenos problemas de ordem técnica cuja solução se impõe. Muito esperamos destas concentrações, na impossibilidade manifesta de organizarmos largos estágios de aperfeiçoamento. Todos compreendemos as dificuldades para a sua organização, a primeira das quais é de ordem material, como é obvio”.

### CONFIANÇA NOS ESCOTEIROS

De modo muito particular, nos dias que estamos vivendo, é imprescindível que todo o Chefe possa ter confiança absoluta em seus escoteiros, assim como estes hão — de ter em seu chefe. Dentro do nível geral de elevação na obediência e disciplina escoteiras observadas em nossas Tropas, ainda há falhas que muito facilmente podem ser corrigidas com a bondade, mas também energia e firmeza de nossos caros dirigentes. É preciso mostrar, em rápidas palavras, mas com incisiva clareza, aos nossos Escoteiros, que a vida de Tropa, com todas as suas alegrias e obstáculos, é orientada pela autoridade fraterna que exercem os superiores hierárquicos sobre os demais. E, se a vida em família é suave e alegre, essa brandura não pode, jamais, ser sinônimo de desleixo ou, o que seria pior, de desrespeito às ordens dos Chefes Monitores ou quaisquer instrutores e dirigentes. Só há eficiente organização e trabalho proveitoso nos Grupos, quando a disciplina escoteira, sempre razoável e amena, mas sempre firme e decidida, rege a ordem, da mais simples reunião ao mais ousado empreendimento. O Escotismo é uma escola. Não há, entre nós, lugar para quaisquer desânimos ou frouxidão.

De outra parte, não são os títulos que dão ao Chefe o caráter de autoridade, mas sim as qualidades recebi-

das de Deus e desenvolvidas pelo esforço próprio. Jamais se obterá diploma na difícil missão que é dirigir homens. Nesse encargo, tão nobre quanto espinhoso, sempre se é discípulo. Duas qualidades básicas de todo o chefe são Amor e Justiça. A obediência racional, conciente e dignificadora opõe-se à “volúpia da autoridade” que baixa ordens absurdas ou pretende o triunfo constante das próprias idéias.

Ser inexorável — no sentido cristão da palavra e com os pusillânicos, amparar e animar os que vacilam e guiar os fortes, eis o dever de todo o dirigente. Passar primeiro por um caminho para depois enviar os subordinados, eis o grande exemplo, que arrasta e faz milagres de heroísmo e dedicação. As últimas instruções dadas a respeito pelo Campo de Gillwell a todos os demais campo-escolas de Chefes do mundo, no período final de 1936/8 — são formais:

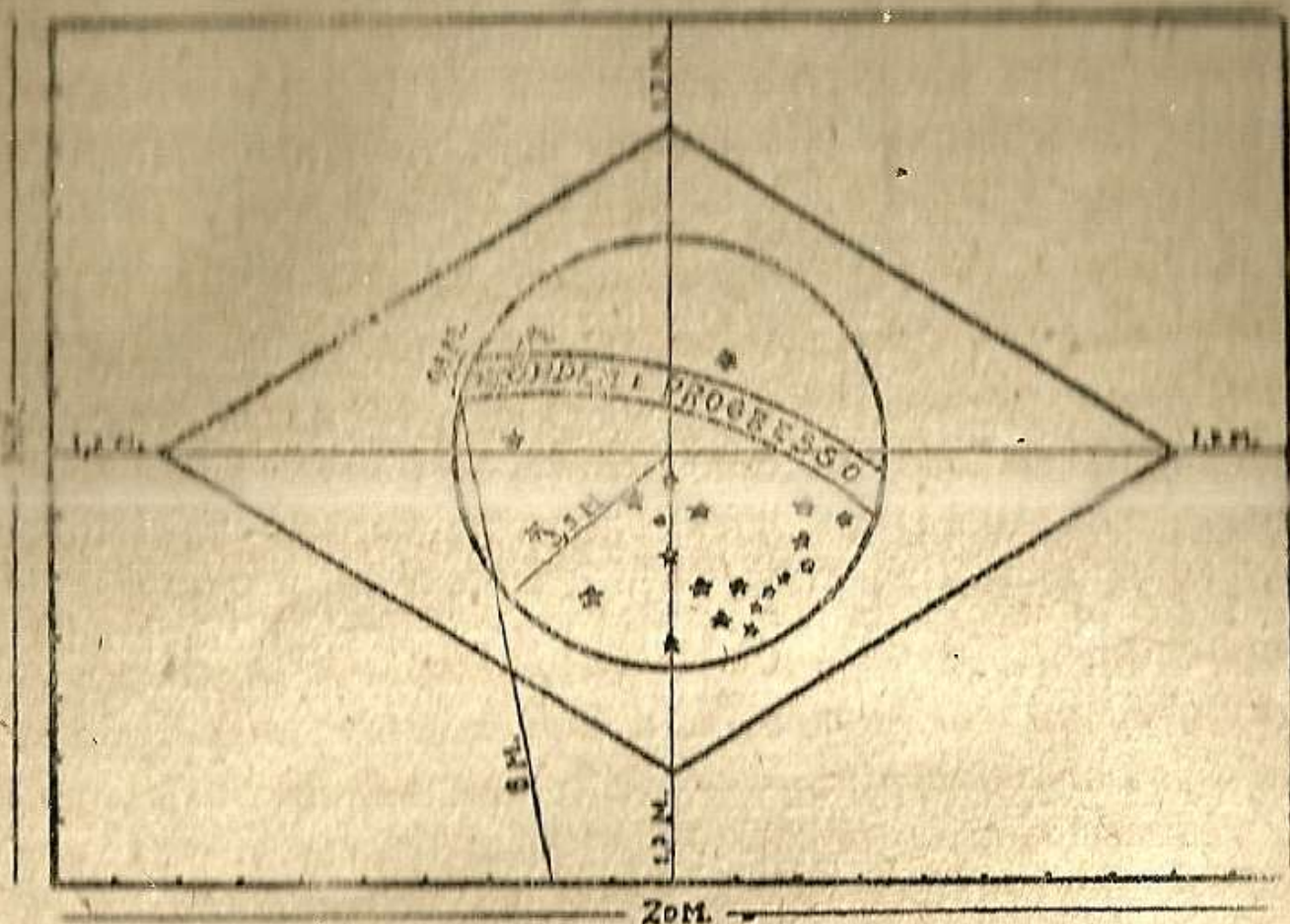
“A crença em Deus é atualmente condição essencial para fazer parte da Associação. A consciência individual é o guia prático na aplicação da Fé. Mas a condição primeira dessa adesão é que todo o Chefe — homem ou mulher — tenha consciência dos fins espirituais e morais do Escotismo. *O ateísmo é por conseguinte, incompatível com a qualidade de membro da Associação.* Ninguém dos que negam a existência de Deus pode fazer a Promessa, e tornar-se membro da fraternidade escoteira. Não deve, tão pouco, esperar que, em seu proveito, a fraternidade altere sua conduta religiosa. É chegado o tempo em que todos devemos ser claros sobre essa questão, e compreender sua importância e aplicações” (Cf. Claude Lenier em “Le Scoutisme Français”, pg. 84).

Símbolos Nacionais — BANDEIRA. — O Decreto-lei 4.545, de 31 de julho de 1942 estabelece o seguinte: São símbolos nacionais — a Bandeira Nacional, o Hino Nacional, as Armas Nacionais e o Selo Nacional. *Bandeira*: Desenho e dimensões em folha à parte. Nas sédes, a Bandeira deve ser hasteada uma vez por semana.

O hasteamento é às 8 e o arriamento às 18 horas. Só poderá ser hasteada em funeral por decreto do Presidente da República. Quando hasteada em janela, porta, sacada ou balcão, ficará: ao centro, se isolada; à direita se houver outra bandeira; ao centro, se houver bandeiras em número ímpar; em posição mais próxima do centro e à direita deste, quando o número de bandeiras for par. Considera-se lado direito o lugar que fica à direita do observador colocado nesses pontos, de frente para a rua. Nas colunas, deve ir à frente; no lugar regulamentar, se isolada; ao lado direito, se houver outra bandeira; no centro se houver mais duas bandeiras; dois metros à frente, se houver tres ou mais bandeiras que acompanhem. Quando distendida em rua ou praça, entre edifícios, ou em portas, será colocada de modo que o lado maior do retângulo esteja em sentido horizontal, e a estrela isolada acima. Quando aparecer em sala, por motivo de reuniões, conferências ou solenidades, ficará estendida ao longo da parede, por detrás da cadeira da presidência ou do local da tribuna, sempre acima da cabeça do respectivo ocupante, e colocada como foi dito acima. Quando em florão, sobre escudo ou outra qualquer peça, que agrupe diversas bandeiras, ocupará o centro não podendo ser menor do que as outras, nem colocada abaixo delas. Ao ser hasteada com as outras bandeiras, deve subir primeiro; o arriamento se fará por último. A Bandeira Nacional não poderá ser de tamanho menor que o das outras bandeiras que figurarem junto a ela. Nos desfiles, deverá ser conduzida com o efetivo mínimo de trinta e dois homens, devendo ser escudada por uma guarda de dois ou cinco escoteiros armados de bastão, colocado o porta-Bandeira entre os dois primeiros. A Bandeira não poderá desfilar em posição vertical, desfraldada.

# FEITURA DA BANDEIRA NACIONAL

(Art. 6º, da Dec.-Lei nº 4.848)



M — é o módulo, uma medida qualquer ou  $\frac{1}{14}$  da largura da Bandeira.

Comprimento = 20 M (AB). Largura = 14 M (BC).  
Distância das pontas do losango = 1,7 M (D, D', D'', D''')  
Raio do círculo = 3,5 M (EF). Centro do arco inferior = 2 M (à esq. de I) Raio do arco inferior = 8 M (GH) e do arco superior = 8,5 M. Largura da faixa branca = 0,5 M. Tamanho das letras de ORDEM E PROGRESSO = 0,33 M; largura = 0,30 M. Altura da conjunção E = 0,30 M, largura = 0,25 M. Diâmetro dos círculos em que se inscrevem as estrelas — de primeira grandeza = 0,30 M, de segunda = 0,25 M, de terceira = 0,20 M, de quarta = 0,14 M. Colocação — Espiga acima da terceira letra de PROGRESSO (0); Prócion sob a letra O de ORDEM; a estrela da extrema direita da Escorpião fica sob a última letra de PROGRESSO; as estrelas sigmas do Oitante, Alfa e Gama do Cruzeiro e a letra P de PROGRESSO ficam sobre o diâmetro vertical do círculo.



**SAUDAÇÃO ESCOTEIRA.** — Usando os Escoteiros saudações de tipo militar, são estas mantidas. Em traje civil deverão os Escoteiros adotar o que estabelece o decreto para as honras devidas à Bandeira: Atitude de respeito, de pé ou colocando a mão espalmada ou chapéu hõbre o coração.

**CONCLUSÃO:** As instruções da presente circular são dirigidas de modo especial a todos quantos possua cargos de direção nas Tropas. São normas de orientação que, bem aplicadas, representarão auxílio efetivo na grande missão de *dirigir*.

Quanto às instruções sôbre a Bandeira Nacional, inclue às últimas disposições legais, e o que já era praticado pelas nossas Tropas.

Certa, esta Diretoria, de que os Srs. Chefes, Monitores e demais Dirigentes empregarão o melhor dos seus esforços para elevar bem alto o nosso querido Movimento e ao inteiro dispor dos mesmos para solucionar os problemas de orientação que porventura surgirem, com os votos escoteiros de Sucesso e Bom Campo,

Pela Federação R. — Gr. de Escoteiros  
M. L. E. — Com.º Técnico.

ASSUNTO: *Patrulha*. — *Bandeirola-Totem* — *Fitas-de-Patrulha*. *Uniforme Escoteiro*. — Chapéu, lenço, cordão de apito, camisa, cinturão, calças, meias, sapatos.

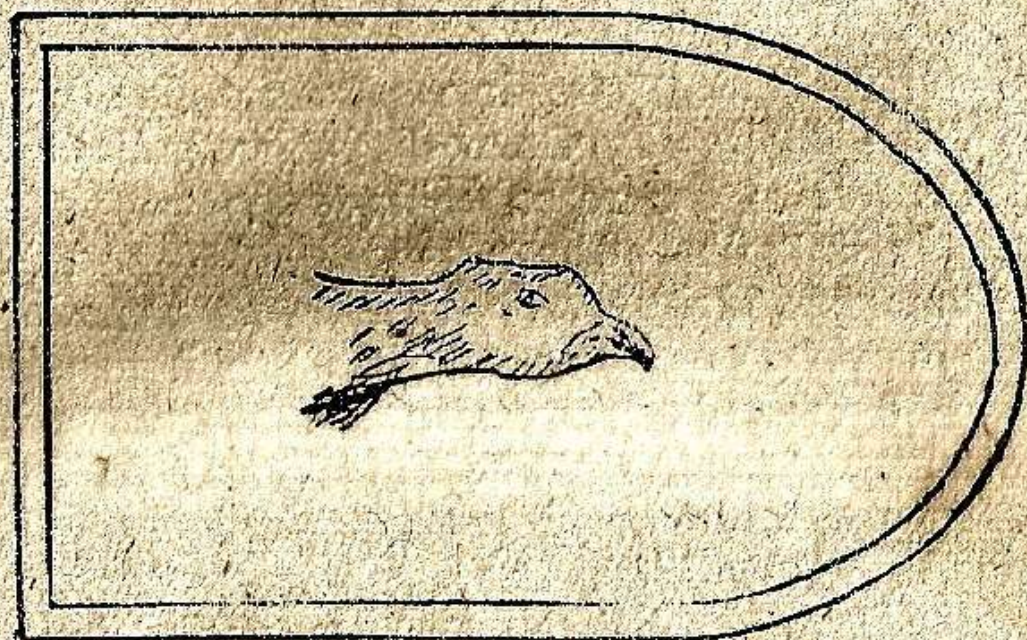
*Saudação Escoteira*. — *Méia saudação* — *Saudação inteira*.

Prezados Escoteiros, Monitores e Guias.

SEMPRE ALERTA!

**PATRULHA.** — Nada se pode negligenciar de tudo quanto contribua para dar mais união à Patrulha e criar o espírito-de-patrulha.

A *Bandeirola-totem*, com a silhueta do animal-totem, é o “pavilhão” daquelle pequeno grupo que se denomina Patrulha e lhes merece honras especiais pelo sentido que tem na vida toda da Patrulha, como símbolo, que é, desta. A *Bandeirola* é a imagem da Patrulha, apresentando no verso da silhueta do Totem, o lema escolhido pelos próprios Escoteiros como norma especial de conduta.



O modelo da *Bandeirola* se acha desenhado ao lado. As dimensões são 35x20 cms. Também as cores não são escolhidas arbitrariamente. Deve ser observado o que indica o livro “Para Ser Escoteiro”. Transcrevemos, a seguir, as cores ali indicadas e acrescentamos algumas outras, dentro das tradições escoteiras.

Pavão, verde e branco; Touro, vermelho; Tapir, ver.

de; Tigre, violeta; Lobo, amarelo e preto; Cão, alaranjado; Gato, cinzento e marron; Leão, amarelo e vermelho; Cavalo, preto e branco; Raposa (Guará), amarelo e verde; Urso, marron e preto; Pantera, amarelo; Carneiro, marron; Andorinha, azul escuro; Águia, verde e preto; Javalí, rosa e cinzento; Jacaré, verde e cáqui; Elefante, púrpura e branco; Galo, vermelho e branco; Castor, azul e amarelo; Cobra, laranja e preto.

Para a confecção da Bandeirola, proceder-se-á da seguinte forma:

1 — Sendo indicadas duas cores, a mais clara servirá de “fundo”, e a silhueta será feita com a mais escura.

2 — Indicada uma só cor, o “fundo” será *verde* (cor do Movimento Escoteiro — ramo dos Escoteiros) e deixar-se-á a cor indicada para a silhueta.

3 — Uma exceção: Para o Tapir, cuja cor simbólica é o verde, far-se-á o “fundo” dessa cor, e a silhueta em preto.

4 — O debrum é feito da mesma cor da silhueta.

As *fitas-de-patrolha* são o distintivo individual para cada Escoteiro ser reconhecido como pertencente a determinada Patrulha. Em número de 4 (quatro), pendem de uma passadeira *verde*, enfiada na passadeira do ombro esquerdo da camisa. As fitas tem 2 cms. de largura por 15 cms. de comprimento, sobrepostas duas a duas, alternando as cores que são as mesmas da Bandeirola-totem. Assim, a Patrulha-da-Raposa terá duas fitas verdes e duas fitas amarelas, presas à passadeira verde. No desenho abaixo — a) = passadeira verde, feita de uma simples fita de largura igual às outras, virando-se as pontas sôbre a passadeira da camisa para prender. — b) = fitas-de-patrolha: 1 e 4 são verdes, 2 e 3 são amarelas.

Tem-se encontrado dificuldade em conseguir, para as fitas, tecido conveniente que não desmereça ou desfie. O melhor seriam fitas de lã que podem ser

obtidas mandando “picotar” e recortar, no tamanho necessário, tecido bom, de lã. Na falta desse material, usar-se-á o que for possível adquirir, pois — “quem não tem cão...”

Escoteiro! Conserve em bom estado as fitas-de-patrolha que lhe pendem do ombro. Passe-as a ferro, de quando em quando, e substitua-as quando, por seu mau estado, ameaçarem deshonrar a Patrulha.

**UNIFORME ESCOTEIRO.** — O garbo exterior do Escoteiro reside, em grande parte, na apresentação de seu uniforme, que é simples, realmente belo — desde que esteja nas condições exigidas pelo capricho escoteiro. Seja a caminho do campo, seja em desfile ou qualquer representação, o uniforme há-de ser bem cuidado: *limpo e completo.*

**Chapéu:** A fivela da correia deve encontrar-se do *lado esquerdo.* A presilha, habitualmente, é caída para trás da cabeça, ficando o laço à frente. As abas — perene tortura do Escoteiro — devem ser *retas.* Passe-as a ferro, depois de humedecê-las. Bom auxílio dará uma tábua na qual se recortou o formato da copa, de modo a imprensar as abas sôbre a mesa ou outra tábua qualquer.

**Lenços:** Dobre-se corretamente. E’ usado *sôbre* a gola da camisa, e não por baixo da gola.

**Cordão-de-apito:** E’ objeto de muita utilidade. Mas quando limpo torna-se, ainda, belo e discreto ornamento. Use-o *por cima* do lenço.

**Camisa:** Tem gola abotoada nas pontas. Mangas compridas. No verão, podem ser arregaçadas. O “*macho*” dos bolsos deve ter cerca de 4 (quatro) cms. de largura. O Distintivo-de-Federação (fita de 2 x 5 cms.) é colocado, cosido, acima do bolso direito, e as estrelas de anos-de-atividade, sôbre o bolso esquerdo.

**Cinturão:** Faz bem aplicar-lhe, de quando em vez, um pouco de pasta de polimento, de couro. Pendure-lhe, à esquerda, o cantil, pois, à direita, vai o bernal. Polir a fivela é medida de asseio e bom-gosto.

*Calças:* Só tem dois bolsos atrás, embutidos, sem portinhola, e outro pequeno, à frente, do lado esquerdo, para o relógio ou níqueis. Qualquer outro acréscimo desta do regulamento, sendo, portanto, proibido.

*Meias:* Pretas, totalmente. O “canhão” de cor, mesmo virado com geito, acaba aparecendo. Evite-o. O “canhão” é dobrado para fora, devendo ter cerca de tres dedos de largura. As ligas devem segurar suficientemente as meias para que estas não caiam e não devem aparecer indiscretamente pelas beiradas de canhão”.

*Sapatos:* Pretos. Limpos e polidos. Proibidas quaisquer outras cores ou chuteiras de futebol. O calçado preto é, aliás, o mais econômico.

#### SAUDAÇÃO ESCOTEIRA. — Meia saudação:

1 — Quando uniformizado, usa-se para saudar a todos os iguais, incluindo sub-monitores, monitores e guias.

2 — Quando não uniformizado, usa-se para os iguais e superiores, em geral.

*Saudação inteira:* Só se faz quando uniformizado.

1 — À Bandeira Nacional, quando se não está cantando. Quando se canta à Bandeira, conserva-se a posição de “firme”, em sentido.

2 — Ao Hino Nacional, não cantado. Quando, ao ser iniciado, houver dúvida faça a saudação inteira, desfazendo-a logo que principiar o canto.

3 — Aos Sub-Chefes, Chefes e superiores, em geral.

A Saudação é feita com garbo e respeito. Ao empregá-la, o Escoteiro relembra a Promessa do seu primeiro dia de Novigo, tornando inesquecível pela emoção da solenidade que o fez cavalleiro dos nossos dias.

Observa, Escoteiro, uma Patrulha bem equipada, com seus componentes nobre e virilmente uniformizados, executando, ao passarem por ti, a saudação fraterna e enérgica — e responde: “Não deve ser assim a tua Patrulha?”

Com os votos cordiais e escoteiros de **SUCESSO E BOA ATIVIDADE,**

Pela Federação Riogr. de Escoteiros

M. L. E.

**UNIFORME ESCOTEIRO.** — O uniforme limpo e completo, por si só, caracteriza o Escoteiro. Instruções na circular técnica 6-42. Insista-se em que as meias devem ter o “canhão” dobrado para fora, não enrolado ou escondido.

**JOGO DA BATALHA:** — Dividem-se os Escoteiros em dois grupos iguais. Com uma corda ou traço delimitam-se duas zonas entrincheiradas, entre os quais fica o campo de batalha. É proibido invadir a zona inimiga. Sobre o quadril direito, os combatentes usam um lenço com uma monta enfiada no cinturão. A batalha consiste em tirar o lenço do inimigo, tornando-se êste, então, ferido. Os feridos devem deitar-se ou sentar-se ao chão. Se os aliados conseguem levá-lo à sua trincheira, ficará curado, e recolocará o lenço e voltará a lutar. Se os inimigos conseguirem levá-lo para a trincheira dêles, considerar-se-á morto. Vencerá o lado que eliminar todos os inimigos. Quem invadir o campo alheio será considerado morto. Não é permitido segurar com a mão ou o braço o lenço suspenso do cinturão. A tática consiste em procurar salvar os amigos, ferir e transportar para seu campo o maior número de inimigos e evitar o transporte dêstes para a própria zona, procurando tirar o lenço dos transportadores.

### OBSERVAÇÕES SOBRE A EXCURSÃO

**IMPONTUALIDADE:** — 3 alunos-monitores chegaram mais tarde. Não se repita.

**ORDEM UNIDA:** — Comandos: Alguns alunos não conhecem todos os principais apitos. Revisem-

nos. O exercício dará a prática de **distinguí-los bem e executar com rapidez.**

**Alto:** o apito de execução do “alto” é no pé direito. Nêsse caso, dá-se apenas um (1) passo à frente e, em seguida, bate-se o calcanhar direito ao esquerdo, na posição de **firme.**

**Marcha:** Garbo maior. Corpo ereto. Cabeça levantada normal. Mãos espalmadas. Movimento dos braços na frente do corpo. Houve descuidos nisso. Acostumar os escoteiros a manterem “linha” na marcha.

**Descansar:** Posição correta: pernas um pouco afastadas, pé esquerdo pouco à frente do direito. Pêso do corpo distribuido pelas duas duas pernas. Quando tiver de demorar nessa posição, descance as mãos no cinturão, enfiando os dedos polegares no mesmo de cada lado da fivela.

**Descansar não é à vontade** em forma.

**Firme:** Posição imóvel. Calcanhares unidos, pontas dos pés afastadas. Peito para fora (Não a barriga!) Na posição de “firme”, como na marcha, **olha-se à frente.**

(Não se vira a cabeça aos lados nem se curva ao chão).

**Evoluções:** Ao passar-se da formatura por patrulhas para a de fila-indiana, os da retaguarda devem diminuir o tamanho do passo (sem alterar a cadência). Ao fazer-se o inverso, os da testa da coluna é que devem diminuir, para dar tempo aos de trás de recuperarem o pôsto. Segue-se, logo, em marcha normal.

**Direção à direita — Direção à esquerda.** — Fazer o “pião” corretamente, sem os desvios.

**REFEIÇÃO:** - - No momento de o chefe repartir um presente recebido, um dos alunos apressou-se

em vir reclamar o seu quinhão “para não sair prejudicado”.

— Ninguém “jamais” sai prejudicado em nenhum momento da vida escoteira. . . .

JOGOS: — A **Lealdade**, cem por cento, nas pequenas coisas é a que mais se nota porque mais dignifica o homem. Houve um “trenzinho” por esquecimento disso, no jôgo do “macaco disse”.

No jôgo de “batalha” — Devem combinar-se bem os planos de ataque e defesa, distribuir convenientemente os participantes, proteger o transporte dos “feridos” amigos e atacar o dos inimigos. Atenção à lealdade — prender o lenço no cinturão ou defendê-lo com o braço.

**Observação geral:** — Por ser a primeira vez em que os alunos-monitores se encontraram vindos de diferentes tropas, notaram-se certos “desencontros” nas atividades de conjunto. Mas as falhas serão facilmente corrigidas.

**Temos muita confiança no sucesso dêste curso.**

---

II.<sup>a</sup> Reunião — Dia 3 de maio — **Caráter:** Círculo de Estudos — o Chefe — o Monitor

SER CHEFE — SER MONITOR

Servir!

— Qual a principal função do Chefe? Mandar? Fazer-se obedecido a qualquer preço?

— Não! A principal função do chefe é **SERVIR!**

Diz o próprio Evangelho — quem quizer ser o primeiro, seja servo. E acrescenta a respeito de Cristo: “Nem o filho do Homem veio para ser servido, mas para servir”.

O 3.<sup>o</sup> artigo da nossa Lei Escoteira ordena que estejamos sempre alertas para ajudar, isto é, servir ao próximo.

O primeiro dos deveres do Monitor será, pois,



servir aos seus escoteiros, e não servir-se dos seus escoteiros. O cargo não é dado para que o seu ocupante retire proveitos à sua comodidade ou vanglória, mas para que o utilize fazendo o bem aos subordinados.

Sendo nomeado para dirigir a Patrulha, tenha o Monitor sempre diante dos olhos a primeira obrigação.

“Sou chefe dos meus companheiros para servi-los!”

E é certo que, se observar com fidelidade essa regra a Patrulha às suas ordens há de ser a primeira da Tropa.

Nivelar-se!

Pode alguém servir quando se conserva distante daqueles a quem deseja levar ao bem?

— Assim como dois planos situados em altura diferente não se comunicam, assim também não pode servir o Monitor que se mantém fora do nível dos seus subordinados. Entre dois pavimentos de um edifício, colocam-se escadas, para que se encontrem. O Monitor fará o mesmo entre si e os Escoteiros da Patrulha: empregará uma escada especial e, como não poderá elevar os Escoteiros até si próprio, de um momento para outro, descera ao seu alcance para depois, então, faze-los subir. A escada especial compreende duas partes que se chamam BOA VONTADE e MODESTIA. Com tão boas auxiliares, será fácil, nivelar-se ao menor dos Escoteiros.

Se não fizer isto, ao exercer o comando, agirá como as cataratas que se despencam das grandes alturas, ferindo, com estrondo, o abismo onde se transformam em simples espuma inútil. É a imagem das ordens atiradas de muito alto: produzem inquietação e temor nos subordinados que as recebem, e, às vezes, destroem-lhe a alegria de obedecer. Tornaram-

se, então, inúteis, transformaram-se em espuma.

O orgulho é o defeito único que impede o nivelamento entre dirigente e dirigido. Esconde-se debaixo de inúmeros disfarces enganadores. Ora sopra ao ouvido que nivelar-se é perder o **prestígio** e a **autoridade**. Ora inspira a idéia de regalias que deve tomar quem está mais alto, e que se traduzem em velha fórmula: "Façam o que digo, mas não façam o que eu faço". Ora insufla a arrogância ou a gabolice. E veremos, então, o soberbo mandar com voz de trovão, para que todos os ouçam e notem quem é o chefe. Encherá ouvidos alheios com os feitos notáveis que realizou, ou os grandes planos do que pretende levar a cabo. E tôdas as suas opiniões são infalivelmente certas, rejeitando qualquer idéia contrária.

O orgulho cega. O orgulho mata.

No chefe, mata o bom senso e a capacidade de raciocinar. No subordinado, mata o estímulo para o trabalho. O orgulhoso pode ser bajulado e temido. Somente quem é humilde é amado.

O verdadeiro Monitor fala pouco de si mesmo e vai buscar na prudência dos mais experimentados as lições para agir nos casos difíceis. Seus Escoteiros são mais que colaboradores, isto é, companheiros de trabalho, porque são seus irmãos. Nas ordens, usa de moderação e permite aos comandados exprimir seu pensamento sôbre a tarefa que lhes dá. Aceita as boas idéias e reconhece as boas intenções. É estrito cumpridor do 2.º artigo e exige a lealdade em tudo por que prefere uma observação ou repreensão justa a qualquer elogio. "Mais vale um bom censor que mil cortezãos", — reza o ditado. Sabe que a humildade é poderosa conselheira, e que jamais existe, no homem, motivo para orgulhar-se.

A esse respeito, é expressivo o que se narra de

Diógenes e o Rei Alexandre, da Macedônia. De certa feita, Alexandre encontra o filósofo a remexer, com um bastão, um amontoado de caveiras. Movido de curiosidade por tão singular atitude, pergunta o rei: “Que fazes aí, ocupado dessa forma?” Responde o outro: “Procuro achar entre tôdas estas caveiras, os ossos de Felipe, Rei da Macedônia”. Felipe havia sido um dos mais ilustres predecessores de Alexandre.

Aí se vê, mais que noutra parte qualquer, a igualdade dos homens.

Cativar.

Quer dizer prender. Cativo é o sinônimo de escravo. Pois, na verdade, quem soube cativar outrem, tornou-o, de certo modo, seu escravo voluntário.

O Monitor deve saber cativar logo ao primeiro contato, pela afabilidade e alegria. É o cumprimento da primeira parte do oitavo artigo. Os rostos fechados como céu em véspera de tempestade, não constituem atrativo para colher simpatias. Livre-nos Deus de superiores carrancudos e sombrios. Quando Cristo foi interrogado por dois jovens, André e João, “Mestre, onde moras?” — respondeu simplesmente: “Vinde e vede!” E, só depois de ter passado com elles o resto da tarde e lhes ter ganho a simpatia pela amabilidade, lhes participou o segredo de sua Missão Divina. E os dois se tornaram os primeiros discípulos.

“Santo triste, afirma o provérbio, é triste santo”.

Cativar é cuidado que terá o Monitor desde o primeiro encontro, pois pelo coração se levam os homens. Cada um de nós já deve ter alguma experiência disto. Por que nos tornamos tão inclinados para este ou aquêle companheiro? Porque êle nos cativou.

Façamos o mesmo.

Amar.

O Monitor de rosto alegre cativa, no primeiro momento, a simpatia dos Escoteiros. Mas para conservar esta simpatia do começo, e criar **afeição**, é necessário amá-los.

Infelizmente, o verbo amar é empregado até com significados vergonhosos. No verdadeiro sentido é, porém, uma expressão cheia de nobresa, a mais sublime de todo o vocabulário humano. Os pais amam aos filhos e êstes a seus pais. O patriota ama a sua Pátria. O cristão ama a Deus. O Monitor ama aos seus escoteiros.

É isto mais do que ter simplesmente simpatia.

Perguntado D. Bosco sôbre como podia manter unidos a êle tantos rapazes, mau grado as privações que, às vezes, tinham de passar pela pobreza da casa, respondeu: "Amando-os!"

Será preciso, muito frequentemente, **saber perdoar** e ter **paciência**. Para a alma perfeitamente escoteira de um Monitor não será muito difícil. Quem se lembra dos próprios defeitos, das barreiras que encontrou para aprender mais de uma coisa a seu ver "difícil" e da paciência que já outros tiveram para com êle, também achará o caminho a seguir. É inevitável que os inexperientes causem desgostos, cometam falhas e até dêem um ou outro prejuizo à Patrulha por estouvamento ou excesso de boa vontade. Para tudo isto, há um só remédio: **saber perdoar** e ter **paciência**. Pergunte-se o Monitor: "Não fui assim, também?" "Pai, perdoai-lhes porque não sabem o que fazem!" disse Nosso Senhor na sua dolorosa agonia. Ora, se até para a fria e crua maldade se merece o perdão, quanto mais para êsses pequenos contratempos tantas vezes involuntários, e sem malícia.

E' certo, ainda, que nada cresce numa hora apenas, nem Roma foi feita num dia. Muita paciên-

ela, pois, e em primeiro lugar, paciência para **con-**  
**sigo mesmo!**

Dedicar-se como que “a prestações”, medrosa-  
mente, não é ser sincero, é temer as consequências  
da generosidade. Mais vale permanecer inerte que  
representar êste simulacro de dedicação. Esta, quan-  
do verdadeira, leal, chega naturalmente ao sacrifício.  
E a dedicação dura o tempo que vive o Ideal: **sempre.**

**Dedicar-se.**

Amando, querendo o bem aos seus Escoteiros,  
acha-se o caminho da dedicação. Não basta conhecer  
o Ideal Escoteiro. É preciso VIVER êsse Ideal, isto  
é, fazer da Promessa e da Lei, do cumprimento total  
dos deveres para com Deus, a Pátria e o Próximo, a  
regra de todos os instantes de vida. Dedicar-se quer  
dizer **dar-se, entregar-se.** E a não ser que o Monitor  
proceda assim, **dando-se** à sua Patrulha, não conse-  
guirá jamais coisas dignas de nota. A dedicação é  
esfôrço pelo qual todos os atos convergem para um  
só fim. Nada de grandioso nem meritório existe no  
mundo sem essa condição. Grande é o chefe que  
sabe dedicar-se, desinteressadamente, sem esperar re-  
compensas nem aplausos, familiarizando-se, até, com  
a incompreensão e as oposições.

Até **onde** e até **quando** o Monitor deve dedicar-se?

A melhor medida de se dedicar é **dedicar-se sem**  
**medida!** És cristão? Olha o crucifixo! é a maior res-  
posta. Até alí, vai o sacrifício de quem quer dedi-  
car-se, devéras, totalmente!

**A dedicação até o sacrifício é a única moeda que**  
**compra a vitória.**

A reunião decorreu sob a forma de círculo de  
estudos, com perguntas e discussões de idéias, apre-  
sentação de exemplos conhecidos sôbre a matéria trá-  
tada, etc.

A presença foi total. Compareceram mais qua-

tro Escoteiros inscritos, tornando-se indispensável organizar mais uma patrulha, constituída assim:

Calvino Corsetti (Central) (Mon.)

Litel Muniz (Central) (Sub.)

Gerson Vasques (Tupãcí)

Ademar Carapeços (Tupãcí)

Olmiro Ennes (Tupãcí)

Nome escolhido: Patrulha da RAPOSA.

LEMA: — **“Um por todos, todos por um!”**

Nesta reunião ficou definitivo o número dos alunos do 1.º Curso de Monitores, pois se estabeleceu que o máximo tolerável de ausências às atividades, seria em número de duas (2), encarando o aproveitamento que se pretende alcançar. Alunos Munitores: 23 (vinte e três).

SUBSTITUIÇÃO DE MONITORES: Cada aluno ocupará o cargo de Monitor da Patrulha, a começar pelo Submonitor. Este cargo será então, preenchido à escolha do Monitor recém empossado.

ATAS: Das reuniões, lavraram-se atas no livro da Escola de Monitores.

APRECIÇÃO NAS REUNIÕES. — Em alguns casos, a atenção tem deixado a desejar. Os interessados devem corrigi-lo. Em parte, a falha é devida ao número elevado de alunos. Mas a boa vontade de todos suprirá quaisquer inconvenientes inevitáveis que surgirem.

CORRIGIR: a desatenção, conversas desnecessária etc. Tomar parte ativa nas perguntas que se fazem. Expôr as suas idéias sem medo de errar. Escutar, refletir e concordar ou contradizer, corrigindo.

BOLETIM N.º 2

*Carater*: Circulo de Estudos — Autoridade, Inicialiva.

3.ª Reunião

**AUTORIDADE**: No caminho que o Monitor vem seguindo, aproxima-se êle, cada vez mais de firmar *naturalmente*, sem choques inúteis, com menos dissabores e muito mais solidez, o seu prestígio, a sua **AUTORIDADE**.

Como verdadeiro chefe, que é, de uma Patrulha, o Monitor tem direito a se fazer obedecer. Mas não é o título que lhe dará esse carater de autoridade, e sim as *boas qualidades que possuir*.

Elas nos são, em primeiro lugar, dadas por Deus ao nascermos. Entretanto, nenhuma delas é perfeita, completa, desde logo tão desenvolvida que baste para o nosso officio. Quer dizer, pois, que devemos — o Monitor deve — continuamente *aprender a mandar*, sem nunca esperar um *anel de "doutor"* nessa missão difficil que é dirigir homens. Os animais que governamos ao nosso prazer ou conveniência são irracionais, e os nossos erros não terão consequências para êles. Mas na direção do nosso proximo, há sempre uma alma em jôgo, um carater, a vida toda de um homem, e as nossas faltas, às vezes, podem ser irremediáveis pelo efeito desastroso que produziram.

Houve quem recomendasse ao chefe pensar cem vezes antes de dar uma ordem. Pode, em geral, não ser preciso tanto, e, doutras vezes, ser preciso mais. Em todo o caso, numa Patrulha ou Tropa, como em qualquer parte do mundo, é preciso haver *alguém que dê ordens*, e que *essas ordens sejam cumpridas*.

Se êsse alguém és tu, faz o teu possivel para desempenhares com dignidade êsse officio, nobre entre todos.

O bom Monitor tem tanta autoridade que nunca precisa fazer uso dela. Aprende a fazer-se obedecido

ainda quando não esteja mandando. E o maior erro cometeria, se se habituasse a dar ordens com rispidez, voz seca ou a berros e empurrões.

E' bem verdade, quando se sobe a um posto de comando, parece que tudo se torna diferente, que se não se mostra sisudo, de rosto contraído e muito sério, as ordens não saem direitas da garganta.

E' grande erro, meu amigo. Embora não chegue a ser isto orgulho deveras, os companheiros e subordinados o tomarão como tal. E os comentários surgem: "Fulano, agora que é Monitor, pensa que é melhor que os outros. Só anda sério para se dar importância!" Sentir-te-ás magoado com isto, tanto mais porque não corresponde à realidade. E os Escoteiros, por sua vez, hão de sentir-se feridos com tua atitude "superior" de "autoridade".

É preciso cuidar muito! A autoridade é como um vinho saboroso e forte. E' agradável para quem o bebe. Desce facilmente ao estômago, mas também logo sobe à cabeça, embriaga, atordôa! Não te deixes, meu amigo, embriagar pelo teu posto de Monitor! Porque, então ao invés de subires na consideração e estima dos teus, em breve te verás abandonado e, o que é pior, desmoralizado. Usa da tua autoridade assim como gostarias que outros a usassem contigo. O respeito não se impõe, conquista-se!

**INICIATIVA:** É coisa importantíssima na atividade. Os grandes empreendedores na ordem material ou técnica, os realizadores de obras sociais e espirituais, os grandes homens em todos os campos de ação, devem o melhor dos seus sucessos ao seu espírito de iniciativa.

*Iniciativa* — origina-se de "iniciar", "principiar". Realmente, para conseguir alguma coisa, para chegar a um fim, é indispensável, primeiro, "iniciar". *começar*, e isto supõe:



ter olhos — e saber ver,  
idear, inventar, e  
saber agir por si próprio, isto é, ter decisão.

Certa vez, numa linha férrea dos Estados Unidos da América do Norte, ocorreu um descarrilhamento de trens. Avisada a estação principal, não se encontrava ali nenhum dos chefes do tráfego. Ao inteirar-se disto, o telegrafista, por determinação própria, ordenou às estações circunvizinhas de reterem os comboios, afim-de evitar o congestionamento das linhas perto do local do sinistro. Além disto, telegrafou ao posto de socorro mais próximo para que enviasse, com urgência, o auxílio necessário. Foi o ponto de partida de uma brilhante carreira. Esse empregado subalterno viu-se elevado, gradativamente, pelos superiores, — e chegou a ser Carnegie, o rei do aço.

O Monitor de iniciativa nota as faltas da Patrulha, procura achar o remédio para os males verificados, e os põe em prática com energia e decisão.

A iniciativa pode apresentar duas faces: uma, que diz respeito ao próprio monitor: desenvolver os meios de sua atividade, *melhorando-a e extendendo-a*. Outra, que toca também aos Escoteiros: *aceitar e adotar prazerosamente as boas idéias dêles*. Serão erros opostos rejeitar sistematicamente qualquer idéia nova, razoável — ou aceitar *tudo*, sem escolha, sem examinar se se adapta aos casos em vista.

Também pode ter duas consequências a *ousadia* ou a *temeridade*.

Ousado para o que fôr bom e proveitoso, o Monitor o deve ser. A *ousadia* nas coisas razoáveis é sinônimo de coragem verdadeira, de destemor, — é virtude. Defeito, porém, será a *temeridade* lançar-se em aventuras descabidas, sem propósito, sem saber onde irá parar. Ousado é quem, a-pesar-de grandes dificuldades, se dispõe a vencê-las porque atrás existe um grande alvo, mais importante que todas elas e digno de ser atingido. Se-

rá *temerário* quem não mede a proporção descabida entre o tamanho e quantidade dos prováveis sacrifícios, e o diminuto valor do objetivo a conquistar. A ousadia se esteia na razão, a temeridade, quasi-sempre, no compromisso. — OUSAR e FAZER, eis bela norma para o Monitor: *ousar* querer que sua Patrulha seja a primeira da Tropa — e fazê-lo! “Faltam-me idéias”, pode alguém dizer. Ora, não se exige que tudo seja fruto somente das *suas* idéias. Aliás, será muito difícil encontrar alguma inteiramente “nova”. Em geral, as idéias nascem de outras relativas a situações semelhantes à atual. Para “ter idéias” basta o convívio com pessoas mais experimentadas, Chefes ou Monitores, a leitura de obras e revistas escoteiras, ou as perguntas de consulta a outras pessoas e instituições capazes de nos satisfazer. Também os próprios Escoteiros, quando existir verdadeira vida de Patrulha, serão férteis em idéias que o bom senso do Monitor saberá aproveitar.

### OS DEGRÁUS DA INICIATIVA:

O espírito de iniciativa, ao desencadear-se em ação, apresentará cinco degraus sucessivos, desde o começo ao fim da atividade. Por êles, a eficiência é certa.

PREVER — ORGANIZAR — COMANDAR —  
COORDENAR — CONTROLAR — Vejamos:

**PREVER:** — Quer dizer “*ver antes*”, O QUE *fazer*, e COMO *fazer!* — isto é: antes de mais nada, é preciso saber com clareza o que se quer, e a maneira de realizar o que se quer. Depois disto, unicamente, é que se poderá pensar em agir.

Nada se faz sem um plano que pode estar só no pensamento ou também escrito no papel. Pois bem. O Monitor deve habituar-se a fazer *planos escritos*. O “preto no branco”, auxilia imensamente a ver *claro* as coisas. Para êsse plano, qualquer que seja a sua finalidade, é indispensavel **PREVER**.

PREVER — para realizar, construir;

— para não ser surpreendido por embaraços, às vezes tão insignificantes mas capazes de abater tudo o que se sonhou;

— para não arquitetar planos incompletos, imperfeitos ou falhos que venham a comprometer talvez a própria existência da Patrulha;

PREVER *tudo*, para ter planos e ação perfeita;

PREVER *sempre* para ter, o quanto possível, certeza do êxito.

É sabido que todas as derrotas trazem na sua história um “mas...” com o qual são se contava, e que transtornou tudo.

Por isto: Nada realizar, sem que seja *planejado*.

Nada mandar, sem um *programa de ação* que sintetize o plano.

Nada planejar sem que *seja possível* realizar.

Em linguagem escoteira, qualquer plano, do modesto ao mais grandioso sempre visa um bem, algo de bom e útil. Daí, idealismo nos planos, que podem ser grandes e devem ser otimistas. Mas também, devem ser *calcados* na realidade. Não se constroem castelos no ar — a não ser em fantasia. Ora, o Escoteiro é idealista, não fantasioso. Sentar-se à mesa e rabiscar com o lápis um plano qualquer sem procurar ver se pode ser executado, se está de acordo com a realidade a melhorar ou desenvolver, seria o mesmo que talhar uma roupa a êsmo, e depois pretender enfiar-lhe dentro a pessoa. Não é a realidade que se deve adaptar aos planos, mas são os planos que se deve adaptar a realidade.

Não cuidar disto, é fazer, em última análise, um plano mentiroso. Algumas pessoas há, que pretendem possuir tamanha confiança em Deus, que se dispensam do esforço de pensar. E' correto? — Não! Evidentemente se há de confiar mais em Deus que nos homens ou em si próprio. Mas isto não tira a ninguém a obrigação de

trabalhar. Deus ajuda a todos, inclusive ao Monitor, — mas quando este merecer, pelo esforço, a ajuda de Deus.

O homem previdente cavou bem fundo e edificou os alicerces da casa sobre a rocha.

Só os imprevidentes constróem sobre a areia. — Qual dos dois homens serás Monitor?

**ORGANIZAR:** — Depois de previstas as coisas, é mistér dispôr tudo de tal forma que se encaminhe ao objetivo do plano. Cada plano visa um *fim*. Organizar é ordenar os meios de que se dispõe, na direção dêsse fim. É dar à cada pessoa ou coisa, por menos importante que seja, a posição verdadeira que deve ocupar no itinerário de toda a acção. É claro que êsses meios variarão de acôrdio com o que se quer atingir. Para uma partida de Futeból, as providências são diferentes das de um torneio de sinalização, ou de uma visita a outra Patrulha na sôde. E assim por diante. Cada caso, pois, tem a *sua* organização na qual hão de entrar, por força, *pessoas e coisas*: jogadores, bola, campo, etc. para futebol; concorrentes, bandeirolas, regras, de competição, etc. para o torneio citado. Saber o *lugar* e o *valor* de cada uma dessas pessoas ou cousas e distribui-las convenientemente, é o que se chama *organização*.

Também nesta, se deve ser realista, e contar com as falhas e imperfeições dos auxiliares e dirigidos. Convém não esquecer jamais: deve tomar-se as pessoas como elas, são, e não como se desejaria que *fossem*.

As circunstâncias também podem mudar durante a execução de um plano e transformá-lo em parte ou no tódo. Então, será preciso readatar-se à nova situação para vencê-la. É notavel princípio de sabedoria a regra: Quando se não tem o que se quer, contenta-se com o que se tem! E avante!

O Monitor será *organizador realista*, e igualmente afastado dos negros pessimismos ou do otimismo demasia-do róseo. Aos Escoteiros da Patrulha, que serão colaboradores, todos êles — isto é, companheiros de trabalho —

devem ser dados, o quanto possível, encargos, funções, tarefas onde as qualidades sejam bem aproveitadas e os defeitos anulados ou barrados.

O Monitor aprenderá a tirar partido de tudo, pelo lado prático, dispondo todas as partes de tal forma que se completem, o mais possível, para um objetivo único: o fim a alcançar. Pois é em função d'êste que o resto existe no plano, e para lá deve convergir.

Efetuuou-se, a seguir, a substituição dos Monitores pelos Submonitores, conforme previsto, elegendo êste o seu substituto, na submonitoria.

---

*Acampamento.* Dias 9/10 de Maio — Local: BELLEM VELHO

*Caráter:* Vida de campo, exercícios técnicos.

*Base:* Atividade de Patrulhas. Para as barracas cada Escoteiro leva duas estacas. Alimentação: prato único, simples abundante e nutritivo. Mantimentos contribuídos pelos Alunos-Monitores. Pão levado individualmente.

*Ponto de encontro:* Séde da F. R. G. E., às 17 hs.

*Despeza:* Cr\$ 0,60 (Sessenta centavos) para ida e volta de bonde.

## PROGRAMA

### Dia 9

— 17 horas — Encontro e partida

Chegada. Armar barracas.

Jantar: Café com leite e pão.

21 horas — Breve palestra ao redor do fogo.

22 horas — Silêncio. Ronda.

### Dia 10

— 5,45 — Alvorada. "Toilette" individual, depois de rápida corrida e exercício respiratório.

6,30 — Assistência à S. Missa.

7,30 — Café.

- 8,00 — Hasteamento da Bandeira. Avisos.  
8,15 — Exploração do local.  
8,45 — Lei Escoteira. Interpretação dos artigos 3.º a 7.º. Jôgo-da-Lei.  
10,30 — Preparo do almoço e exercícios de sinalização.  
11,45 — Almoço. Palestra em comum.  
12,30 — Limpeza da cozinha. Desarmar barracas  
13,00 — Promessa. Interpretação.  
14,00 — Exercício de nós e sinais de Pista.  
15,00 — Jogos: Escalada de árvores — cabo aéreo.  
15,40 — Café.  
16,00 — Aprontar-se para levantar acampamento. Arriamento da Bandeira. Apreciação das atividades.  
16,30 — Regresso.

---

LEI DO ESCOTEIRO: — (Alguns dados sôbre a interpretação. Ver o mesmo assunto nas obras: "Guia do Escoteiro" — de Velho Lobo, o "Para ser escoteiro" — de Floriano de Paula).

3.º Artigo: *O Escoteiro está sempre alerta para ajudar o próximo, e pratica diariamente uma Boa Ação.*

O próximo são todos os homens. Ajuda-los quer dizer socorrê-los em suas necessidades, grandes ou pequenas, por um ato de caridade ou por simples obséquio. Sempre se entende o auxílio para o bem, porque todos os artigos da Lei andam juntos. Não seria "ajudar", escoteiramente, o auxílio ao mal. Furtar, por exemplo, vai de encontro ao 9.º artigo: Ajudar o furto, pois não seria ato escoteiro, além de ser, para qualquer homem honesto, um crime. Não se pode praticar um artigo da Lei contradizendo o outro.

A *Bôa Ação* é a principal obrigação diária. Levante-se o Escoteiro, cada manhã, lembrando-se dela. Quando uniformizado, faça um nó no lenço como é de praxe, afim de não esquecer. Nos outros dias, deixe qualquer lembrete

sôbre a mesa, no livro de aula, junto à cabeceira ou onde o enxergar mais facilmente. E' feita a Bôa Ação, com toda a consciência de um grande dever. Assim, a pouco e pouco, a vida do Escoteiro se transformará, tôda ela, numa Bôa Ação contínua que o tornará digno — usando as plavras de nosso Presidente, no dia de S. Jorge — “da gratidão da Pátria, a admiração dos semelhantes e a amizade de Deus”.

A Bôa Ação, pela sua importância extraordinária, é sempre escrita com letra maiúscula e o Monitor ha-de zelar, cuidadosamente, para que seus Escoteiros também a pratiquem de “modo maiúsculo”, isto é, caprichada, bem feita. Não tem direito ao repouso da noite o Escoteiro que não fez a Bôa Ação.

4º Artigo: *O Escoteiro é amigo de todos e irmão dos demais Escoteiros.*

Amizade, não quer dizer familiaridade, intimidade. A prudência e a boa educação ensinam a reserva diante das pessoas estranhas.

A Fraternidade é a mútua estima que reina entre a grande Família Escoteira, como irmãos, que são, duas vezes: primeiro, como homens; segundo, como Escoteiros. É infelizmente, verdade, que há irmãos cujas relações se assemelham às de cão e gato. Pois bem, entre Escoteiros, não há-de ser assim. Quem não souber proceder como irmão, também não sabe proceder como Escoteiro. Não serve para nenhuma Patrulha ou Tropa.

5º Artigo: *O Escoteiro é cortez. Exemplo:*

Numa sala de espera ou bondes ceder lugar aos mais velhos ou superiores.

Num passeio ou escada: o lado interno ou do corrimão nos mesmos casos.

Numa passagem, corredor, etc. dá-se dianteira à outra pessoa.

Ao falar: descobre-se a cabeça à frente dos mais idosos ou superiores não escoteiros.

Não se atalha a conversa dos superiores ou mais velhos. Espera-se para responder.

As palavras grosseiras, bem como a ira, são indignas do caráter que se preza.

Ao entregar objetos, como talheres facas, etc.: pegase, com a mão direita, pouco acima do meio do cabo, ficando êste livre para ser agarrado. Os defeitos de outrem, físicos ou morais, podem ser notados, mas são silenciados.

Ao mastigar-se, não se fala.

Um “muito obrigado” ao receber um obséquo, e um “faz favor” ao pedir alguma coisa, são sinais de boa educação.

Os mais moços cumprimentam os mais velhos em primeiro lugar. Aos Escoteiros, a saudação é esmerada.

6.º Artigo: *O Escoteiro é bom para os animais e as plantas.* Animais e plantas são servidores leais do homem. Prejudicá-los é prejudicar-se a si próprio. Pode ser, ainda, um roubo feito a outrem, um estrago à propriedade alheia.

7.º Artigo: *O Escoteiro é obediente e disciplinado.* Um só apito, uma só ordem basta. Não existe a tirania entre irmãos Escoteiros. Tão pouco a anarquia.

A pontualidade é virtude excelente: hora marcada não quer dizer vinte minutos depois.

Não se acomodará à vida escoteira quem não souber obedecer por honra e vontade própria. Acotumar-se a si e aos da Patrulha, à pronta obediência e disciplina é constituir um grande benefício para o momento atual e para o futuro. Sem essas virtudes, não cumpriremos o lema de nosso Pavilhão Nacional. Obediência e disciplina são imprescindíveis à Ordem e Progresso de uma Patrulha como da Pátria.

ALMOÇO. Preparado para o conjunto. Massa com molho de linguiça. Enquanto os cozinheiros e auxiliares, em número de quatro, se exercitavam ou aprendiam a



cozinhar, os demais se ocupavam com semáforas e Mor-  
no.

PROMESSA. — (Ver os livros anteriores citados,  
nessa parte).

— Prometo, pela minha honra: cumprir o meu dever  
para com Deus e a minha Pátria; ajudar o Próximo em  
toda e qualquer ocasião; e obedecer à Lei do Escoteiro.

Praticados os deveres para com Deus, Criador e Se-  
nhor do universo, não existem obrigações superiores às  
que o homem tem para com a Pátria, o maior dos presen-  
tes que Deus lhe fez.

A Pátria é uma grande família que se ama de todo o  
coração, por pensamentos e atos, e não apenas dos lábios  
para o exterior.

Amar a Pátria é amar tudo o que a engrandece e por  
isto lutar. A virtude, o caráter dos filhos é que cons-  
tituem a grandeza de uma família. Assim, também, no  
grande lar brasileiro da nossa Pátria. A virtude dos  
seus homens, e a integridade do seu caráter é que torna-  
rão o Brasil grande e forte, pois delas dependem todas  
as realizações.

Como Escoteiros, compreendemos que tudo o que  
fazemos para a formação nossa e dos nossos irmãos, o  
estamos fazendo para o Brasil.

Amamos a Deus, amamos a nossa Pátria, amamos  
o nosso Próximo. Não são três afetos diversos, mas um  
só, exprimido de três modos pela nossa dignidade de  
filhos de Deus, filhos do Brasil, irmãos de todos os bra-  
sileiros. Sabemos que nossa Pátria só será grande en-  
quanto respeitar a Deus e que os seus filhos só terão a  
nobreza viril de respeitá-la acima dos homens enquanto  
tiverem Deus na consciência.

Num sentido extenso, o nosso próximo são todos os  
homens. O Escoteiro, pois, ajuda a todo o homem brasilei-  
ro ou de outro país, desde que isto não seja contrário ao  
dever para com a Pátria. Servir o próximo, contra a  
Pátria, seria traí-la. Assim como também não seria ser-

vi-la mas deshonrá-la se se pretende, em seu nome, desobedecer e desservir a Deus.

### *Apreciações das Atividades.*

*Frequência.* Muito fraca. Apenas 11 de 23 inscritos. Várias justificações. Cabe o ocorrido, em parte, ao tempo frio e ameaçador de chuva... que se mudou num sol esplendido. (Fez-se até a observação de que Nosso Senhor foi Escoteiro — sabe o quanto custa passar o dia com mau tempo, fora de casa).

O resultado: as atividades não puderem ser feitas por Patrulhas.

7.º *Artigo.* Deixou, ainda um pouco a desejar. O cansaço não deve fazer esquecer a obrigação de estar sempre alerta. A rapidez na execução poupa tempo e permite maior aproveitamento.

*Ronda.* Barulho pela madrugada, conversa. Numa barraca, duas vezes, demorou a ser apagada a luz.

*Alvorada.* A cama é boa ... ainda quando se sente um pouco de frio. Levantar rápido faz passar o frio e desentorpece os membros. Fiquem-no sabendo os interessados.

*Caminhada.* Quando fora de forma, todos caminham juntos. Ficar atrás, por descuido é quebrar a unidade do grupo — e arriscar-se a chegar atrasado.

*Limpeza do Acampamento.* Papéis, pedaços de corda, pelo chão etc. podem ser enfeites em qualquer parte, menos num acampamento escoteiro. O Escoteiro é limpo, em si mesmo, na barraca, em toda parte.

*O Escoteiro é irmão dos demais Escoteiros.* Um petisco saboroso ainda se torna mais apetitoso quando repartido com os Irmãos Escoteiros. A fraternidade é para com os outros, não para consigo próprio.

*Imprevidência.* Faltou a alguns: vela, fósforos, estacas, corda para a barraca e exercício de nós, macete. Demorou a instalação do acampamento.

*Observação importante:* Os que se comprometem ao acampamento e falham, devem habituar-se, caso não pos-

sem avisar em tempo, a entregar a sua *contribuição de mantimentos* a outro Escoteiro que compareça. Do contrário, poderão os demais, à última hora, ver-se privados de coisas indispensáveis, sem poderem remediar a situação. Não se deu tal caso no presente, mas por pouco. Apenas alguns se lembram de proceder como convém.

A *ambulância* de Tropa ou de Patrulha não deve ser esquecida nunca.

*Em resumo*: Está bem melhor a atividade em comparação ao domingo anterior. Trabalhou-se mais, embora não suficiente. O tempo é curto e ainda muito falta a ver. O próximo acampamento, por certo, será melhor ainda, pois estamos em bom caminho para êxito.

Recebemos a visita de dois monitores do Grupo de São João e, pouco depois, do Chefe João Garcia, do mesmo. Ao regresso, quizemos retribuir a visita, no que fomos impedidos pela demora de um desvio feito.

O último atalho pelo morro da Glória deve ter feito baixar um pouco as bochechas do seu *descobridor*, exercitando, em todos, além disso, a habilidade em equilibrar-se e a prática do 8.º artigo. Foi bom! Todo acampamento deve começar e terminar em alegria.

*III.ª Reunião Dia 11 de Maio — Caráter: Círculo de Estudos. — Iniciativa (Continuação)*

Ao início, foi comunicado o resultado do último acampamento. Foram canceladas as inscrições de três alunos-Monitores por haverem ultrapassado o limite máximo de duas ausências às atividades do Curso.

Breve recapitulação do Círculo anterior. Continuação:

**COMANDAR.** Todo o grupo humano, antigo ou moderno, está debaixo das normas de um comando não importando o nome de seu chefe: cacique, rei, imperador, presidente, etc. O comando da Patrulha pertence ao *Monitor*.

Depois de *prever e organizar* a ação, é necessário *comandar* para que se realize.

As ordens devem ser *claras, concisas, e poucas* de cada vez . .

*Claras* para que se compreendam bem e evitem erros.

*Concisas* para que sejam facilmente retidas na memória.

*Poucas*, pelo mesmo motivo, e para que não embaracem umas às outras.

Manda-se com *decisão e firmeza*, de geito que o executor sinta que se não voltará atrás. Portanto, não se dão ordens contraditórias ou precipitadas. Note-se: decisão e firmeza não querem dizer brutalidade, sequidão ou azedume. Nêste caso, haveria arrogância, imposição, orgulho, egoismo escondidos no Monitor.

As ordens claras concisas, firmes e decididas serão, além disso, eminentemente *leais*. Não pretender, pois, diante de um fracasso ou perigo, haver dado ordens diferentes das executadas, torcendo-lhes o sentido. Seria vergonhosa infração do 2.º artigo.

Afora essas qualidades, a ordem de comando tem de passar através dos subalternos. Isto é, existindo na Patrulha algum encarregado para determinada coisa, tudo o que se referir a esta deve ser feito por intermédio daquêle. Se, em algum caso de urgência se tiver de passar por cima de sua autoridade, deve ser avisado disto na primeira ocasião. Senão, haverá, em breve, justo desgosto pelo *desprestígio* em que se sentirá, ao par da *desordem* trazida ao serviço.

Mas não apenas as autoridades subalternas deverão ser respeitadas pelo Monitor. Também a dos superiores deve conservar-se intata. Conta a lenda que Apeles, célebre pintor da Grécia, expos, certo quadro, escondendo-se por detrás a-fim-de ouvir a apreciação dos transeunees. A certa altura, alguém fez a crítica de uma chinela mal apresentada. Era um sapateiro. Inteirado disto, Apeles não exitou em fazer desaparecer imediatamente o defeito, voltando a occultar-se, no dia

seguinte, por detrás do quadro corrigido. Aconteceu voltar por ali o mesmo homem que, satisfeito pela emenda, ousou achar falha nova, desta vez na perna de uma das figuras. Então Apeles, surgindo inesperadamente do esconderijo, admoestou com severidade: “Não suba o sapateiro além da chinela”.

Conserve-se o Monitor em sua posição. Não suba, também êle, além da chinela. Resumindo: Não passe por cima da autoridade dos mais altos nem diminua a dos subordinados.

COORDENAR. É fazer cada coisa funcionar em harmonia, e a seu tempo.

Que são movimentos desordenados? São os que se executam, no dizer da própria palavra, *sem ordem*, a tôrto e a direito.

Que são movimentos coordenados? São os que se desenvolvem *em ordens uns com os outros*. Dois exemplos: um indivíduo que não saiba nadar, ao ser atirado nágua, debater-se-á, fará *movimentos desordenados*, fatigando-se, exgotando e morrendo, se não for socorrido. O nadador porá seus membros, pernas e braços, em *movimentos coordenados*, fará a respiração *coordenada* com êstes, salvar-se-á sem fadiga nem perigo.

O mesmo se dá com a atividade da patrulha. A coordenação de esforços traz mais êxito com menos desperdício de energia. Num maquinismo, rodas pequenas e grandes se engrenam para que resulte o movimento eficiente. O rendimento superior só se obtém alimentando os esforços bem lançados, e corrigindo os que avançam pelo exagero, pois estes geram os atritos, os desgastes, cansaço, pêso morto. A bôa coordenação afasta, elimina ou atenúa êsses inconvenientes, porque, durante a marcha da atividade, cuida para que cada Escoiteiro se dedique exclusivamente ao seu trabalho, sem desvio de energia ao campo de outros.

Na Patrulha, em qualquer empreendimento, *nada* nem *ninguem* deve atuar isoladamente. *Tudo e todos*

hãode funcionar em coordenação recíproca. Ao Monitor cabe êste papel superior e inteligente de coordenar.

**CONTROLAR:** — É o telhado da casa que se chama “atividade da Patrulha”. Só paredes, de pouco ou nada servem. A cobertura é o arremate. Num plano de ação, êsse arremate é o contrôle.

*Controlar* significa — **VERIFICAR**, — isto é, descobrir a verdade. Tem a mesma função dos sentidos no corpo humano: saber e levar o conhecimento da cabeça o que se passa em todo o organismo. O Monitor que controla, se inteira do funcionamento de toda a Patrulha.

Ordem dada e não controlada é mais ou menos como um *tiro dado no escuro*, porque não se sabe se atingiu convenientemente o alvo. Pode ter havido erros de *Previsão, Organização, Comando, Coordenação* não percebidos justamente pela falta de contrôle. Consequência: o esforço e dedicação de todos inutiliza-se ao menos em parte. E daí insistir-se futuramente que o programa foi *mal previsto, a organização está mal feita, as ordens são absurdas, as atividades se chocam*.

Controlar não quer dizer unicamente, examinar, ao fim, o resultado a que se chegou, para tirar conclusões. Assim procedendo, se obteriam, no máximo, lições para o futuro, nada podendo corrigir no presente, porque tudo já passou. “Depois de morto o burro, só resta enterra-lo ....”. O controle verdadeiro se exerce durante *toda a ação*, do primeiro ao último ato, com o propósito de *retificar, em tempo*, o que está mal e chegar efetivamente ao resultado visado.

O Monitor deverá dar sómente aquelas ordens cujas consequências possa verificar e apreciar por um contrôle *racional*, isto é, que não tome aspeto de *vigilância* desconfiada e opressiva. E observará, especialmente, onde se acha a falha do plano: se na *Previsão*, na *Organização* — das pessoas e das coisas — no comando ou na coordenação.

Feito isso, achar-se-á em condições de poder corrigir os erros notados. Uma observação: Adquira o Monitor o senso do contrôle para não falhar. Mas não pretenda controlar *todas as ninharias* que competem aos outros, e que seriam apenas ladrões de energia e tempo.

Lápis e caderneta à mão, é ótima providência desde o início da *Previsão* até o fim do Contrôle.

Eis, aproximadamente, o "momento" em que devem agir os cinco princípios acima expostos (chamados Princípios de Fayol, engenheiro francês);

PREVER —

ORGANIZAR — antes da ação, para que esta se desenvolva depois.

COMANDAR — *início* da ação. Desencadeia-se a atividade.

COORDENAR —

CONTROLAR — *durante* todo o desenvolvimento da ação, até o fim.

Depois do trabalho, sempre resta uma lição que o tino avisado do verdadeiro Chefe ou Monitor nunca mais deve esquecer: é a lição da experiência adquirida. Boa ou má.

**EXECUTAR:** — Para que se faz um plano? Para guardar numa gaveta? Seria desperdício de trabalho.

É feito para *ser executado, de começo a fim!*

O plano é bom, está bem elaborado, é realista? completo? Mãos à obra, com *otimismo* e *entusiasmo!*

Que é OTIMISMO? Deriva-se de "ótimo". É, pois, a disposição que se tem de encarar as coisas, os acontecimentos, as pessoas, pelo seu melhor aspêto, pelo seu lado "ótimo".

Dizia o nosso Fundador, Baden Powell, que em *tudo* e em *todos* existem, ao menos, 5% de bom. O problema se resume em tomar êsses 5% e procurar desenvolvê-los o mais possível. Talvez até 70 ou 80 por cen-

to. A cem por cento, isto é, à perfeição, ninguém e nada chegará neste mundo.

Dizem, ainda, que em todas as coisas pode haver cem facetas. Habilidade é tomá-las pelas facetas agradáveis e dignas de serem aproveitadas.

O Monitor, como todo Escoteiro, só tem motivos de ser otimista. E, com esta disposição, boa parte das batalhas estão ganhas de começo.

Há dois erros contrários ao otimismo *verdadeiro*, *audaz*:

1.<sup>o</sup> — O PESSIMISMO, que é exatamente o inverso. Vê só o lado negro de tudo. Porque os olha em seu “pessimismo” aspecto. De onde o nome de “pessimismo”. — Tem como companheiro o DESÂNIMO.

2.<sup>o</sup> — O OTIMISMO EXAGERADO. É o otimismo do cego. Não vê o perigo. Tudo são flores e festas. Não conta com os espinhos e as lágrimas que acompanham a dedicação e sacrifício, e é tão prejudicial ou mais, ainda, que o anterior. A TEMERIDADE é sua melhor amiga.

O vero otimismo não é temerário nem frouxo. É, sim, ousado. Segue o conselho de B. P. — “toma S. Jorge como exemplo, e avante!” E assim será o Monitor.

Lembrava o Marechal Foch, vencedor da batalha decisiva da guerra de 1914: “A vontade de vencer é a primeira condição para a vitória”.

O otimismo é completado pelo ENTUSIASMO, que é como o sopro que acende as brasas.

Escoteiro sem entusiasmo é vela sem chama.

Quando se diz que alguma coisa é contagiosa? — Quando “pega”. — Pois bem, o entusiasmo é uma virtude contagiosa. “Pega”, desperta, arrasta, incendeia, porque faz alastrarem verdadeiras paixões de trabalho,



de dedicação, de heroísmo. Transforma-se no fogo irresistível que acende o próprio aço.

Acompanhado e amparado pelas outras virtudes de homem-chefe, é, talvez, a primeira arma que fende a brecha nos obstáculos e dá passagem ao resto da atividade.

Saber, pois, entusiasmar a si e aos outros é dom precioso do verdadeiro dirigente.

Entretanto, aqui também existe um “mas...” a reparar.

Há o fogo dos metais incandescentes, forte e brilhante.

Há o fogo do carvão de pedra, silencioso e intenso.

Há o fogo da madeira boa, crepitante, alegre e amigo.

Mas há, também, os fogos dos incêndios devastadores, que abatem casas e florestas, sem piedade nem lei — e os fogos de palha, que brilham por um segundo e logo morrem, deixando apenas cinza fria.

A estes dois últimos, jamais se deverá assemelhar o Monitor.

*Incêndio* que destroi ou *fogo de palha* são nocivos. Um, pelo excesso. O outro, pela fraqueza ridícula. O entusiasmo exagerado é mister ser contido. As reservas são sempre úteis. Não se gaste toda a energia de um só golpe, sem tê-la, ao depois, para continuar a ação. Poupem-se os gastos em palavrorio e gestos esbanjados.

Entusiasmo grande, sim, mas *firme e comedido*, para ser *durável!*

## APRECIACÃO DAS REUNIÕES

*Frequência.* — Muito boa. Quase total, com sacrifícios às vezes bem pesados para não falharem, visto que a terceira ausência, com exceção de algum caso extraordinário a julgar na ocasião, cassa o direito ao Curso.

*Pontualidade.* — Há dois ou três casos a melhorar. Força!

*Aproveitamento.* — Depende, em grande porção, do máximo interesse e trabalho dos Alunos-Monitores. Podem, melhor, devem, apresentar sugestões, idéias sobre os assuntos anteriores, como sobre os do momento ou futuros. O Curso é de todos, não só de alguns. Os "mudos" que se corrijam e contribuam para a animação geral, aliás, muito boa.

O assunto sobre o Monitor é dado no próximo Boletim, para completar-se e não aparecer dividido.

BOLETIM N.º 3

Caráter: Círculo de Estudos. O MONITOR.

Abertura e início dos trabalhos.

TRABALHO PRÁTICO: Organizar um programa para atividades de Patrulha no Campo incluindo: Instalação do Acampamento — Preparo das refeições — Provas de Classe.

Aplicar os princípios anteriormente estudados: PREVER, ORGANIZAR, com distribuição do pessoal, etc. Entrega: na próxima reunião.

CIRCULO DE ESTUDOS: O MONITOR.

O que a cabeça é para o corpo, é o Monitor para a Patrulha.

Está acima dos demais membros.

Orienta e dirige o corpo inteiro.

Por sua posição, a cabeça é mais vista. Ao olhar-se uma pessoa, é a cabeça que se visa em primeiro lugar, pois é por ela que se conhecem e se distinguem, imediatamente, os homens.

Assim, na Patrulha. O Monitor, por estar acima dos demais, é, também, o mais olhado e por êle se conhece o que a Patrulha é.

Como cabeça, igualmente, é o Monitor encarregado de orientar e dirigir os membros escoteiros.

Disto se conclue a dignidade da missão, a importância do cargo, e o quanto o Monitor deverá ocupar-se em corresponder à altura de sua posição. Vejamos o que é preciso.

Podemos resumir tudo em três palavras:

SER — SABER — ENSINAR

O MONITOR É — o primeiro Escoteiro de sua Patrulha, e, como tal, o EXEMPLO.

Vive o seu Ideal, tem espírito escoteiro cem por cento. Tôda a sua virtude, notada nas atitudes e não nas palavras, nasce da prática exata, leal e completa da Promessa inteira e dos dez artigos da Lei.

Distingue-se pela FRATERNIDADE ativa. Não espera ser procurado, mas vai ao encontro dos demais. A verdadeira camaradagem, em todos os momentos, e não só de vez em quando, reina entre êle e os irmãos Escoteiros. “As palavras comovem, mas o exemplo arrasta”. Monitor irritadiço, obstinado — Patrulha arrellante, teimosa. Monitor afável, cordato — Patrulha agradável, de boa vontade. Monitor ativo — Patrulha ativa.

“Como nos seria permitida maior negligência”, dizia Pasquier, Chefe de Polícia de Napoleão, “se o exemplo de atividade infatigável nos era dado de tão alto”. Só se tem o direito de exigir dos subordinados aquilo que lhes foi enainado pelo exemplo.

Por isto que sabe ser fraterno, o Monitor trata a todos com bondade e alegria. Um apêto de mão a um novato, uma palavra de estímulo a um Escoteiro que se esforça em bem cumprir o dever, são o ségredo de tornar a vida escoteira mais leve aos membros da Patrulha. “Não é com vinagre que se pegam moscas”. Não é com asperezas fora de tempo que o monitor se tornará simpático aos seus. Ele deve procurar fazer e mostrar que compreende os outros.

COMPREENSAO é saber descobrir o que se passa na alma daqueles com quem trata. O Noviço deverá “ser compreendido” de modo diverso do Escoteiro de 2.<sup>a</sup> classe. Este ainda é diferente do de 1.<sup>a</sup>. E todos são diferentes entre si.

É preciso saber distinguir os atos simplesmente estouvados e involuntários, dos mais ou menos perversos; a graça do espirituoso, da graça ofensiva. É necessário que se esforce de “colocar-se na situação” de outrem para poder compreender as suas atitudes, às vezes inexplicáveis na aparência. E o Monitor tem necessidade de “compreender”, para poder ser o “amigo” que todo Escoteiro quer vêr nêle.

AMIGO que é "cabeça", mas que também sabe ser "irmão": Não leva a mal o que se fez por bem. Corrige, se necessário, com brandura, não por "vingança". Sabe desculpar, sabe esquecer e até calar sobre um erro ou defeito, sem anunciá-lo, como outros, que magoam em público por observações fora de propósito. Pois a emenda ou punição, de qualquer natureza, deve ter o efeito de remédio que cura, não de instrumento que fere.

O Monitor é o amigo que procura resolver os problemas dos Escoteiros, de si mesmo ou com o auxílio de quem o possa ajudar.

Carateriza-o, ainda, o **DESEJO DE PERFEIÇÃO** que o anima.

Correto, desde o uniforme até os pequenos gestos e tôdas as suas atitudes, virilmente delicado e cortês, simples e humilde, é, sem dúvida, modelo a quem o Escoteiro desejaria, de bom grado, igualar-se, por ser, justamente, o "Tipo do Escoteiro".

Pensará, talvez, alguém: "Sou menor, de estatura, que alguns dos meus rapazes", ou, "são de posição social mais elevada que a minha". Não importa. Não é o dinheiro nem a qualidade de filho de alta personagem o que fará a qualidade do Monitor. Não há mérito em que os pais sejam ricos ou nobres de sangue. Mas há **todo o mérito** na **única nobreza** que se leva em conta no espírito escoteiro: a nobreza da alma. Esta **deve ser de tôdo o Monitor**, como de tôdo Escoteiro.

Além destas prendas de **jovem e espírito escoteiro**, o Monitor deverá — **SABER**, isto é, ser competente na parte técnica e tornar-se cada vez mais eficiente, nas matérias de provas. Em resumo, **atingir à perfeição técnica**.

Se apenas é de 2.<sup>a</sup> classe, não basta. Apreste-se para galgar a flôr-de-lis da 1.<sup>a</sup> classe. A manga

de sua camisa é despida de especialidades? Dê o exemplo: há várias que podem ser conquistadas e que o dignificarão à frente dos demais. Trará isto ainda grande vantagem: habituar o Monitor a ter sempre, "na ponta da língua", as provas de classe para responder às perguntas dos Escoteiros. O Monitor não se pode contentar com o estrito necessário das provas. Para poder dar um pouco, é preciso ter muito. Ao invés de seis nós, deverá saber, se possível o dobro ou mais. Com os sinais de pista, o mesmo. E assim por diante. Quanto mais souber, mais confiança e estima merecerá dos rapazes. Vale esse esforço a meritória observação: "O nosso Monitor **sabe!**" com acento prolongado na última palavra.

Mas, além de saber, é preciso SABER ENSINAR. Há homens, poços de ciências, incapazes de transmitir os seus conhecimentos.

O Método Escoteiro substitue o ensino à força pelo ensino agradável. Daí ter o nome de "jôgo" e fazer dêste o mais largo uso. Eis alguns conselhos para evitar que se dê às reuniões e instruções escoteiras o caráter de "escola", em que o "professor" faz tudo e o "aluno" só escuta e aborrece.

Não mandar pegar num livro para aprender as provas, mas dá-las praticamente. A Lei, por meio do Jôgo-da-Lei. Os nós, fazendo-os à vista do candidato e ordenando que os repita. A Bandeira, desenhada, sôbre uma parede velha, quadro negro ou mesmo um terreno limpo, onde se substituem as estrelas por pedras de diversos tamanhos, etc. Os sinais da pista, traçados no chão e repetidos pelo futuro noviço. Enfim, a maioria das provas pode ser ensinada por meios análogos. Aliás, as de segunda e primeira classe têm, gradativamente, caráter mais prático.

**Ser claro, acessível. Explicar, o que fôr possi-**

vel, com exemplos, histórias, desenhos, etc. empregando palavras conhecidas do rapaz, e não pretendendo "impressionar" com termos ou frases raras. De modo particular, as instruções doutrinárias devem ser ilustradas com fatos conhecidos, comparações, etc. Mas fale o Monitor, o menos possível de si próprio, porque pareceria elogio indireto a si mesmo.

**REPETIR.** "A repetição é mãe da ciência", dizem alguns. Para não esquecer o que se aprendeu é, pois, indispensável, repetir de quando em quando. E, mais variada a repetição, tanto mais se gravará na memória o assunto. Merecem reparo especial a Promessa e a Lei por conterem aquilo que o Escoteiro deve viver. Isto será, portanto, o que deve ser mais sabido. A repetição exige **paciência**, de quem a dirige. É grave erro mostrar-se apressado quando um Escoteiro vem pedir algum esclarecimento. Se houver **motivo sério**, marque-se hora para, então, trabalhar com calma.

**A POUCO E POUCO.** "De grão em grão a galinha enche o papo". A pouco e pouco é que se desenvolvem os conhecimentos. "Atravancar" as instruções com muita coisa a um só tempo é não deixar proveito. Faria "indigestão", que prejudica sempre, mesmo quando é da memória e inteligência. Sai confusão geral. Dá-se instrução ensinando **pouco**, de cada coisa, e **variado**, dois ou três assuntos, não exagerando, o número.

**ENSINAR A FAZER.** MUITÍSSIMO importante é que o Monitor, ao invés de dizer simplesmente: "Vai fazer!", diga "**Vem, façamos!**" Nas coisas mais difíceis, de modo particular, deve estar pronto para ir à

frente. É o exemplo que arrasta. Mas não apenas isto. Para os que ainda nunca fizeram a espécie de trabalho mandado, cabe ao Monitor ensiná-lo, sujeitando-se, também, ao eventual revés. Esta atitude é muito mais honesta do que fugir à responsabilidade deixando aos outros "que se arrumem"

**CADERNO DO MONITOR.** Assim como o Escoteiro, o Monitor deve ter o seu caderno de apontamentos. Serão inscritos, nêle, tudo o que o monitor achar necessário para seu conhecimento e bôa marcha da vida de Patrulha. Portanto, conterá: **Matéria de provas** (observações sôbre as coisas mais difíceis, ou interessantes, não sendo necessário copiar tudo o que trazem os manuais, porque o caderno não é um livro).

**Programa de reuniões,** com resumo ou esquema dos assuntos a tratar, avisos, jogos, etc.

**Programas de excursões,** durante as quais, ainda, se anotarão os factos mais interessantes ocorridos, observações feitas, idéias novas que surjam, etc.

**Apontamentos diversos** de leituras, (resumos ou simples frases), palestras entre companheiros, instruções do Chefe, avisos dêste, desenhos, etc.

O Caderno do Monitor se tornará, assim, como que sua **segunda memória**, pronta a auxiliá-lo e recordar-lhe as coisas úteis.

Não deverá ser feito com excessivo capricho, porque roubará tempo e, o mais provável, é que não possa ser continuado. Mas deverá ser **limpo, legível, e bem ordenado.** O melhor formato é o de bolso, nem



grande nem muito pequeno, folhas em branco, sem pauta ou quadriculadas.

O ideal será que o Monitor consiga fazer as suas anotações **diretamente** e no caderno, com a ordem e clareza recomendáveis, dispensando os rascunhos. Poupa trabalho e habitua ao método.

### CADERNO DO ESCOTEIRO

Desde as primeiras intruções de Noviço, deve o Monitor exigir que o Escoteiro tenha o seu caderno, e lhe dará orientação de como usá-lo.

Tudo o que fôr sendo ensinado ao candidato é transferido por êste ao caderno. Promessa, Lei, nós, etc. serão escritos e, quando possível, acompanhados de desenhos ou pequenas gravuras recortadas. O caderno bem feito é um incitamento para o próprio Escoteiro a trabalhar e progredir.

Insista o Monitor que tódos, na Patrulha, não só **tenham**, como **levem avante** o caderno. Peça para vê-lo, de vez em quando, e saiba elogiar comedidamente a aplicação de uns, estimulam, também, a diligência dos descuidosos.

As demais observações feitas para o Caderno do Monitor, valem para o caso presente.

### RESOLUÇÃO DE UM MONITOR

**Servirei** aos meus Escoteiros, com toda a dedicação de que sou capaz.

**Far-me-ei** pequeno entre os pequenos, amável para com os maiores, humilde para com tódos. Assim, hei-de **CATIVÁ-LOS** para os elevar sempre mais, fazendo de minha Patrulha a **primeira** da Tropa.

**Exercerei**, com todo o espírito escoteiro, o meu cargo, sendo verdadeiro Monitor, isto é, o "irmão mais velho" da Patrulha.

**Cultivarei** meu espírito de **INICIATIVA**. Procurarei conhecer cada vez melhor o meu Movimento afim-de aperfeiçoá-lo entre os meus.

.. Farei planos cuidadosamente previstos, bem organizados, de atividades coordenadas, comandadas com doçura e firmeza, controlados com precisão.

Prepararei com atenção as minhas instruções que serão bem variadas. Perguntarei, pensarei e lerei o que puder para ter idéias aproveitáveis à minha Patrulha. Hei-de organizar a minha biblioteca escoteira. Tomarei apontamentos úteis dos livros que não puder adquirir. Meu caderno de Monitor será completo.

Diariamente, antes de deitar, farei meu **exame-de-consciência**. Que fiz para o meu progresso no espírito escoteiro? Na minha técnica escoteira? Que fiz pela progresso de minha Patrulha? Que devo corrigir?

Pelo exemplo, enfim, quero arrastar os meus Escoteiros à perfeição em tudo. Serei, eu mesmo, Escoteiro cem por cento!

### A PATRULHA

Que é a Patrulha? — Depois de algumas perguntas e respostas, intercaladas pelos "palpites" de um ou outro Aluno-Monitor, foi tirada a seguinte "definição":

PATRULHA é o conjunto de seis a oito Escoteiros — que, — dirigidos por um Monitor, — tem um Lema — Totem — Canto de Patrulha — e — fazem parte de um todo maior: o Grupo Escoteiro.

Examinemos. — Antes do mais, a Patrulha é um conjunto que forma uma UNIDADE. O nosso organismo é formado por pequeninas partes vivas, as menores que podem existir, chamadas células, e a Grupo Escoteiro é composto de Patrulhas, triplica ou morre, dando vida ou definhando o todo. No Grupo Escoteiro, é a Patrulha que aumenta ou diminui, progride ou desaparece, fazendo crescer ou morrer aquêle. A Patrulha é, pois, uma **Unidade Viva**, pequena fa-

mília de irmãos que, pelo seu bom espírito e trabalho crescem em virtude e número, atraindo a admiração e adesão de novos membros.

O Monitor, já o sabemos, é “o mais velho” desses irmãos (às vezes não pela idade mas pela madureza de seu caráter) — a “cabeça” dêsse pequeno corpo, — dirigindo-os em concordância para o bem de tôdos, para a grandeza da Patrulha e, finalmente, de toda a Tropa.

Se a Patrulha é uma UNIDADE, quer dizer que tôdos os seus componentes são “unidos”. Essa união, é dada: pelo **espírito da Patrulha** (que se traduz no Lema), pelo nome (que fez conhecida a fama da Patrulha, ao dizer. “A Patrulha . . . . . é notável”), mas principalmente pelo **Monitor**, que é quem vai realmente criar aquêle espírito e aquêle nome, em sua grande parte. Como? — Pela direção eficiente que der à Patrulha.

**O Monitor e os Escoteiros da Patrulha.** Seis ou oito rapazes já são muita gente com que lidar. Tôdos diferentes pelo gênio, a idade, o tamanho e a educação que tiveram. E, de tudo isso, — é o ofício do Monitor — de tôda essa **diversidade**, deve ser feita uma **unidade**: a Patrulha, a família feliz.

O primeiro empenho do Monitor há-de ser **conhecer** os seu Escoteiros. Quanto mais a fundo, melhor.

Vejamos, então, primeiro, alguns “Tipos” de rapazes, e seu “gênio”.

(Continua no próximo boletim, para não cortar o assunto).

**V. Reunião, 17 de maio.**

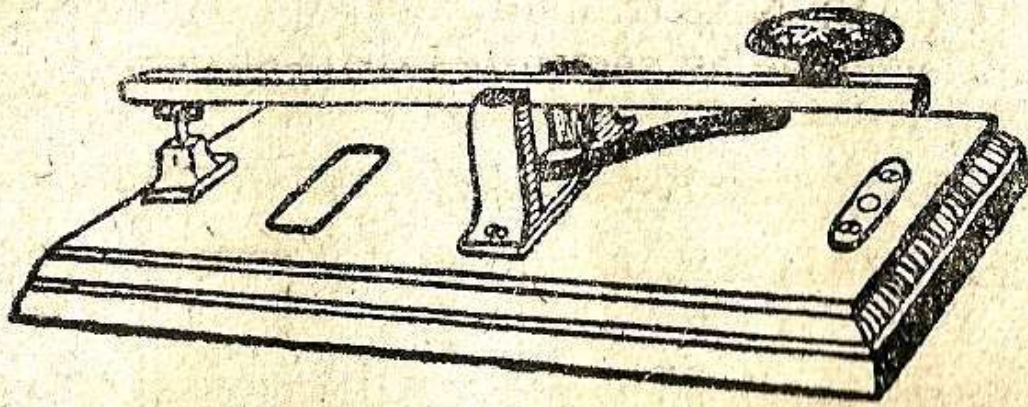
**Caráter:** Teórico-prático — SINALIZAÇÃO

SINALIZAÇÃO. — O Monitor é sempre o primeiro na Patrulha. Deve conhecer perfeitamente os códigos de sinalização: Semáforas, Morse, sinais com o bastão, por meio de objetos, fôgo, fumaça e luz. O melhor meio de estar sempre em forma é o treino constante. Um mês sem treino, já acarreta certa dificuldade na recepção de mensagens. Logo que o escoteiro inicie as provas de 2.<sup>a</sup> classe deve ser submetido a um rigoroso treino de sinalização, não se contentando o Monitor com o simples exercício de u'a mensagem de 40 letras sem limite de tempo. Deve despertar no escoteiro o interesse em conhecer melhor todos os sinais, convenções, algarismos, etc. e não permitir o simples fato de conseguir o suficiente para "passar a prova" e, isto alcançado, abandonar completamente o exercício para, no fim de alguns dias, já não conhecer uma só letra. Também é grave êrro do Monitor, nas Tropas que realizam concursos periódicos entre Patrulhas, o fato de treinar somente uma dupla para as competições, deixando os demais Escoteiros da Patrulha sem preparo. Resultado: Chega o dia do concurso. Um dos componentes da dupla, por qualquer motivo, não comparece, os outros Escoteiros não estão preparados, e a Patrulha não pode competir ou, se compete, não consegue classificação por deficiência. Êste êrro temos notado em nossa Tropa. Também creio ser êrro o querer que um rapaz "decore" primeiro o alfabeto morse ou semaforio, para depois começar a transmitir palavras. A prática nos demonstrou que o meio mais proveitoso de iniciar as transmissões é começar com **palavras fáceis**, o que desperta no rapaz maior interesse porque a dificuldade em aprender o alfabeto desaparece. Uma vez aprendida determinada palavra deve o instrutor fazer com que o aluno forme outra palavra com as letras da ante-

rior. Ex.: RAUL luar, rua, lua, lar, etc. A seguir, pode ser tentada outra palavra com essas mesmas letras acrescentando-se mais uma ou duas diferentes. Ex.: RALADA = ladra, dala, ladrar, etc.

Já conhecemos cinco letras. Agora passaremos a outras cinco: Ex.: Países: então formaremos com estas cinco letras, outras palavras e aos poucos, vamos intercalando-as às primeiras já conhecidas. Somente depois de aprendido todo o alfabeto devemos passar às convenções, acentuação, etc. Nunca se deve querer ensinar tudo ao mesmo tempo, pois o aluno, ainda não familiarizado com os sinais, fará confusão entre eles e os acentos, dificilmente conseguindo vencer.

**MORSE:** No acampamento, o Monitor não deve permitir que os escoteiros usem o apito, a não ser nas horas de treino ou para transmitir mensagem, pois apitar à êsmo fará com que os demais escoteiros não liguem importância ao som, e em outra ocasião em que seja necessário receber mensagem, não prestam ouvido, julgando tratar-se de simples treino. Isto pode trazer sérias consequências. Todos devem habituar-se, ao ouvir o som de apito, a captar a mensagem, pois, pode ser uma ordem geral ou recado de uma patrulha ou escoteiro. Ao ouvir-se o sinal de "atenção" (um traço prolongado) o escoteiro deve responder com o sinal A (- —), isto quer dizer que está pronto para receber a mensagem.



- E  
 - I  
 - S  
 - H

- T  
 - M  
 - O  
 - CH

A -  
 B - -  
 D - -  
 F - -  
 C - -  
 Q - - -

- N  
 - V  
 - U  
 - L  
 - W  
 - Y




























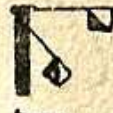
K - -  
 P - - -


- R  
 - X

C - - - - J - - - - Z - - - -

1 - - - - -	- - - - -	6
2 - - - - -	- - - - -	7
3 - - - - -	- - - - -	8
4 - - - - -	- - - - -	9
5 - - - - -	- - - - -	0

SEMAFORAS: Nas transmissões de semáforas devem ser observadas as seguintes disposições:

1ª Pos.  A ou 1	 B ou 2	 C ou 3	 D ou 4	 E ou 5	 F ou b	Fim da 1ª  G ou 7
2ª Pos.  H ou 8	 I ou 9	 K ou 0	 L	 M	Fim da 2ª  N	
3ª Pos.  O	 P	 Q	 R	Fim da 3ª  S		
4ª Pos.  T	 U	 Y	Fim da 4ª  Anulativo			
5ª Pos.  Numeral	 Alfabético	Fim da 5ª  V				
6ª Pos.  W	Fim da 6ª  X					
7ª Pos.  Z						



- a) Movimento enérgico. Posição corréta, braços extendidos;
- b) Não mudar a posição das bandeiras quando não se tem certeza de sua posição na letra seguinte. A vacilação atrapalha o recebimento.
- c) Visibilidade: não transmitir de modo que sua silhueta se reflita no céu. Procurar um fundo adequado, de modo que o receptor possa apanhar a mensagem sem dificuldade.

Quando o transmissor está em posição que dificulte a visão do que receber, êste deve por meio dos sinais M B (mais abaixo) M D (mais à direita) M A (mais acima), colocar o transmissor na posição conveniente.

Cada pôsto deve ter dois elementos: um para transmitir ou receber e outro para ditar ou escrever. A maneira correta de ditar é por letras e nunca por palavras. Ex.: Roma é a capital . . . R-O-M-A (intervalo) é (intervalo) a (interv.) e-a-p-i-t-a-l (int.) etc,



BOLETIM N.º 4

VI Reunião, 20 de Maio — **Caráter:** Círculo de Estudos — Tipos de Rapazes.

TIPOS DE RAPAZES

Desde o início, convém notar que não se encontram tipos “puros” dêste ou daquele feitio. Cada rapaz apresentará “variante” e reagirá de modo diferente, em circunstâncias idênticas e, as vezes, o mesmo indivíduo, em ocasiões semelhantes, terá atitudes contrárias e inesperadas.

Examinaremos alguns tipos de “genio” ou modo de agir habitual.

Podem dividir-se todos os tipos em três grupos: Fáceis — Díficeis — e Intermediários.

I — Entre os **fáceis**, devem contar-se: o **equilibrado** e o **alegre, cheio de boa vontade**. São os que, apresentam mais docilidade ao Monitor e a Patrulha:

O **EQUILIBRADO**, indica-o o próprio nome, é o Escoteiro moderado, pacato, sem exageros de expansão nem fisionomia “amarrada”.

E bem mandado, acata as ordens sem resmungar, a qualquer momento, sempre disposto a tudo. Quando interrogado, exprime o seu modo de pensar refletidamente e desgosta as atitudes dos barulhentos em excesso, chamando-os à ordem. De qualquer parte, basta-lhe um só aviso ou observação para corrigir-se, de falta.

Constituí esse tipo de Escoteiro um precioso auxiliar do Monitor.

As vezes, será preciso, conforme os casos, inspirar-lhe iniciativa, e se estará então defronte do indivíduo que deve ser mandado, com bons modos e delicadeza, até que aprenda a encontrar em si mesmo o “caminho a seguir”. Será elemento de valor.

O **ALEGRE, CHEIO DE BOA VONTADE**, constituirá o segundo tipo. Em geral é estouvado. Não

por ser mau, mas exatamente **por querer ser muito bom**. Correndo à frente dos desejos do Monitor e querendo adivinhá-los, é capaz de fazer justamente o contrário do que seria conveniente. Ao ser mandado, não espera que se terminem de dar as ordens e . . . faz errado o que deveria ser feito certo. No **excesso de rapidez**, entorna a sôpa ou vira os pratos dos outros. Às vezes desanima, mas logo volta à boa disposição anterior.

O principal a fazer com essa espécie de rapaz é moderá-lo nos ímpetos. Refreá-lo, obrigando a refletir sôbre o que deve desempenhar.

Se é novato desconfie-se da exuberância dêsse comêço. É fôgo-de-palha. Procure o Monitor contar o gasto de energia do Escoteiro para que lhe não falte o fôlego, mais tarde, nos momentos difíceis da vida de Patrulha. Deve alimentar-se, é certo, o entusiasmo, que é grande, mas moderadamente, avisando o rapaz que não é preciso trabalhar tanto nem tão depressa, e que não descuide os outros deveres.

Se é veterano, não há perigo de “fôgo-de-palha”, basta acostumá-lo a ser ponderado, distribuindo atenção, tempo e calma ao trabalho.

II — Entre os difíceis, poderão ser encontrados: o **rixento**, o **sarcástico** e o **preguiçoso**.

O **RIXENTO** pode constituir sério perigo para a Patrulha. Comumente, é metido a valentão: “Faz” e “acontece”. Gosta de medir sua força com a dos outros, — principalmente menores.

Irrita-se por qualquer coisa, explode com facilidade, porque “não aguenta desafôros”.

Alguns rixentos, logo após a tormenta, voltam às boas. Outros, conservam-se rancorosos por um ou mais dias. Os primeiros são mais fáceis de ser tratados que os últimos.

Quando fôr possível abafar a ira do rapaz, an-

tes que transborde, tanto melhor. Nalguns casos, basta um desvio geitoso do assunto; “Vamos agora tratar disto, e deixar o resto de lado”, distribuindo-se logo o trabalho.

Se o rixento se engalfinhou com outro companheiro, sendo êste mais forte, pode ser salutar deixar por alguns momentos que se “afaguem mutuamente”. Será uma lição para o valente. Do contrário, deve intervir-se logo, separando os lutadores.

Às vezes, simples palavra com brandura, pode fazer voltar à razão o indivíduo irado: “Hás-de lucrar muito com briga. Sais mal visto diante dos outros e desmoralizado diante de ti mesmo por não saberes nem sequer dominar-te”. Doutras vezes, pode ser preciso alguns termos enérgicos... ou o auxílio de toda a Patrulha.

O que jamais deverá permanecer, é inimizade entre Escoteiros. Depois de serenados os ânimos, deve o Monitor falar reservadamente aos contendores e fazer com que se aproximem sem mais reserva. Não convém, em geral, fazer a reaproximação em público: o rapaz sente orgulho da valentia e se acha glorificado (em sua tolice) em não ceder pé. Algum trabalho para o qual se escalem os dois interessados, pode ser ótima ocasião para que, sem cerimônias externas, sem ninguém perceber, volte a harmonia entre ambos.

Em geral, o rixento é trabalhador, gosta de mandar ou fazer sózinho. Sabendo aproveitar-lhe aptidões, a Patrulha sai lucrando. Corrigindo-se, será o rixento ótimo auxiliar do Monitor, tenaz e eficiente.

O SARCÁSTICO é outro problema para a harmonia da Patrulha. É intrometido, sente prazer em comentar o que lhe não compete com ar de troça que

descontenta ou fere. É vivo, em geral, observador, esperto, mas presunçoso.

Julga-se acima dos demais e, por isto, os deprecia com ditos mordazes. Quer dar sempre a última resposta tornando-se “vencedor”. Quer ser espirituoso à força, daí o ser, com frequência, inconveniente.

O remédio, que sempre depende de ocasião oportuna, será, se possível, dar-lhe algumas boas respostas, bem achadas e arrazantes. Ou, também, deixá-lo, um dia “estufar-se”, “emproar-se” para que depois lhe seja posta diante dos olhos a pequenez do seu caráter e a miséria dos seus defeitos. Mostrando-lhe o ridículo das atitudes, calmamente, com precisão e firmeza, e animando-o, ao mesmo tempo, — para não desencorajar, — salientando as virtudes que indiscutivelmente tem e incutindo-lhe que as cultive contra os defeitos. Serão sempre, necessárias, paciência e moderação, pois o sarcástico aprecia ver os outros fóra de si, pelas alfinetadas que deu.

É, como os tipos anteriores, elemento que deve levar-se ao equilíbrio, para o próprio bem e o da patrulha.

O PREGUIÇOSO geralmente tem bôa vontade, mas . . . acorda tarde, chega atrasado porque demorou a vestir-se, atraza o fôgo da cosinha, o preparo das refeições, a partida e andamento da marcha, e, ao toque de silêncio, ainda está de pé sem achar jeito de acomodar-se.

Alguns casos são de moléstia física, debilidade, ou outra coisa qualquer.

Afora isto, é a inércia natural que faz do preguiçoso um verdadeiro “desmancha prazeres”.

Deve ser aguilhado constantemente, com espírito fraterno. Muitas vezes, tem apreciáveis habilidades e boa intelligencia . . . mas falta-lhe a energia

de as por em uso. Deixa as qualidades naturais se perderem por falta de exercício. Para êle, não adianta fazer um jogo, uma excursão, porque a patrulha perderá ou o mau tempo trará dificuldades. Procura deixar para os outros o que lhe dão a fazer, e desanima de tudo ao primeiro impecilho.

Pode ser despertado o indolente dando-lhe algo que lhe agrade e expondo, com viveza, os prejuizos que seu desleixo tem causado à Patrulha. E não se deixe de lhe dar trábalhos, na séde ou no campo, escolhendo de preferênciã serviços cujo atrazo não embaracem o resto da atividade comum. Aos preguiçosos e levianos, pode dar-se alguma tarefa não permitindo folga ou diversão enquanto não termine.

III — Entre os intermediários, estão o **brincalhão e o filhinho da mamãe**.

„Não são casos propriamente difíceis e, em determinadas ocasiões, tão pouco não são fáceis.

O BRINCALHÃO tem qualidades ótimas para a vida escoteira: é alegre, vivo, irriquieto daí necessidade constante de se locomover, brincar com um ou outro, pular, bulir nos livros da blibliotéca, nos museus de Patrulha, nos papéis que estão sobre a mesa, causando transtôrno à ordem. Disseram, com irônico acêrto, que o brincalhão tem “espírito de cãozinho novo”, fareja e revira tudo que esta debaixo dos olhos. O excesso de vitalidade é que o torna incômodo.

O melhor meio de corrigí-lo é dar-lhe ocupação suficiente em que possa empregar todo o tempo e entusiasmo. Não se dispensarão, também, as observações oportunas e judiciosas dos transtornos que as levandades podem trazer. O rapaz aceitará, geralmente com docilidade, as correções impostas. É leal, e sua intelligência e iniciativa, aliadas à energia natural de que dispõe, farão dele um dos mais eficien-

tes colaboradores do Monitor, e trabalhador incansável.

O “FILHINHO DE MAMÃE”, é o mimoso de casa, onde suas vontades são ordens a que todos correm para cumprir. Dir-se-ia que é feito, às vezes, de assucar, doutras vezes, de manteiga. Se chove, ou esfria o tempo, não pode ir à reunião porque vai molhar-se e gripar. Se faz muito calor, não comparecerá porque faz mal suar demais. Nos dias de aniversário de todos os vizinhos e parentes, é certo, na Tropa, a ausência do “filhinho de mamãe”. As excursões e acampamentos não pode ir porque passará o dia fora, sem cuidado, sujeito a estragar a saúde, com fome, e abrigado apenas por miserável barraca. Si algum milagre permitir que participe da atividade de campo, o que é pior, sem cama fôfa para dormir vai um baú inteiro com bugigangas para dentro da mochila e ainda é necessário, às vezes, que um laçao, ajude e acompanhe o “escoteiro” até a sede onde são feitas mil recomendações ao Chefe ou ao Monitor.

“Filhinho de mamãe” também não resiste aos trabalhos mais pesados: limpar panelas, arrecadar e partir lenha, etc. É muito sensível e tem as lágrimas prontas a se despejarem.

Absolutamente, não é mau rapaz. Às vezes, debaixo daquela crosta de indivíduo imprestável, — culpa dos pais, — há um coração extraordinário e capaz de muita virtude.

A correção do “filhinho de mamãe” não é difícil. A princípio, deve ser tratado com delicadeza para não sentir a brusca diferença entre a vida de casa e a de Tropa, mas sem regalias excepcionais. Devem-se-lhe dar os trabalhos mais pesados de campo ou de sede: buscar água, rachar lenha, etc. acompanhado de algum escoteiro experiente para orientar. Aquêlê pobre rapaz é realmente vítima do “amor-de-macaco”

dos progenitores que, por terem afeição egoísta ao filho, prejudicando-lhe a virilidade. E os trabalhos duros fá-lo-ão viver. Tem de ter-se paciência. Mas o triunfo do Monitor é seguro.

IV — Além dos tipos presentes, podem considerar-se:

O **TEIMOSO**, que, de quando em vez “empaca”, “emburra”. À hora do almoço não quer comer, porque perdeu a fome”, etc. Às vezes um “trenzinho” resolve o caso imediatamente. Noutras ocasiões, se fôr de pouca idade, o rapaz, seja contrariado. O apetite voltará logo ao começar a comer por ordem categórica do Monitor, e os “emburramentos” desaparecerão por encanto.

Se fôr de mais idade, seja deixado à parte, isolado, sem chamá-lo para refeições, trabalho, nada. Em geral, a solidão é boa conselheira. Se a ordem e disciplina da Patrulha fôr ameaçada, o Monitor deverá ser enérgico. O caso e o momento lhe sugerirão o modo de agir.

O **FINGIDO**, cujas atitudes são de tal ordem que se fica perplexo. É disfarçado, não inspira confiança, nem há motivo para desconfiar. Exteriormente é correto, mas sente-se que algo está faltando, existe como que certa distância entre êle e os demais.

O melhor é o encontro, a sós, entre o Monitor e o Escoteiro para que se esclareçam mutuamente. Se a deslealdade fôr palpável e incorrigível, mais vale perder o número que a qualidade da Patrulha.

### **Regra Geral.**

**PARA TODOS OS CASOS**, vale o seguinte:

1.º — **Falar em particular** com o rapaz, esclarecer as situações. As primeiras observações e corrigendas devem assim ser feitas sempre. Isto inspira confiança e bondade.

2.º — Ser justo e caridoso, sem ser frouxo. Des-

culpar o que fôr desculpável. Punir o que fôr merecido. Procurar **compreender**.

3.<sup>o</sup> — Não repisar o passado desagradável. Muito menos falar públicamente contra o Escoteiro sobre o que êste disse confiadamente, em particular.

4.<sup>o</sup> — Pôr o Chefe da Tropa ao corrente do assunto. É mais experimentado e conselheiro amigo. Pode haver casos reservados a êle, como a suspensão ou desligamento do Escoteiro, ou em que êle possa intervir imparcialmente, como nas possíveis desavenças entre o Monitor e algum membro da Patrulha.

#### ESCOLHA DE SERVIÇOS ADEQUADOS. —

É muito importante que se dê a cada escoteiro a espécie de trabalho em que se sinta mais a gosto, e para o qual tenha mais habilidade.

Há determinados serviços que devem ser comuns a tôdos, a-fim-de que se não transformem em ocupações de poucos ou seja privilégio de alguns Escoteiros o não fazê-los. Por exemplo, lavar panelas, acender fogo, rachar lenha, varrer a séde da Tropa ou o canto-de-Patrulha, etc. Não há trabalho escoteiro que deshonne. Ao contrário, todos dignificam o seu autor e, quanto mais comum e humilde, maior essa dignidade. Não é a ocupação que honra o homem, mas é o homem que honra a sua ocupação.

**Será, pois grave êrro, instituir na Patrulha certos tipos de "trabalhos-castigos",** ligando a um serviço, igual a tôdos os demais, a idéia de degradação.

Outros trabalhos podem ser feitos sòmente por Escoteiros que demonstram aptidões para os mesmos. Será louvável tino do Monitor descobrir as aptidões dos rapazes a-fim-de desenvolvê-las, proporcionando-lhes ocasião de exercício. Mas mesmo nas atividades comuns, haverá diferença sensível de um para outro Escoteiro. João é ótimo foguista e péssimo cozinheiro, mau grado visível esforço. Pedro é



notável em ornamentar o acampamento. E, afinal, Antônio é um “faz-tudo”, tem jeito para qualquer coisa. Saiba o Monitor ver isto e aproveitar convenientemente. E, a todo momento, lembre-se de que “ninguém nasceu sabendo”. E que, “errar não é vergonha, só é vergonhoso o não querer aprender”.

**A VIDA FORA DA PATRULHA.** — Muitíssimo interessa à Patrulha conhecer a situação do Escoteiro na vida fora da Tropa: **em casa, no emprêgo ou estudo e entre os outros companheiros.**

Sabendo o que se passa com o rapaz no lar, compreender-se-á grande parte dos problemas que êle ocasiona na Patrulha e esta poderá encontrar nos pais do jovem grandes auxiliares, verdadeiros amigos, ou o contrário, grandes atrapalhadores da vida escoteira. Amimam, fazem pilhérias ou deixam outro fazê-los, não permitem sair para as atividades, etc. Na maioria dos casos, realmente, não há má vontade da parte dos mesmos. Devem sempre ser respeitados pelo Monitor que incutirá o mesmo respeito aos Escoteiros.

Uma visita do Chefe da Tropa ou do próprio Monitor resolve muitas situações difíceis. Nos casos mais estranhos e dolorosos, o Monitor poderá tornar-se verdadeiro amparo, irmão mais completo do Escoteiro, fazendo que a Patrulha seja a família agradável que o pobre jovem não encontra na própria casa, ou talvez jamais viu.

Conhecer a família do Escoteiro é conhecer a formação que traz, e que deve ser desenvolvida, corrigida dentro da vida de Patrulha. — É absolutamente indispensável se o Monitor quiser trabalhar com segurança.

Com o **emprêgo** se dá algo semelhante. É, para alguns, como que segunda moradia, onde passam diariamente muitas horas. O interêsse que os Pa-

trões tomam pelo jovem, os companheiros de trabalho que o cercam, a natureza do serviço, explicam muitas atitudes à primeira vista incompreensíveis. E aqui, ao menos tanto como no caso anterior, e às vezes muito mais, o Monitor e Escoteiros devem tornar-se um esteio moral para o caráter de seu irmão operário.

Os estudos, para os alunos dos Cursos ginasiais, de comércio, técnicos, etc. são sua primeira obrigação e a mais grave. As atividades escoteiras não podem prejudicá-la, como também não devem prejudicar o emprego do operário. A vida escoteira deve ser um **auxílio**, um **estímulo** às demais atividades, e não um obstáculo.

É de tôda conveniência que o Monitor se interesse em saber do aproveitamento, em aula, dos escoteiros. Mais se acentua isso, se a Tropa for anexa a estabelecimento de ensino. Os mestres, por certo, receberão muito bem ao Monitor quando êste os abordar em bem de algum Escoteiro.

PALESTRAS EM PARTICULAR. Os momentos mais preciosos para o Monitor se inteirar de tudo quanto possa auxiliá-lo a bem dirigir o Escoteiro são aquêles instantes em que puderem estar a sós, seja ao fim de uma reunião, seja num intervalo das atividades do acampamento, seja, mesmo convidando o Escoteiro a dar uma caminhada ou fazer algum trabalho na sede. Fácilmente, a conversa pode ser dirigida para o assunto que o Monitor deseja. Pela ausência de estranhos, o Escoteiro sentir-se-á mais inclinado a revelar-se, a contar o que lhe passa no íntimo.

Seja o Monitor muito discreto nas perguntas e conselhos, e peça o auxílio do Chefe ou pessoa experimentada quando se vir em dificuldades sem saber como proceder. Sem dúvida, êsses encontros do Mo-

nitor com o Escoteiro, tomarão bastante tempo. Mas serão horas talvez mais bem empregadas que as da própria reunião.

Dizia um educador experimentado que todo dirigente deve ser, em certo sentido, como Deus: ver tudo, observar tudo, sem se fazer notado.

Acantonamento de 22/23 de Maio

**Local:** Caverna dos Escoteiros de Tupãci.

**Caráter:** Exercícios técnicos. Provas-de-Classe.

**PROGRAMA:**

Dia 22.

17 hs. — Reunião na séde da F. R. G. E.

18,00 — Chegada à sede Tupãci.  
Instalar-se.

19,00 — Jantar.  
Palestra em comum.

23,00 — Silêncio.

Dia 23

7,30 — Alvorada.  
Arranjo do local.

8,30 — Missa.  
Café.

10,00 — Exercício de Semáforas.

11 hs. — Lei: 8.º, 9.º e 10º artigos.

11,30 — Preparar o almôço.

12,30 — Almôço.

13,30 — Jogos.  
Exercícios de 2.ª classe.

16,00 — Preparar o Café.

16,20 — Café.  
Jogos.

16,50 — Apreciação das atividades.

17,15 — Encerramento.

**Resenha.**

O acampamento que fôra projetado foi impedido pela chuva pertinaz, mas extraordinariamente bené-

fica em vista de sêca terrível em tódo o Estado. — Conforme estabelecido, fez-se então bivaque na caverna dos Escoteiros de Tupãcí.

PALESTRA EM COMUM, à noite de 22. Vergou sôbre o Curso e seu andamento. Apreciação sôbre os componentes. Dificuldades que encontram alguns inscritos, em comparecer, por causa dos pais. O desleixo de um ou outro Aluno-Monitor. O imprescindível de ainda mais intensa atividade no campo. A exiguidade do tempo marcado para o Curso, isto é, 6 semanas, e a possibilidale de ser prolongado por mais uma semana, após os exames ginasiais e as férias de Junho. De modo geral, bom aproveitamento, interêsse e entusiasmo. Vale a pena o sacrifício que é exigido.

EXERCÍCIO DE SEMÁFORAS. — Feito ao comando de um Aluno-Monitor, com um "guia" à frente dos demais. Transmissões de palavras contendo as mesmas letras, e sendo estas repetidas por todos ao mesmo tempo, de acôrdo com o guia.

LEI. — 8.º Artigo: **O Escoteiro é alegre e sorri nas dificuldades** — Não se trata de alegria banal, forçada, mas a que nasce do equilíbrio da alma, do caráter que o próprio Escoteiro educou. Ao homem que vive em reta consciência, na amizade de Deus, nada acontece que não seja para o bem. Oferecer, pois, a Deus a aceitação voluntária dos dissabores e das cruces morais, é colocar em sólida base a alegria escoteira. Deve ter sido a sábia prática dessa atitude, junto com o mais entranhado amor a todas as criaturas, o que levou à escolha de S. Francisco, por Baden Powell, como Padroeiro dos Lobinhos. (Uma das páginas mais lindas sôbre a verdadeira alegria se encontra nas diversas biografias de Francisco de Assis, diálogo entre êste e o Irmão Leão).

9.º Artigo: **O Escoteiro é econômico e respei-**

**ta o bem alhêio.** Muita gulodice que prejudica a saúde e o bolso, pode ser evitada. Mais vale poupar algum níquel com que depois se há-de adquirir um bom livro, ou objeto de utilidade seja para próprio uso, seja para a Patrulha.

**“Eu pago”** . . . Certos rapazes tem o hábito perverso de estragar o que lhes não pertence, dizendo como arremate: “Eu pago” . . . Sem dúvida, não há-de ser assim o Escoteiro. Mas não apenas isto. É também contra o 9.º Artigo o descuido de tudo quanto pertença ao próprio Escoteiro, à Patrulha ou à Tropa. Exemplo: deixar atirado ao chão, com risco de ser pisado ou perdido, material da séde, ou campo, livros, barracas, cordas, estacas, etc. Pois na verdade, isto se torna roubo indireto.

10.º Artigo: **O Escoteiro é limpo de corpo e alma.** Limpo de corpo, significa asseio e correção. Já nas provas de Noviço, aprende o Escoteiro as principais regras de Higiene.. Deve o Monitor verificar se, na prática, são executadas. Com delicadeza recomende sempre a sua observância e não hesite em chamar a atenção, para a própria conveniência do rapaz e honra da Patrulha, se notar descuido no asseio pessoal dêle. Ouvidos, mãos, pescoço, etc., roupa e calçado.

**ALMOÇO:** Massa com mólho de linguça. (O mesmo que a vez anterior — para variar). Massa cosida em água e sal, e o mólho feito de linguça depelada, adicionada massa de tomate.

**JOGOS. Petéca.** Dois grupos iguais de ambos os lados de uma rede ou corda. Imitação de voleibol.

**Atirar e aparar bastões.** Duas fileiras de Escoteiros, uma defronte à outra, a alguns metros de distância. Atira-se um bastão a um companheiro que o deve aparar e lançar a outro qualquer rápidamente,

Finalidade: Educar a atenção e a agilidade, ensinando a atirar e apanhar corretamente o bastão escoteiro. Mantem-se o bastão de ponta para baixo.

**Exercícios de salvamento e primeiros socorros.** — Fez-se, dentro da caverna, um montículo de capim meio sêco, sobre pedras. Alguns Escoteiros se colocaram em posição de sinistrados, com um bilhete explicativo ao peito: “asfixiado pela fumaça”, “perna quebrada”. “a parte posterior da cabeça está sangrando”, etc. Aceso o capim, que produziu bastante fumaça (sem risco maior) vieram os outros Alunos-Monitores apagar o “incêndio” e socorrer os feridos, aplicando-lhes as necessárias medidas de urgência.

**Tração em “montaria”.** Dois Escoteiros fazem de



“montaria”, voltados de costas um para o outro, de sorte que os pés se toquem. Sobem às “montarias”, dois Escoteiros, também voltados de costas, dando-se as mãos. As duas “montarias”, firmando cada qual os pés contra os do adversário, distendem o cor-

po para frente, procurando, a seu turno, cada um dos cavaleiros derribar o adversário. É jogo interessante e constitue bom exercício físico.

**Educação da vontade.** Passar, de leve, um capim ou fitinha de papel pela face dos Escoteiros que, sentindo a cócega, não devem contrair os músculos.

### **Apreciação das atividades**

**Presenças:** Apenas onze. Alguns pais não permitiram o comparecimento dos filhos. Explica-se pela chuva.

**7.º Artigo.** Tem de melhorar ainda a atenção aos apitos de comando.

**9.º Artigo.** Um pouco mais de cuidado com o material.

**Esquecimentos.** Cordas para exercício de nós. Prato e talher. Caneca.

**Silêncio.** Deve ser melhor após o sinal.

**RANCHO.** Mais prontidão em se dispôr às refeições, com os apetrechos.

**Semáforas.** Atender à correção das posições de braços. Energia.

**Jogos.** Mais rapidez. Energia.

**Primeiros socorros.** Fraquíssimos. Seriam, antes, os “últimos socorros” que o infeliz acidentado haveria de receber, morrendo às mãos dos “enfermeiros”. Muito há que melhorar nesta parte.

**Observação geral.** Há muita fraternidade. Com a disposição que tôdos têm, não desmentirá o Curso as promessas de expectativa.

---

VII Reunião, 24 de maio.

**Caráter:** Círculo de Estudos.

**Assunto:** A Patrulha.

**Abertura:** — Entrega do Boletim n.º 3 e parte do n.º 4; diagrama da organização do Escotismo Nacional, com explicação do mesmo; fôlha sôbre

a Patrulha “boa” e a “fraca”.

Fôlha “Conselhos ao Dirigente”.

O Escoteiro Calvino Corsseti falou brevemente sôbre a origem do Movimento Escoteiro. Trabalho prático: fazer um programa de reunião, abrangendo instrução para provas de Noviço.

#### A PATRULHA

**Transferência de Patrulha.** É possível que, mau grado os esforços e tôda a dedicação, veja o Monitor, um dia, aproximar-se um Escoteiro que lhe comunica desejar transferência para outra Patrulha. Às vezes, já antes dessa declaração “oficial”, o boato correra pela Tropa inteira.

De quem é a culpa? Que fazer?

Tudo depende dos motivos apresentados para justificar o pedido.

A primeira atitude do Monitor será fazer um exame de consciência.

**Alguns casos.** Não combinam os gênios do Monitor e do Escoteiro. Houve desentendimento e rugas. Por que? Na certa, por falta de espírito escoteiro. Onde êste existe de modo completo, não há perigo de desencontros na harmonia.

Se fôr o culpado, o Monitor poderá remediar o problema desfazendo a atitude que provocou a desinteligência. O Chefe orientá-lo-á com proveito, nêsse sentido.

Se o desentendimento ocorrer entre dois Escoteiros, caberá diretamente ao Monitor tomar as medidas convenientes a apaziguar os espíritos e evitar, se possível, a transferência, de acôrdo com o chefe da Tropa.

Mudança de Patrulha, em regra, não é bom sinal. **É resolvida somente pelo Chefe** que se decide a isto, em vista de alguma **deficiência do Escoteiro dentro da Patrulha ou do Monitor.** Só em último ca-



so se faz.

Justifica-se, plenamente, porém, se o Escoteiro sendo exemplar e capaz deseja ingressar noutra Patrulha a-fim-de subir a um pôsto que aprecia, p. ex., o de submonitor. Deve então, ser muito leal, e falar ao Monitor e Chefe o verdadeiro motivo do pedido.

**O NOME DA PATRULHA.** — Assim como a pessoa é batizada com um nome também a Patrulha recebe designação. Escolhe-se um animal que passará a ser o “Totem”, isto é, o símbolo da Patrulha, e cujas qualidades serão imitadas pelos Escoteiros; a Águia lembrará o desejo de subir, de perfeição; a Raposa, a astúcia, a habilidade; o Tigre, a fôrça e energia; o Tapir, a resistênciã e adaptação, através do tempo; etc.

Ao lado dêsse nome, sempre há-de surgir, forçosamente, um adjetivo que o reforce ou diminua: Dirão os outros — “**A Patrulha . . (tal) . . é regular, medíocre, nula, boa ou eficiente,** conforme o trabalho e eficiência dos componentes. E não basta possuir “nome”. É preciso ter “bom nome”.

**Bandeirola da Patrulha.** — É a imagem concreta da Patrulha. Prêsa ao bastão do Monitor, acompanha as expedições e volta sempre carregada de novas glórias. Onde se crava a Bandeirola, está a Patrulha representada e em tórno de suas côres desenrolam-se as atividades. Na séde, ocupa lugar apropriado, junto aos demais bastões, dominando-os. No campo, fixa-se junto à barraca do Monitor. No “assalto”, defende-se a própria Bandeirola e procura-se tirar a do adversário.

Compõe-se das cores apropriadas e escolhidas universalmente: **Verde e preto**, para a águia, **amarelo** para a pantera, **laranja** para o cão, **amarelo e preto**, para o lobo, **amarelo e verde** para a raposa, **violeta**

para o tigre, verde para o tapir, etc. (Ver “Para ser Escoteiro” e o “Livro do Escoteiro” de B. P.)

Se houver mais de duas côres, faz-se a silhueta do animal-totem e o debrum na mais escura, deixando a mais clara para o fundo ou campo. A Bandeirola do Tapir, por ser verde a sua cor, terá esta como fundo, e a silhueta em preto. A da Pantera (côr amarela) terá a silhueta e debrum em verde, e o campo amarelo. A forma é ogival (ponta de lança) 35x20 cms.

**O ESPIRITO DA PATRULHA.** — É a maneira como a Patrulha se conduz habitualmente. Pode dizer-se que a soma do espírito escoteiro de todos é que forma o espírito da Patrulha. Bons Escoteiros, dispostos a vencer, cheios de entusiasmo e empreendimento, ávidos de iniciativa, darão ótima Patrulha com ótimo espírito. Este, indubitavelmente, não nasce de um dia para outro. Cria-se com lentidão, assim como cresce o homem e aumenta a sua virtude. As renúncias sucessivas de algo agradável — excursão, festa — o sacrifício de esforços penosos, as boas ações praticadas, tudo isto se reúne, como que se enfeixa para constituir o espírito de Patrulha.

As boas práticas que se repetem, vêm a formar, dentro de algum tempo o que se chama — a **“tradição da Patrulha”**. Tradição quer dizer “entregam os veteranos” aos mais novos o hábito de fazer determinada coisa. P. ex., a comemoração do Natal, nas Tropas de P. Alegre é uma tradição. Uma delas, “Sogipa”, há trinta anos, desde a fundação, o vem fazendo. E, assim, outras “tradições” se formam, para comporem e recordarem, mais tarde, a “história” da Patrulha, tanto mais bela, quanto mais heroísmo contiver em Boas Ações, quanto mais união, compreensão mútua e iniciativa revelar.

Note-se que “espírito de Patrulha” sempre há de supor estreita união dos Escoteiros. Só nestas condições é capaz de se desenvolver, porque é para a Patrulha, o que o caráter é para o Escoteiro.

E se não viver primeiro no Monitor, também não viverá na Patrulha. Está morto. Veja o monitor, mais uma vez, a responsabilidade que tem.

O LEMA. — Inscreve-se na bandeiroia, no verso da silhueta do animal-totem, o Lema da Patrulha, o qual, em certo sentido, resume e expressa o espírito desta, pois é ele um pensamento que deve orientar e mover os Escoteiros. Frase vigorosa, decidida, que, nos momentos de alegria e sucesso, ainda mais aumenta o entusiasmo e, nas horas de abatimento, aguilhôa a vontade para a vitória. Mais de uma Patrulha deve boa parte dos êxitos à escolha acertada do Lema.

Cuida-se que o Lema jamais esteja em desacôrdo com o que exprime o animal totem, mas seja, antes, inspirado por êste. Nossas Patrulhas do Curso de Monitores acham-se bem, nêste ponto.

**Patrulha da Águia:** “Para o alto, sempre mais alto” — admiravelmente concorda com o totem, ave das alturas, sobranceira e destemida, símbolo do desejo de perfeição que naturalmente vive no Escoteiro. Para o alto, pois, sempre mais alto, Escoteiros da Águia, em vosso Espírito de Patrulha, que será o espírito nobre, perfeito, de vosso nobre, perfeito coração.

**Patrulha do Tigre:** — “Puros e retos na intenção, destemidos na ação!” Corrige, habilmente, o Lema o que pudesse julgar-se menos elevado nos instintos do animal-totem. E, sendo puro e reto, será o Escoteiro desmedido como aquele. Bravos, Escoteiros do Tigre! Na honestidade perfeita de vossas intenções, na retidão completa de vosso caráter,

conquistareis para vossa Patrulha louros que não murcham: a glória de homens virís de corpo e alma.

E vós todos, Escoteiros da Águia e do Tigre, vereis um dia a Pátria agradecida pelo que lhe destes em obediência ao Lema de vossas Patrulhas.

O AMOR A PATRULHA. — É impossível que um Escoteiro deixe de amar sua Patrulha. E muito mais acentuada, ainda, é essa afeição no Monitor. Pode bem dizer-se que o amor à Patrulha é o termômetro do espírito escoteiro. Tanto mais alto é o grau dêste, quanto mais elevado aquêle. E, aqui, não se teme a febre. Deseja-se, e ainda se quer que seja durável. Feliz o Monitor que tem nas suas reservas algumas "injeções" de provocar febre de amor à Patrulha, — depois de, êle próprio, havê-las tomado. E pode ficar certo, então, de que sua Patrulha será a melhor entre as melhores.

### APRECIACÃO GERAL DAS ATIVIDADES DO CURSO

Tem diminuído o número de Aluno-Monitores, que ficaram reduzidos de 23 inscritos a 11! — Que julgar? Trabalho perdido? Não! Simplesmente isto: A quase totalidade dos que tiveram a matrícula cancelada, atingiram o limite de 3 ausências às atividades, involutariamente. E a regularidade do Curso e o aproveitamento geral têm sido plenamente satisfatórios.

**Reorganizações das Patrulhas.** — Ficaram, nesta reunião, assim constituídas:

**Patrulha da Águia:**

Olmiro Ennes  
Cláudio Gaelzer  
Saturnino Porto  
Calvino Crosseti  
Paulo A. Silveira

**Patrulha do Tigre:**

Norberto Horn  
Alaor Saldanha  
Paulo P. Hartstein  
Dorival Dietze  
Luiz F. Franco  
Ari Assunção

## BOLETIM DO CURSO DE MONITORES — N.º 5

VIII Reunião, 27 de Maio

*Caráter: Círculo de Estudos* — o Canto-da-Patrolha, a Patrulha na Tropa, o Monitor e o Chefe.

O CANTO-DE-PATRULHA. — E' o lugar habitual de reunião da Patrulha. Dentro do lar da Tropa, num ponto da "Caverna", está o "quarto" dos seis ou oito Escoteiros irmãos, o seu "canto", onde podem dispôr de tudo a seu modo e gôsto orientados pelo Monitor e enriquecido pelas idéias de cada qual, como dentro de seu próprio reino. *O sentimento de união é robustecido* por êsse pedaço de assoalho, chão batido ou laçado onde tudo lembra o trabalho do conjunto: um banco é feito por dois Escoteiros com as tábuas que um terceiro doou, o quadro que se dependurou é presente de outro, a Bandeirola-Totem foi confeccionada com a contribuição de tôdos, a prateleira é o fruto laborioso de algumas tardes de marteladas vigorosas sobre os pregos rebeldes e os dedos desageitados. E assim por diante.

De tudo isto surge um Canto bem disposto e limpo, que dá mesmo o prazer de ser habitado como uma casa asseada. Ordem e limpeza, bom gôsto e capricho falam alto da habilidade e valor dos "moradores".

Chefe, Monitor e Escoteiros naturalmente se alegram em ver o canto-de-patrolha bem arrumado: livros da biblioteca, da Patrulha, etc., em ordem; bastões em linha com o Totem sobressaindo, quadros, mesinha e bancos limpos, etc. — pequenas coisas que fazem o conjunto aprazível e lhe dão a nota escoteira.

### A PATRULHA NA TROPA

I PARTE DE UM TODO MAIOR. — No grupo, é a Patrulha apenas um quarto ( $\frac{1}{4}$ ) ou um quinto ( $\frac{1}{5}$ ) do tôdo, conforme o número global de Escoteiros e a divisão das Patrulhas, é pois, aquêlle, e não estas, é a parte mais importante na vida escoteira.

Avalia-se, de modo muito particular, o espírito

da Patrulha no interêsse demonstrado pelos assuntos da Tropa. Porque, afinal, a Tropa inteira nada mais é que as Patrulhas reunidas e, quando estas trabalharem para o Grupo é para si mesmas que estão trabalhando.

Nêste sentido, pode dizer-se que a *Patrulha é a Tropa*.

BOA PATRULHA é a que se prontifica, em primeiro lugar, a servir ao Grupo ou Associação, e toma os problemas dêstes acima de seus próprios. Nêste mesmo tempo, é certo que a Tropa ainda mais zelará pela vida de sua Patrulha e a favorecerá no possível, já que *boas Patrulhas, significam, ótima Tropa*.

Desenvolva o Monitor nos Escoteiros o espírito de reta compreensão dessa verdade, abdicando ao proveito próprio, por mais tentador que pareça, quando isto possa acarretar prejuizo à Tropa. Tôdo egoismo, sob qualquer forma, seja posto a parte.

II — O CONSELHO DE TROPA. — Ao se reunirem sob a presidência do Chefe, Guia, Monitores e sub-monitores, para tratarem de problemas gerais da Tropa, chama-se a reunião — "Conselho de Tropa". Nêste, cada Monitor representa a sua Patrulha, e será mais proveitoso o resultado, quanto mais se procurar o bem geral ao invés do Particular de cada Patrulha.

Não é raro, infelizmente, que no coração do jovem se aninhe a inveja pelo sucesso alheio. Infeliz a Patrulha que tiver Monitor em condições tais. Só o despreendimento das próprias idéias estreitas é o que deve dominar para que a harmonia supere as dificuldades do conjunto.

Isto não quer dizer que o Monitor seja passivo espectador do que os outros resolvem. Deve sentir amor à sua Patrulha, representá-la com ardor e real dedicação pelo seu progresso, mas cuidará igualmente, em ser elemento de concórdia, cheio de espírito escoteiro.

E assim, dêste nobre e louvável proceder é que nascerá o bem geral.

## O MONITOR E O CHEFE

O Monitor é colaborador, isto é, *companheiro de trabalho* do Chefe. E, para que isto se verifique plenamente, é necessário considerarem-se duas virtudes fundamentais:

**LEALDADE E AMIZADE** de onde virá, como brôto natural, a confiança reciproca, mistura de franqueza e afeição.

**LEALDADE** — 1.º — *No que disser respeito à Patrulha.* Tudo interessa ao Chefe que, dentro da missão escoteira de educar, tem necessidade de conhecer, a tódo momento a verdadeira situação dos rapazes. Atos de virtude ou deficiências, boas ações ou falhas, trabalhos ou projetos, tudo representa valor aos olhos do Chefe, que saberá dar sua palavra de estímulo ou correção, sujeito sempre o Escoteiro de boa mente ao 7.º artigo.

2.º — *No que disser respeito à Tropa.* Sem ser intrometido ou noveleiro, saber comunicar, com imparcialidade, ao Chefe o que se verificar de menos bom no conjunto da Tropa, nas atividades ou planos, é comportamento que, mais de uma vez, se pode fazer necessário ao Monitor, tendo êste em vista que notar o erro ou o mal e não promurar remediá-lo é tornar-se cúmplice.

Supõe-se no Monitor, sempre, a reta intenção e espírito tão fraternal quão respeitoso para com o Chefe e os outros Escoteiros ou pessoas atingidas.

3.º — *Em assuntos pessoais* que sejam de utilidade ao Chefe para melhor compreender o seu Monitor, pois quanto mais fôr êste conhecido por aquêle, tanto melhor poderá ser dirigido e guiado, com evidente proveito da Patrulha, porque nesta se refletirá, necessá-



môço.

11,45 — Almôço, Limpeza do Material de cozinha.

13,00 — Jôgo-de-bastões.

13,45 — Jogos de inteligência.

riamente, o progresso pessoal do Monitor. — Aqui, também, se supõe que o Monitor tenha acentuada confiança no Chefe aliada à certeza de que êste lhe proporecionará orientação precisa, como verdadeiro irmão mais velho, junto ao qual atitudes de acanhamento se não justificam.

LEALDADE, pois, e AMIZADE CORDIAL, serena, seja o grande presente que o Monitor em tudo, dê ao Chefe. E é possível que isto, muita vez, salva a boa fama da Patrulha e da própria Tropa.

Após o Círculo de Estudos recolheram-se os programas de um reunião de Patrulha, compreendendo provas de Noviço, organizados como trabalho prático do Curso. E combinaram-se as providências para o acampamento de sábado e domingo próximo, dias 29/30.

#### ACAMPAMENTO de 29/30 de Maio

*Caráter:* Exercício técnico em geral, em conjunto e por Patrulhas. — Instrução teórica.

*Local:* Caverna dos Escoteiros de Tupãci.

#### PROGRAMA

Dia 29

À tarde — Chegada

19 hs. — Café.

19,45 — Cerimônia religiosa na Catedral Metropolitana.

20,00 — Silêncio.

Dia 30.

6,30 — Alvorada.

7,00 — Missa.

8,00 — Hasteamento da Bandeira.

8,15 — Café.

8,30 — Instrução: O Canto-de-Patrulha.

10,00 — Exercícios de Sinalização. Preparo do Al-

14,45 — Primeiros socorros.

15,45 — Café.

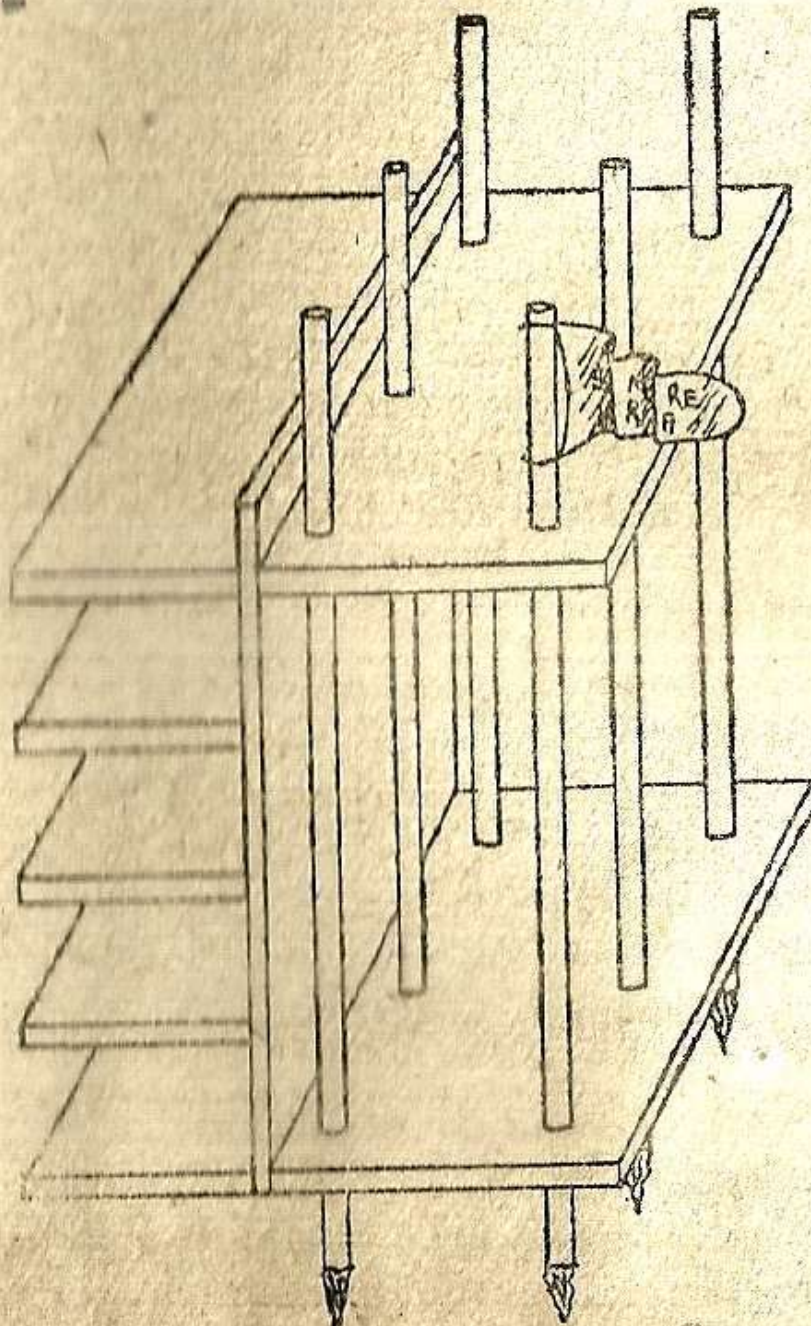
16,15 — Ordem unida. Evoluções.

17,00 — Apreciação das atividades. Arriamento da Bandeira. Regresso.

Impedido, pelo mau tempo, o acampamento previsto em Vila Elza, acantonaram os Alunos-Monitores da Caverna ds Escoteiros de Tupãci, do Ginásio N.ª S.ª do Rosário.

O CANTO-DE-PATRULHA. — Instrução prática, à vista das divisões de Patrulhas na Caverna. ~~Sugestões~~ e troca de idéias.

*Porta-bastões:* Os bastões se enfileiram em orifí-

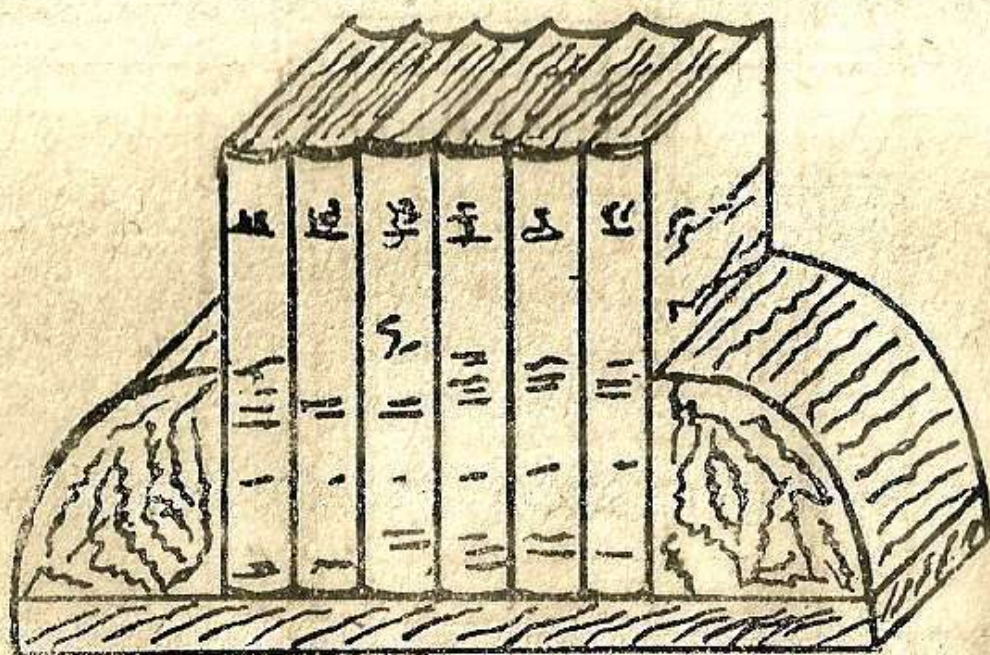


eios feitos em duas tabuas que servem, ao mesmo tempo, de prateleira.

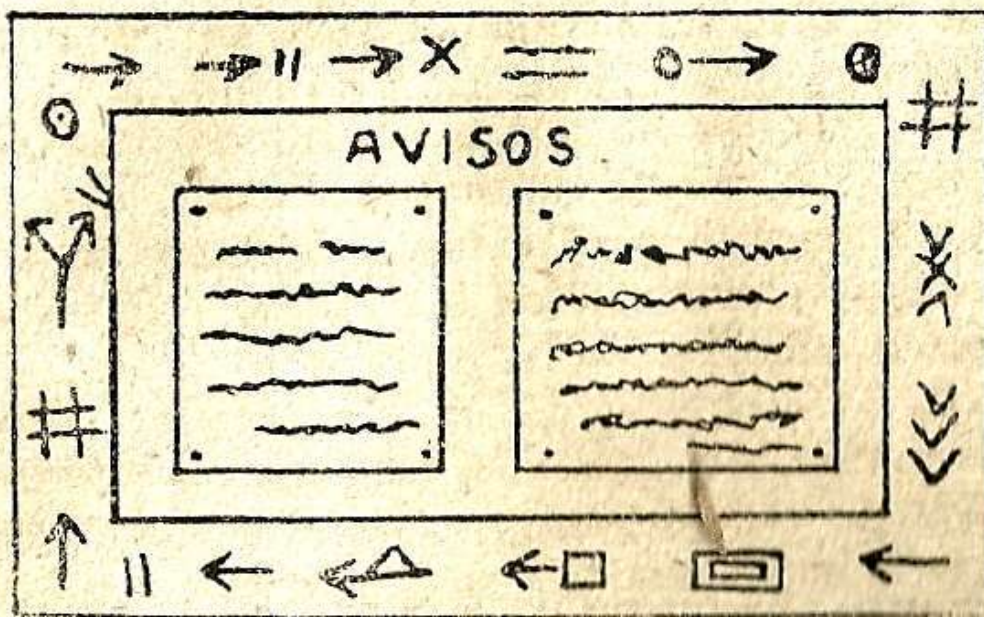
*Bancos:* Feitos de tábua, ou troncos rústicos. Podem fazer-se as pernas de madeira bruta e o assento de tábua. O mesmo para a mesa. Sempre se apreciará mais, como valor escoteiro, o trabalho próprio da Patrulha que o alheio.

*Museu:* Os objetos devem ser achados e trazidos pelos Escoteiros. Os presentes tem apenas interêsse pela raridade do objeto ganho. Não é a quantidade de objetos iguais mas a sua variedade que vale à coleção.

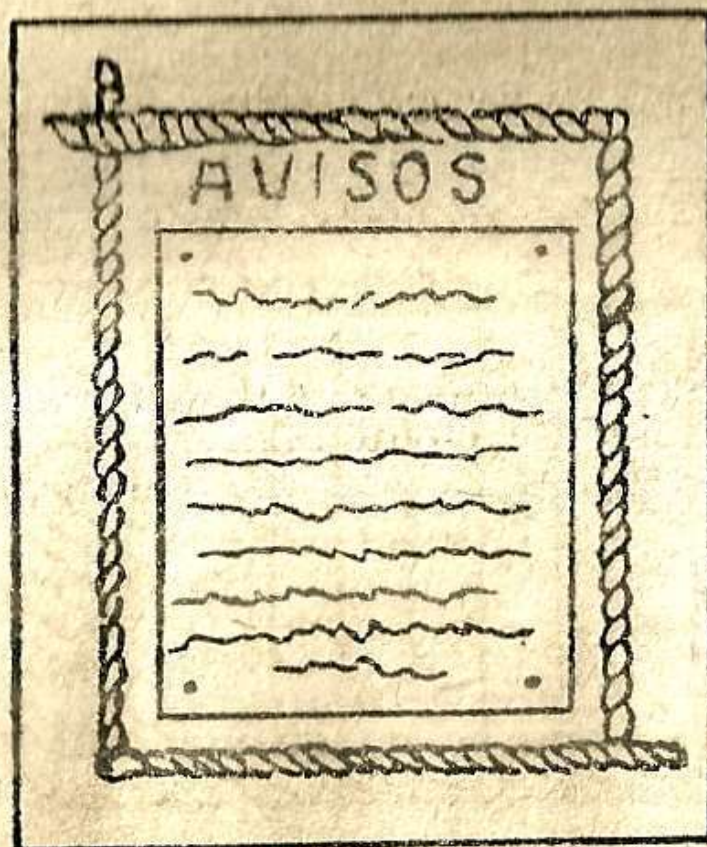
*Bibliotéca:* E' conveniente, salvo se a Tropa tiver muito bem fornecida bibliotéca, que cada Patrulha conte com alguns livros mais indispensáveis de técnica e formação. P. Ex.: O Guia do Escoteiro, Para Ser Escoteiro, o Sistema-de-Patrullhas, e mais algum. A bibliotéca da Patrullha não deve pensar em fazer concorrência à de Tropa, mas tão sómente possuir os volumes das obras de maior uso pelos Escoteiros. As demais devem ser doada à biblioteca geral dando mais proveito aos Escoteiros quanto mais variada e completa em bons livros. Uma prateleira enfeitará bem a Patrulha.



*Quadro de Avisos:* Torna-se bastante prático, além de ser um ornamento para o canto-de-patrulha, um belo



quadro de avisos, onde se afixarão as instruções do Monitor. Assim o Escoteiro que chegar a sede, ausente a reunião anterior, ficará sabendo as ordens que o Monitor expediu. — Damos, à parte, dois modelos. Para o emolduramento: Podem usar-se desenhos (sinais de pista, etc.), nós escoteiros, ou simplesmente um ramo de cipó ou um pedaço de cabo.



*Boas-Ações:* Algumas Parulhas costumam conser-

var uma caixinha fazendo o papel de cofre, onde os Escoteiros, anônimamente, lançam uma pedrinha acada B. A. praticada. Se assim se proceder, agir-se-á com espírito de simplicidade e modéstia. Seria vergonhosa a “boa” ação praticada por espírito de ostentação. “Não saiba a mão esquerda o que faz a direita”, afirma sábio consêlho do Evangelho.

*Campanhas:* Custa pouco haver na Patrulha uma caixa qualquer destinada a receber metais velhos, ou selos, materiais vários que possam ser transformados em dinheiro para as despesas internas.

Se estas iniciativas estiverem ao encargo da Tropa, nada impede à Patrulha juntar os objetos dessa forma e depois entregá-los ao Chefe. Será, antes, um sinal de boa organização.

**AINDA O 2.º e 3.º ARTIGOS.** — A franqueza deve caracterizar o Escoteiro, que é incapaz de “falar pelas costas” de alguém. Se notar algo de menos bom noutra pessoa, longe do difamá-la, procurará avisá-la se possível da inconveniência de seu máu procedimento. Se fôr outro Escoteiro, está no dever grave de comunicarlhe o que observou e ouviu dizer. Se receiár não ser compreendido, falará ao Chefe e silenciárá mesmo aos outros Escoteiros. Lealdade e prudência, sempre.

A vida escoteira sente-se embebida no desejo de servir. Para uma excursão de qualquer natureza, o mais importante não é a comodidade suave, mas as possibilidades que se apresentarem de “ajudar o próximo” se o conforto e o bem-estar colaborarem para a alegria,

e, em parte, são muito necessários, muito mais fazem, naquêlê sentido, as boas ações praticadas.

Jamais deixes tua Patrulha fugir, Monitor, ao sublime encargo de fazer bem a outrem, ainda que isto te custe um pouco de descanso com que sonhavas. O confôrto espreguiçado não é o fim do acampamento, mas sim que tôdos voltem do campo mais Escoteiros do que quando saíram.

**ALMÔÇO.** — Linguíça com arroz, e massa com linguíça. Preparado por Patrulha.

**JOGOS-DE-INTELIGÊNCIA.** — As profissões — Assentam-se os Escoteiros em roda. Um deles atira a outro uma pelota, dizendo, ao mesmo tempo, o nome de uma profissão. O Escoteiro que receber a bola deve, imediatamente, dizer o nome de um objeto usado nessa profissão. — Também é possível inverter-se o jogo: dizer o nome de um objeto ao qual se responde com o nome de uma profissão que o emprega.

“*Sim*” e “*não*”. — Fazem-se perguntas aos Escoteiros que sem faltar à verdade, são obrigados a respondê-las não pronunciando jamais as palavras “*sim*” e “*não*”. Quem errar, sai.

**LANÇAR E APARAR O BASTÃO.** — Há diversas modalidades. Eis a presente: Dispõem-se os Escoteiros em grande roda, com dez passos de intervalo entre si armados alternadamente de um bastão — isto é, apenas metade dos jogadores possui bastão. A um sinal, começa o jôgo, lançando tôdos, ao mesmo tempo, os bastões. Aparam-nos os outros jogadores e assim por diante. A destreza e rapidez se tornam os principais requisitos deste jôgo.

**SOCORROS-DE-URGENCIA.** — Exercício de respiração artificial, pelo método de Schaeffer. Faz-se a expulsão da água engulida pela vítima suspendendo-a alguns instantes pelo abdome, voltada, de rôsto, para o solo. Em seguida, é posta de bruços, com a cabeça apoiada, de lado, num dos braços, que serve de travessei-

ro. O outro braço e as pernas ficam estendidas. — A respiração artificial é provocada pela pressão cadenciada que fazem as mãos, com tódo o pêso do corpo, sôbre o tórax, à altura do diafragma. Figura mais adiante. A velocidade dos movimentos é de, mais ou menos, quinze por minuto.

Facilita-se o contrôle, executando-os de acôrdo com a própria respiração: ao expirar; comprimir o paciente, ao inspirar, afrouxar a pressão lentamente.

ORDEM UNIDA. — Revesaram-se os Alunos-Monitores no comando, para exercício. A voz-de comando possui acento dominante numa das silabas, a-fim-de tornar positiva e firme a execução descansar, sentido, esquerda ou direita volver, etc.:

### *Apreciação das atividades*

*Presteza* maior é necessária na execução das ordens. O Escoteiro é rápido e faz tudo correndo, quando o pode. Assim ganha mais tempo para o resto das atividades. Acostume-se a isto o Monitor para depois fazê-lo com a sua Patrulha.

*Silêncio* à noite: podia ter sido pouco melhor.

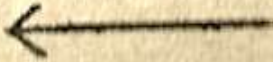
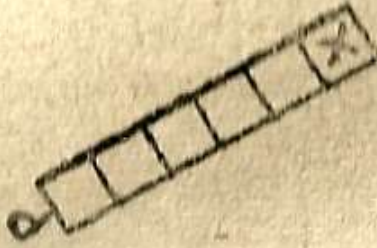
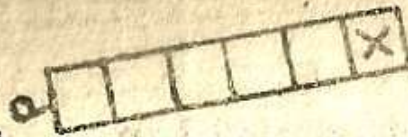
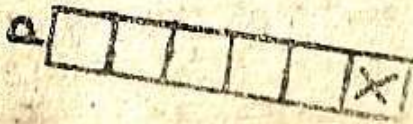
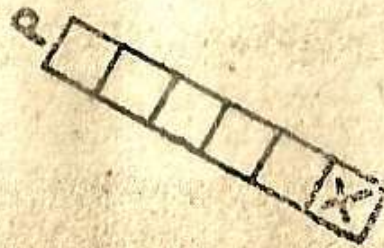
*Despertar*. — Após a alvorada, o vestir-se deveria ser bem mais de-pressa.

*Tempo desocupado*. — Se, porventura, alguém ficar desocupado enquanto os outros trabalham, procure ajudá-los. E' assim que se compreende o 3.º artigo.

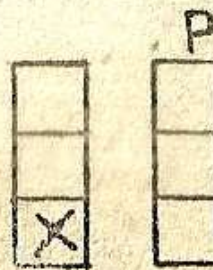
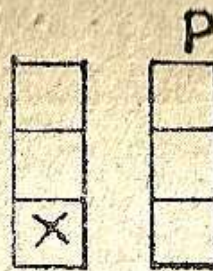
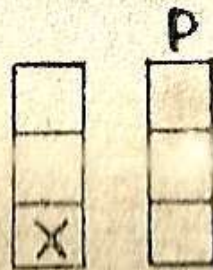
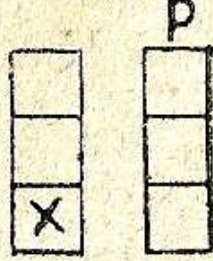
*Sinalização*. — Quando estiver incerto, não faça o sinal de transmissão. Uma hesitação a meio caminho embaralha tudo. Corrijam-se as posições dos braços em semáforas, para não ficarem inconvenientemente meio horizontais ou meio-oblicuos, estabelecendo confusão.

*Almôço*. — Comida simples e bem preparada, como deve ser. Parabens. Embora não seja o principal, a refeição agradável faz parte da habilidade escoteira e também contribue para a boa disposição de tódos.

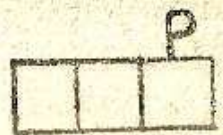
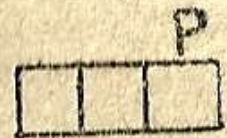
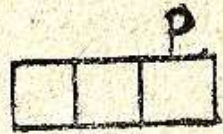
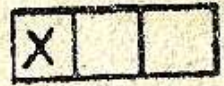
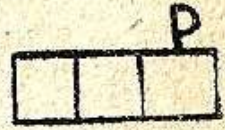
# COMANDO POR SINAIS COM OS BRAÇOS





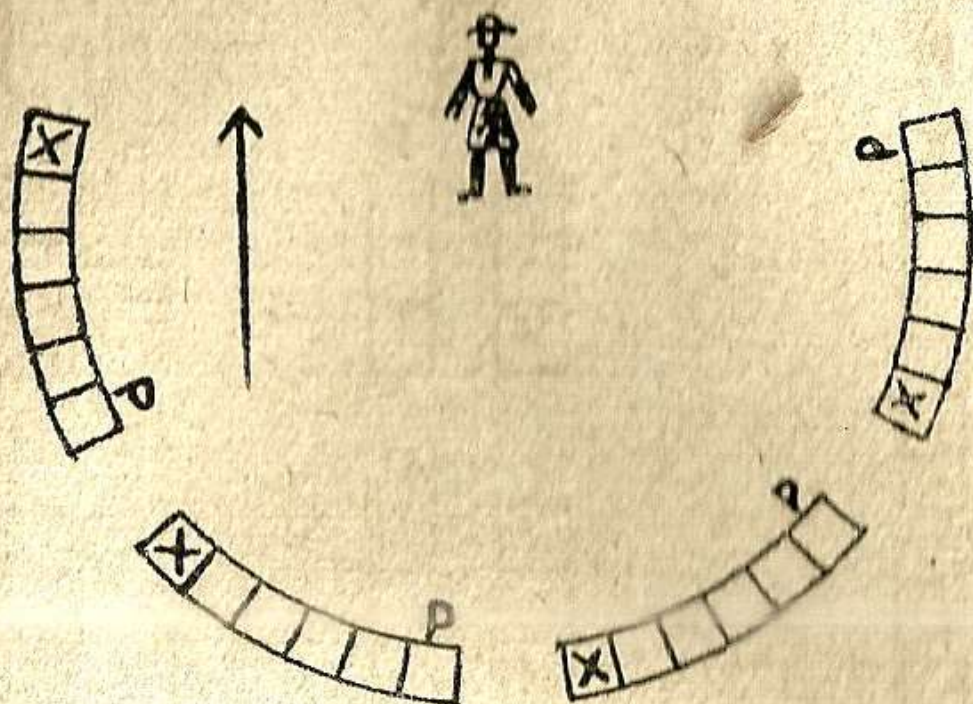


SUB-MONITOR



MONITOR





*Lançamento de bastões.* — Agilidade e cuidado com a cabeça. Bem.

*Jogos-de-inteligência.* — Cautela para que se não tornem jogos de “inteli-jumência”.

*Primeiros socorros.* — Melhoraram consideravelmente. Nos ensaios, o “afogado” não deve forçar a suspensão da respiração, ao lhe comprimirem o torax.

*Ordem unida.* — Algumas evoluções lamentáveis. Ao fim, o conjunto ia bem. Exercitem, em casa, os comandos por apito.

*Observação geral.* — Por motivo de fôrça maior, faltou um Aluno-Monitor. — As atividades decorreram melhor que das outras vezes. Jamais havíamos trabalhado tanto, e o dia foi muito bem aproveitado. Contamos com o auxílio fraternal de alguns Escoteiros da Tupãci para a cozinha. Gratos. — Visitou-nos um professor, Rvdo. Imãõ Cirilo, que participou, alegremente, de alguns dos nossos jogos. Após os três “arrês” dados à caverna, em despedida, encerraram-se as atividades.

IX Reunião, 31 de Maio — Caráter: *Círculo de Estudos* — 10.º ART. da LEI.

Ao início, trataram-se alguns assuntos de caráter prático, relativos ao:

**LIVRO DE PRESENCAS.** — A marcação da presença às reuniões da Patrulha será feita em caderno ou fôlha, especial dividida em duas partes mais ou menos iguais, ao comprido. Na primeira, inscrevem-se os nomes dos Escoteiros. Na segunda, traçam-se tantas colunas (estreitas) quantos fôrem os dias de atividades. Ao cimo de cada coluna, escreve-se a data. Pode marcar-se a presença com a letra "P", deixando-se em branco a marcação da ausência até que seja justificada ou possa ser definitivamente assinalada com a letra "A". — Muito próprio é o caderno quadriculado.

Se as presenças forem marcadas tão sómente pela Tropa a esta cabe resolver sôbre o modo de cumprí-lo.

**LIVRO DE CAIXA.** — A Patrulha que tiver Caixa própria pode organizar um livro com fôlhas do modelo da página anterior. A coluna de escrituração das "entradas", também pode ser encimada pela palavra "Deve", porque aquelas significam (na escrituração comercial) dívidas que a caixa tem para com a Patrulha. A coluna dos "gastos" pode ter o título de "Haver", porque tôda saída de dinheiro representa crédito da Caixa.

**LIVRO DA BIBLIOTÉCA.** — Tudo pode ser feito num só livro dividido em parte. Reserve-se uma destas para anotar os livros da Patrulha, com seu título e autor. Algumas páginas serão destinadas a fim especial. O Escoteiro que retirar o livro para lêr em casa, anotarâ o dia, nome do livro, assinarâ, como comprovante de ter o volume em seu poder. Uma linha basta, para cada vez. Divide-se a página em colunas adequadas.

---

**INTERRUPÇÃO DO CURSO DE MONITORES.** — Devido ao facto de começarem os exames ginasiaes ao

fim da próxima semana, impedindo, assim, o comparecimento de quase todos os alunos dêste Curso, fica o mesmo interrompido até o próximo dia 1.º de Julho, 5.ª-feira.

---

### LEI ESCOTEIRA. — 10.º artigo: O ESCOTEIRO E' LIMPO DE CORPO E ALMA.

Podemos considerar, neste artigo, duas partes. A primeira refere-se à hygiene física, já ensinada ao Escoteiro em seus primeros dias de preparo para Noviço. A segunda, mais importante, encontra sua verdadeira expressão na forma que Baden Powell deu à êsse artigo: *O Escoteiro é puro em seus pensamentos, palavras e ações.*

Em verdade, grande sabedoria revelou o velho Chefe em determinar, num artigo especial, colocado em último lugar, para ser mais lembrado e como corôa dos demais, a atitude escoteira diante do sempre atual e absorvente problema que é, para o jovem, a castidade, e cujos desvios se revelam terrivelmente desastrosos, quando não fatais, para a fibra do caráter e para todos os grandes ideais que iluminam a alma.

Em primeiro lugar, cabe ao Chefe orientar o Escoteiro, pois nêste terreno, se exige madureza e grande tacto. Entretanto, o Monitor, que mais perto acompanha os rapazes na Patrulha, não deve ignorar, para seu próprio conhecimento e direção, e para melhor auxiliar o trabalho benéfico do Chefe, dentro do sadio espírito escoteiro, as questões que cruciam o adolescente e se reflete por quase tôda a vida. E' indiscutível que o sexo constitue um reino misterioso e tentador que o jovem tem necessidade de penetrar com retidão, honestidade e limpeza.

Nêle faremos, juntos uma exploração escoteira.

Os diversos pendores ou inclinações que se re-

velam no homem, podem agrupar-se em duas grandes divisões: 1 — as tendências, propriamente ditas, e  
2 — os apetites.

Dizem, as primeiras, respeito a tudo o que tiver feitiço predominante espiritual, tomando esta palavra no sentido mais largo. Assim, o gosto pelo estudo, pelo trabalho ou pelas artes, o sentimento de fraternidade para com outro Escoteiro, etc. são inclinações, tôdas muito legítimas e nobres. — De outra parte, chamar-se-ão *apetites* as tendências para coisas materiais que satisfaçam principalmene ao corpo. Estão nêste caso, por exemplo, a fome, a sêde, o sono, etc.

Cada um dêsses apetites traduz uma necessidade do organismo, a qual deve ser satisfeita, para a conservação da vida do corpo. A fome e sede requerem os alimentos sólidos e líquidos, e o sono exige o repouso noturno periódico. Ao mesmo tempo, a cada uma dessas satisfações por admirável disposição natural, está ligado certo prazer que tem com que função de estímulo para o homem se abalançar a cumprí-las. — Quem não gostará de assentar-se à mesa, diante de belas e saborosas iguarias, quando o estômago sente as cócegas do meio-dia? Ou de beber um copo de bom refrigerante numa hora de canícula, quando a sêde abraza a língua e as entranhas? Não fôra assim, e apenas sentiríamos o esforço de satisfazer os apetites, sem qualquer incitamento agradável. Sómente para ilustrar: é tão intenso o trabalho de mastigação, que os músculos mais fortes do corpo humano, em proporção ao tamanho, são os dois masseteres, que movem o maxilar inferior. E o maior suplício para os doentes enfatiçados, que não sentem prazer na alimentação, é o preceito médico que os obriga a comer sem apetite.

A primeira ordem divina dada ao homem, não foram os conhecidos dez mandamentos da Lei de Deus. Já antes dêsses, narra Moisés no livro do Gênesis (Livro da Criação do mundo), havia sido dito aos primei-

ros pais, logo após colocados no mundo: “Crescei e multiplicai-vos!” — “Crescei...”, isto é, conservai e desenvolvei a vida do vosso corpo. E, para êsse fim, tem a natureza humana os apetites de que se falou acima. São apetites de fins individuais, quer dizer, aproveitam unicamente à pessoa que os satisfaz. Cada homem come, bebe e dorme para si, sómente, não para os outros.

Entretanto, notemos a segunda parte da ordem: “... e multiplicai-vos!” — ou — Não conserveis exclusivamente para vós a vida que recebestes. Transmiti-as a outros homens, povoai a terra com os vossos filhos!” — E, assim como tôdos recebemos os apetites que tem por fim conservar a vida do corpo, também recebemos outro apetite que tem por fim conservar a vida do gênero humano: é o *apetite sexual*.

Sexo é a diferenciação existente entre o homem e a mulher. Os dois possuem não só corpo, mas caráter diferente. Assim a mulher tem o seu espírito tôdo voltado para as pequenas coisas, para as minúcias, já disposto para a vida que levará dentro do lar, seu pequeno mundo, onde, viverá e que deverá tornar agradável e convidativo.

Além disto, é mais afetiva, mais sensível, mais disposta ao sacrifício e, também, mais frágil. E' comum denominar-se o sexo feminino de sexo fraco.

Ao contrário, o homem é mais robusto, apto para a luta, tem espírito mais largo, voltado para os problemas gerais, maiores do que as coisas de dentro de casa (panelas, cortinas, roupa, etc. etc.). E' menos sensível, mais brutal, mais *efetivo* que *afetivo*. Claro é que falamos das regras gerais e não das exceções: homens efeminados, mulheres masculinizadas.

Sábiamente distribuiu Deus o encargo da procriação dos filhos aos dois, homem e mulher, devido ao enorme pêso da tarefa. Grande é a soma de trabalhos e sacrifícios que ocasiona a educação completa de uma

pessoa. Muito mais, a de várias, como é o caso habitual das famílias. Desde o primeiro vagido até o momento em que os filhos possam viver independentes, vai-se real fortuna em moeda e, às vezes, tôdo um pequeno martírio em sacrifícios. Fazei o cálculo das vossas despesas de roupas, sapatos, colégio, divertimentos, e o mais num só ano. A isto, somai os gastos com enfermidades. Acrescentai as dores-de-cabeça que tendes dado, desde as pequenas desobediências até as falta mais graves e as irregularidades de vossa saúde. Pesado isto, por certo, aumentará vosso sentimento de gratidão, respeito e amor aos pais.

Sem dúvida, existe o reverso da medalha: as grandes alegrias da vida-de-família compensam muitíssimo dos instantes de angústia, e se não podem comparar-lhes a nenhuma outras. Tôdos vós, em vossa idade, já o tendes visto e, certamente, fruido de muitas delas, no próprio lar. — E a condição normal do homem que, por motivos de ideal superior ou por criminoso egoismo se não conservar solteiro, é constituir família. Temos, pois, que, assim como para conservar a vida do corpo o homem satisfaz determinados apetites (fome, sede, etc.), assim, para conservar a espécie, isto é, a humanidade, o homem satisfará o apetite sexual. Este, como os demais, lhe proporcionará certo prazer que será como que estímulo inicial para meter ombros às responsabilidades que a família acarreta. Sublinhemos em nossa mente, entretanto, que não é a pura satisfação do apetite sexual o fundamento da família e da vida do lar. O amor entre os esposos não pode comparar-se a atitude de cães que avançassem a um pedaço de carne. É algo muito superior, é amparo recíproco do homem e da mulher, nascido do entendimento mais ou menos perfeito das duas almas. Afeição e amparo que depois se estendem aos filhos, prolongamentos dos pais, tanto pela vida física, como pela virtude que lhes houverem inspirado. Muito depois de desaparecidas as funções sexuais, ainda per-

dura e se intensifica a afeição entre os esposos.

A satisfação dos apetites, ponto fundamental, está subordinada a um *fim* e a determinadas *condições*. A não observância destas ou daquêle, constitue desordem, tanto na vida moral, como na própria vida física. — O indivíduo satisfaz a fome, sêde ou sono unicamente com o *fim de manter a vida do corpo*. Além disso, existem as condições em que isto se fará: não se bebe, come ou dorme a qualquer hora sem medidas. Existe o *tempo* e a *moderação*. Nisto, além de outras coisas, distingue-se o homem do animal que não observa outra lei a não ser a do instinto, quase sem limites — mas, às vezes, mesmo assim, mais comedida que a de certas pessoas...

Para o apetite sexual, verificamos coisa semelhante. Tem êle um *fim*: conservar, não já a vida do homem, isoladamente, mas a da espécie ou gênero humano. E também está subordinado a condições impostas pela própria natureza, e conformadas pelas leis morais, às quais o homem, como criatura racional, que pensa, está sujeito. São as condições do matrimônio legitimamente constituído perante Deus e a sociedade. Não obedecer a esta norma, caríssimos Alunos-Monitores, é falhar à própria qualidade de homem, criatura superior. Porque, notemos o seguinte: o que se chama de “Moral” não são simplesmente proibições à-toa, sem nenhum motivo, e que tenham por único fim dar um “bom-tom” ou “fazer bonito” — ou ainda, como se alega, escravizar o homem — mas *são necessárias à própria felicidade, ao bem-estar, à própria vida*.

Tomemos o caso da satisfação dos apetites individuais: Comer em excesso ou a tódo o momento, além de possíveis males imediatos, nada agradáveis nem elegantes (pezadume, indigestão) terão como consequência o arruinamento do aparelho digestivo (estômago, fígado, etc.), com tanto mais rapidez quanto mais débil for o organismo maltratado. O mesmo com a bebida. As



próprias coisas habitualmente inofensivas — antes, até úteis dentro de suas normas — são perigosas quando desregradadas: Nesta cidade, há anos, correu pelos jornais o final de uma aposta entre dois companheiros, sobre quem beberia mais água. Ambos atingiram a quantidade de 25 copos. Querendo um dêles vencer em definitivo o empate tragou mais dez — e caiu morto pouco depois, em consequência.

Em extremo desastrosos são os vícios contra a castidade ou continência. Desde a Lei de Deus até as regras deixadas por sábios educadores e cientistas vedam e acautelam nêsse sentido. De tôdos os vícios, são os sexuais os que mais desfibram, estragam e arruinam o homem. E mais de um Escoteiro envelhecido e definhado precocemente nos poderia narrar a triste historia de uma flor-de-lis, símbolo de norte e pureza, jogada fora por trazer consigo o cumprimento do décimo artigo.

Vejamos alguns pontos: a função sexual aparece no homem pelos 13 a 15 anos, às vezes mais cedo ou mais tarde. Chama-se êste período: a puberdade. Tendo por finalidade *transmitir a vida*, só quando o corpo estiver convenientemente desenvolvido e robusto, poderá a função sexual exercer-se satisfatóriamente, pois um organismo ainda *incompleto* só se pode transmitir incompletamente, isto é, *com falhas*: ninguém dá o que não tem. Calcula-se entre os 22 e 25 anos a boa idade para o casamento. Pode haver exceções, desenvolvimento completo antes. A lei civil brasileira permite o matrimônio, para os homens, desde os 18 anos, com licença dos pais. — *Adolescência* são os anos que vão desde a puberdade até o completo desabrochar do físico. Durante esta época em que o rapaz se vai tornando *homem*, tem o organismo necessidade de abundante nutrição, e, em particular, de cálcio. Ora, o semen, líquido expulso pelos órgãos sexuais masculinos — e isto se faz violentamente pelos vícios sexuais — é justamente riquíssimo dessa substância que, se os conservasse dentro do

corpo, seria em grande parte reabsorvida pelo organismo, com proveito geral. Quando, por ventura, há excesso ou sobra de semen, é êle *naturalmente* expellido à noite, de quando em vez, sem necessidade de nenhum ato especial, como erradamente se encontram indivíduos que o pensam. Tais atos constiuem vícios perniciosos. — Já deveis ter conhecido companheiros que, até os 12 anos, eram exemplares, estudiosos e amigos, passando, inexplicavelmente, tempos depois, à vadiagem, a se mostrarem irritadiços, abatidos, enfraquecidos de vontade e de corpo. Não se tarda a descobrir a causa: indagai da espécie de companhias que tem, e achareis, ainda no fundo, o malfadado vício sexual — que já cortou mais de uma vida jovem. Podem ser-lhe consequências várias moléstias fatais, sendo comum a tuberculose.

Grandes são os males que a impureza traz ao homem. Uma enormidade de sofrimentos se mascaram sob a sífilis, que causa mais vítimas que as grandes batalhas de uma guerra. E são terrivelmente dolorosas as consequências hereditárias dessa doença. Imagine-se o remorso de um pai que, ao deparar com o berço do filho, nêle veja um pobre ceguinho, um monstro de cabeça disforme (cabeça d'água), ou infeliz tarado. Para compreender essa dôr, tardia e sem remédio, suponhamos tivésseis um irmão que, por vossa culpa, ao aproximar-se do fôgo, e não sendo detido, se houvesse queimado e deformado o rôsto, cegando. Cada vez que o encontrásseis à frente, terieis o espedaçante remorso de vossa culpa. O mesmo sucederá ao pai que vir no corpo do filho innocente as marcas da mocidade depravada.

Entre rapazes, há os que declaram — porque ouviram dizer — a impossibilidade da continência. Verificai: encontrareis nessa afirmativa a defesa inútil dos próprios desmandos. Ou alegam, ainda, que a castidade é prejudicial.

Examinemos brevemente. Em contrário, de início, bastaria o raciocínio: Deus criou a natureza humana. Como poderia, Êle exigir o cumprimento de uma lei que fosse adversa, nociva áquela? Seria, comparando, o caso de um relógio — supondo-o inteligente — que quisesse saber muito melhor sua constituição e funcionamento que seu próprio fabricante. — Deixando, à parte, a consideração das misérias acima apontadas, e, sem atender ao argumento religioso, prossigamos:

“Não vi jamais, uma só moléstia causada pela castidade”. Quem o afirma é Mantegazza, médico famoso, materialista. E encontrareis o éco dessa mesma voz entre tôdos os cientistas dignos, de tôdas as nações e crenças, mas que não procuraram desculpar pela falsidade as próprias faltas, a sua paixão incontida. Baden Powell, nosso genial fundador, além, do que escreve em seu “Manual do Escoteiro”, dedica um capítulo do “Caminho para o Sucesso” exclusivamente a êsse assunto (livro para Pioneiros).

Para as dúvidas que possais ter mais tarde, ou refutar as mentiras que tentarem impingir-vos companheiros inimigos de vosso caráter e de vossa consciência escoteira, recomendo-vos qualquer dos livros sérios e úteis, ao vosso alcance: “O Brilho da Mocidade”, de Thiamer Thót — “Conselhos aos adolescentes”, do Dr. Georges Surbled “Nos dias de tua Mocidade”, de Egmont Machado Krischke — “A Educação Sexual”, de A’lvaro Negronte — “Mocidade e Sexo”, do Dr. Irineu Torres Vasconcellos. Tése subscrita por mais de duzentos médicos desta Capital e do interior do Estado. Diz êste autor a certa altura: veem-se, pelas paredes, anúncios incontáveis de medicamentos para doenças venéreas — “Tome isto ou aquilo, etc. etc. para êste ou aquele outro mal, porém nunca se vê anunciada: “Sofre dos males da Castidade. Tome o remédio X”.

Quererão impressionar-vos, dizendo: “O corpo” pede “os atos sexuais antes do matrimônio”...

Mas, tudo quanto o corpo pede deve ser satisfeito? Conhecemos, próximos a nós, dois casos fatais: Ambas as vítimas, após exercício que as fatigara e provocara sede inaturável, haviam atendido ao que o corpo “pedia”. E um pouco d’água, ótimo e suspirado refrigerante, levou-os à sepultura. — Nas caminhadas pela neve, o frio e cansaço provocam tentadora e irresistível sonolência, para a qual o corpo “pede” ao viajor que se deixa extender e durma. Com a simples consequência que o pobre homem, se se deixar levar pela tentação e não for socorrido, acordar-se-á na eternidade.

E’ inútil prolongar o cadastro de factos semelhantes. Sabeis, tôdos vós, de circunstâncias pessoais em que a violência à natureza rebelde marca ponto de partida para a vitória sôbre nós mesmos, o comêço da verdadeira felicidade. E’ sempre atual a lição do Padroeiro dos Lobinhos, S. Francisco de Assís, que denominava o corpo “o irmão asno, ao qual, não se deve maltratar inútilmente, se darão rédeas curtas tendo pronto o bastão para corrigir as desobediências”.

Tôda a vida escoteira é admirável combinação de meios que nos ensinam a vitória sôbre nós mesmos. As excursões, deliciosas e absorventes, o contato com a natureza casta, a fadiga dos trabalhos, são coisas que favorecem aos Escoteiros o cumprimento do décimo artigo. Leituras sadias de livros escoteiros ou quaisquer outros, de formação, biografias de homens ilustres e de virtude, são auxiliares, nos transes difíceis para ajudar-nos. Merece cuidado o pensamento, porque dêle é que nascem os atos bons e maus. E’ a regra de educação que se devem alimentar aquelas idéias que levem à prática das ações projetadas, que se querem, e, ao inverso, dissipar os pensamentos em desacôrdo com o fim desejado. Como consequência, deve zelar o Escoterio pelo asseio das conversas e a limpeza de suas idéias, não deixando a imaginação vagar sem leme. — No Velho Testamento da Bíblia, ao fim de se descrever a criação do universo,

há uma preciosa frase: “E Deus viu que tudo era bom!” O nosso corpo e o corpo alheio do mesmo ou diferente sexo, tudo é bom, merece nosso igual respeito escoteiro, sem permissões para leviandades ou malícia de qualquer feitio. Tòdos fomos gerados e nascemos da mesma forma, assim como, apòs a morte, o corpo de todos nós volverá ao pó.

E’ sábia a voz popular: “Quem brinca com fogo, se queima”. No entanto, êle é a alegria da nossa vida ao campo — porque o tomamos como *fôgo*, e não desatinadamente. Também são *fôgo* as energias da virilidade. Tratai-as com respeito. E, quando chegar a vossa vez tê-las-eis vigorosas, intactas, brilhantes para acender a vida de vosso lar, abençoado por Deus e protegido pela Pátria. Agradecereis, então, muitas vezes, o terdes sido fiel à vossa Lei Escoteira em tôda a sua extensão, em tôdo o seu heroismo. O décimo artigo assumirá outro sentido, não menos nobre e virtuoso: a *fidelidade* e a paternidade. — Até lá, sereis o exemplo de vossos Escoteiros, assim como tendes, tôdos vós dêste Curso, além do de muitos outros, o exemplo de vossos Chefes.

---

*Apreciação das reuniões.* — Satisfazem. Boa atenção e interesse geral. A última foi a mais longa. Bem movimentada, com muita e respeitosa franqueza.

---

## BOLETIM DO CURSO DE MONITORES —N.º 6

Quantidade e Qualidade, Reunião-de-Patrolha-ideias Roubadas.

Quantidade e Qualidade, Reunião-de-Patrolha-ideias Roubadas.

**QUANTIDADE E QUALIDADE.** — Qual será mais importante: a qualidade dos Escoteiros ou seu número? — Sem dúvida alguma, a *qualidade*. Nas instruções da fundação de Tropas, da F. R. G. E., figura êsse cuidado como primeira medida. O que vale para o Grupo, vale, forçosamente, para a Patrulha. Consequência: se estiver incompleta a Patrulha, não se deixe tentar o Monitor pelo desejo de encher as “vagas”, arrebanhando e apresentando ao Chefe, — que é o único a admitir Escoteiros — elementos duvidosos e, o que seria pior e desleal, ocultando-lhes falhas, unicamente para ver “aumentar” a Patrulha. Quanto aos casos de exclusões, já vimos anteriormente que mais vale perder um membro que o corpo inteiro. Só ao Chefe cabe excluir, conceder licença ou aplicar suspensão a Escoteiros.

**REUNIÕES-DE-PATRULHA.** — Quando se verifica que a Patrulha possui bom espírito e Monitor apto a dirigi-la a contento, concede-lhe o Chefe permissão de realizar reuniões à parte das de Tropa.

*Quando?* — Efetuar-se-ão reuniões sempre que houver interesse especial, ou em dias fixos, marcados. É conveniente haver dias *certos*, p. ex., uma vez por semana. Esquece-se menos facilmente, e haverá mais regularidade.

*Onde?* — O lugar mais comum é o próprio canto-de-patrolha. Nada obsta, entretanto, que, em combinação com o chefe, se reünam os Escoteiros na casa do Monitor ou de outro colega. Nêste caso, é recomendavel que se não crie o hábito de oferecer doces, café ou coisa que o valha, pois constrangerá os demais membros a fazerem o mesmo quando lhes tocasse a vez de receber a Patrulha.

Se se tratar de uma simples visita por motivo de aniversário, etc., muda o caso de aspeto.

*Como?* — Podem distinguir-se as simples reuniões da Patrulha para o exercício das provas, das que se fazem especialmente para tratar da vida interna da Patrulha, medidas a tomar para o progresso, para maior entusiasmo dos noviços, etc. Chamam-se estas: “Conselho-de-Patrulha”. Em grande parte das vezes, fazem-se as duas coisas a seguir: combinam-se os planos e desenvolve-se a parte técnica.

**PROGRAMA:** Já se insistiu na necessidade dos planos bemfeitos, ao início dêste Curso. Vale, para as reuniões, que se fazem *sempre com motivos*.

Sugestão para uma reunião de Patrulha antes da de Tropa, a-fim-de transmitir avisos dados pelo Chefe na última sessão do Conselho-de-Tropa, as resoluções dêste, e inteirar-se da situação geral da Patrulha. Duração: mais ou menos 30 minutos.

— Abertura da reunião.

— Leitura do Livro-de-Patrulha, sôbre a reunião e excursões passadas.

— Avisos do Chefe: Nosso canto-de-patrulha deve ser melhorado.

Foi satisfatório nosso bivaque. Falha: Limpeza do campo, à saída — Comentários, falem os Escoteiros. O Escoteiro X... está enfermo: visitá-lo-emos em companhia do Chefe e dois outros Escoteiros da Patrulha do Lobo.

— Palavra á disposição: Alguma nova idéia? Novidades que nos interessem?

Eis outra: Reunião de 60 a 90 minutos.

— Abertura. — Leitura do Livro de Patrulha.

— Avisos. Palavra á disposição. Informações ou idéias a apresentar.

— Instrução Escoteira: O submonitor encarrega-se da instrução dos Noviços: Higiene, Bandeira Nacional. Fará repetir os nós e insígnias.

O Monitor encarrega-se dos Escoteiros de 2.<sup>a</sup> Classe: Orientação pelo relógio, árvores, bússola. Socorro no afogamento.

— Jôgo em conjunto: Rinha ou Escalpe.

O programa deve ser variado, e não demasiado cheio. Aliás, note-se que não há obrigação de cumprir todo o programa, se não houver tempo. É importante: a *hora e duração da* atividade. Escolham o momento favorável a todos e não prolonguem excessivamente as reuniões. Se algum Escoteiro tiver compromisso com os pais, etc., não hesite em dispensá-lo antes de terminada a reunião, se necessário. Não é imprescindível, tão pouco, dar instrução completa sôbre um assunto. P. ex., ensinar *alguma coisa* sôbre higiene, socorros de urgência, etc., deixando o resto para a vez seguinte, quando se repetirá a parte já ensinada e prolongará o ensinamento. Pois o mesmo assunto, durante muito tempo, satura, embota, enjoa.

A *abertura* da reunião pode ser feita de vários modos. É muito comum e bastante louvável o hábito de fazê-la com breve oração. É muito própria a prece escoteira incluída no livro "Para Ser Escoteiro": "Senhor Jesus, ensina-me a ser generoso, a servir-vos como o mereceis, a dar sem contar, a combater sem temor das feridas, a trabalhar sem descanso, a sacrificar-me sem esperar outra recompensa que a de saber que faço a vossa santa vontade. Assim seja". Pode fazer-se ainda, recitando, todos em conjunto, a Promessa e a Lei.

O *encerramento* pode fazer-se entoando o hino "Alerta!" Nada impede que seja também feito com uma oração, ou recitando-se a Promessa e Lei, se a oração foi feita no início.

*Quem?* — Todos. — Não estando todos não se fará a reunião? — Far-se-á de qualquer forma. Ainda que compareça *um só* Escoteiro. Às vezes, são estas, as reuniões com dois ou três, apenas, as melhores. Há mais intimidade no momento, e é possível que se in-



tensifique o preparo de certas provas. E assim não se perderá caminhada e tempo. Note, também, o Monitor que várias faltas podem ter sido involuntárias e até os culposos — que deverão haver-se mais tarde com o Monitor e o Chefe — ficarão lamentando o não comparecimento ao verem o progresso dos demais.

Para simples trabalhos no canto de patrulha, torna-se desnecessária a forma de reunião apontada acima. Marca-se, apenas, a hora de chegada e, se conveniente a de saída. Devem acostumar-se os Escoteiros a que, recém-chegados, se considerem logo “em reunião” e iniciem o trabalho por fazer. Quem tem vontade, sempre acha ocupação.

### IDEIAS ROUBADAS

Certo dia, prezado Monitor, com íntimo desaponto, és surpreendido com um roubo. Não de coisa material, a que possas invocar o nono artigo, mas uma de tuas mais belas idéias, havias comunicado, alguns dias antes, que darias brevemente início a um quadro onde se contivessem em cartõezinhos móveis, os nomes dos Escoteiros da Patrulha, com respectivo cargo e direção de residência. Coisa linda, muito bem pensada!

Mas quê surpresa!... Ao penetrares no canto-de-patrulha, vês, agora, de-chôfre, a moldura que idearas, feita por outrem... E muito bem feita!...

— Não é isto um roubo? — Sim! Mas acrescentemos: *Bendito* roubo! Porque tôda idéia que deva trazer algum bem à tua Patrulha merece ser “roubada”. Tu, contentar-te-ás em vê-la progredir, ainda que nas mãos de outrem. Não te caberá, é certo, o *orgulho* de ser o *autor* da obra. Mas sempre será teu o *mérito* de lhe teres dado o primeiro sôpro de vida. Ficarás, assim, mais livre de teu amor-próprio, e te sobrarão mais energia, mais tempo para efetuares outro trabalho, saindo os Escoteiros, destarte, duplamente beneficiados. Por tôda a vida, chegarás a muitas ocasiões de proceder da mesma forma: deixa que outros semeiem as *tuas* idéias

do bem, os *teus* ideais. Talvez o façam ainda melhor que tu. O principal é que êles vinguem, frutifiquem e apareçam e não que *tu* apareças.

Com esta reunião, interrompe-se o Curso de Monitores até o próximo dia 1.º de Julho.

---

Reunião do dia 1.º de Julho — *Caráter: Círculo de Estudos.* —

## A PATRULHA NO CAMPO

O verdadeiro Escotismo não se faz entre as quatro paredes de uma casa, por que sua maior força é a vida no campo. Mas campo "CAMPO", e não "fundo-de-quintal" de alguma caverna. — Ao Chefe cabe permitir às Patrulhas experimentadas acampem ou excursionem sózinhas. Duas coisas primeiras se requerem para excursão ou acampamento de Patrulha:

1.º — Licença do Chefe, ao qual se apresenta o programa das atividades.

2.º — Licença dos pais dos Escoteiros, devidamente informados de que a direção *pertence ao Monitor*, e que o Chefe (certa ou provávelmente) não acompanhará. E' isto requisito indispensável para que os pais, em qualquer situação futura, não aleguem ignorância do facto.

Para organizar programa, é necessário saber:

1.º — A finalidade da excursão. De acôrdo com esta, proceder-se-á.

2.º — Escôlha do local.

A finalidade pode ser: treinamento de provas, exploração do local e pesquisas que revertam em benefício do museu da Patrulha ou Tropa, simples excursão de descanso e fraternidade escoteira.

E' bem visto que jamais haverá um só dêesses fins. Um dêeles é *predominante*, sempre aliado aos outros dois.

*Escolha do local.* — De preferência, *lugar ainda não visitado* (pela Patrulha, convindo porém, que algum Escoteiro o conheça ou que as informações sejam certas), deixando o “caminho da roça” que tôdos conhecem. *O transporte deve ser barato*, pois o Escoteiro é econômico. O local deve ser, o quanto possível, *isolado* de outros agrupamentos que venham a perturbar ou até desvirtuar a excursão.

**TERRENO IDEAL** será aquele em que se puder contar com:

- 1.º — água potável (do contrário, o mais seguro é fervê-la),
- 2.º — campo ou, ao menos, terreno limpo, para corridas, jogos, etc.
- 3.º — mato (onde se tem sombra amena e se recolhem gravetos)
- 4.º — elevação (morros, etc.), ou praia (também agüde) no verão.

*Evitar-se-ão:* — areia — muito permeável à água difícil de fixar estacas, incômoda à cozinha, — terra pura — (argila, etc.) pelo pó que ocasiona ao sêco, e barro à chuva, — capim alto — porque denota solo úmido.

O terreno deve apresentar alguma inclinação, para permitir o escoamento da água, se chover. Ver a figura correspondente no Boletim n.º 5, onde se expõe, também, a maneira correta de enterrar a estaca.

As barracas devem ficar com os lados, — e não as portas, na direção do vento. Façam-se valos em derredor, o tempo varia quando menos se espera.

*Fossas.* — Indispensáveis. Uma perto da cozinha para detritos. Outra para latrina, mais à distância, de onde o vento a não bafeja antes de chegar ao acampamento.

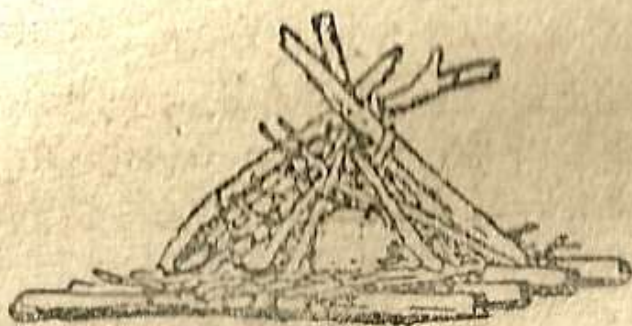
*Cozinha.* — Lugar limpo. Algumas estantes improvisadas evitam incômodos e imundícies no material e alimentação.

*Refeições.* — As feitas em nosso Curso podem servir de exemplo. Cozinhando-se a massa, arroz, etc. por alguns minutos, basta abafar a panela com papel e, acima, as próprias capas, cobertores (desde que não sujem) para ter-se, após algum tempo (25, 30 ou poucos minutos a mais), sem perigo de queimar, a comida pronta para o uso.

E' costume geral fazer-se a *oração* antes das refeições. Usámos a seguinte: “Abençoai, Senhor, êstes dons que recebemos de vossa divina liberalidade por Cristo, Senhor Nosso. Amém. A seguir, a cadeia-da-fraternidade: cruzar o braço direito sôbre o esquerdo, dando-se tôdos as mãos, e desejando — “Bom Appetite!”... que, em geral, nunca falta.

A comida, “por decreto”, está sempre boa. O escolher as melhores partes não é escoteiro: come-se o que vem ao prato.

A *Bandeira* é colocada em posição de destaque.



*Fôgo-de-Conselho.* — E' impossível, ao da Patrulha, o grande aparato — belo e majestoso — dos grandes Fogos. Já lhe toma o caráter a pequena fogueira em redor da qual, fraternalmente, se palestra e descansa, aguardando a hora do recolhimento. Pois Fôgo-de-Conselho não é “representação” teatral, mas *vida* escoteira. — Termina, sempre, com a oração da noite. Quando há diversidade de confissões religiosas, pode recitar-se em conjunto a oração dominical (Padre-Nosso), comum a tôdo o Cristianismo, deixando um ou dois minutos para que cada qual a complete individualmente. Também constitue oração o “Canto-do-silêncio”, cuja música se

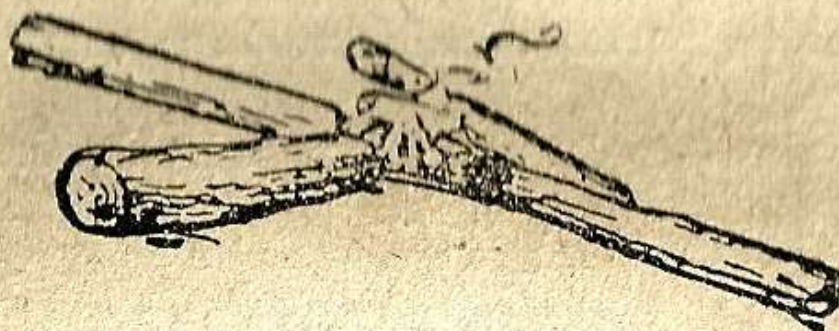
encontra em “Para Ser Escoteiro” junto com a do Hino “Alerta”!

Morre o sol e a terra      Dá teu coração aberto  
Tôda em paz se encerra,      A Deus, que tens tão perto!

*Regresso.* — No campo, ao regresso, dizia B. P.,  
deixam-se duas coisas:

1.º — Nada, — e — 2.º — os nossos agradecimen-  
tos.

Não permanecem estacas espetadas na terra, e pe-  
rigosas ao incauto passeante, latas de conservas, talheres,  
lascas de madeira, pedaços de cordas, papéis, etc.  
Temos o costume de saudar, no campo, o seu Criador,  
dando, à despedida, três “Arrês”.  
tra pessoa.



---

ACANTONAMENTO DOS DIAS 3/4 de julho, na  
Casa-de-Campo da F. R. G. E. — Vila Elza.

*Caráter:* Instrução Técnica Prática.

**PROGRAMA:** Dia 3. *Partida* às 16,15 hs. do ponto  
de parada dos ônibus para V. Assunção.

*Despeza:* Cr\$ 4,00 — Contribuição e passagem.

17,30 — Chegada a Guaíba

19,10 — Chegada a V. Elza.

20,20 — Jantar — Palestra em comum.

23,00 — Silêncio

Dia 4,

7,30 — Alvorada.

8,00 — Hasteamento da Bandeira

- 8,15 — Café. Arrumar os quartos.  
9,00 — Exercícios de saltos.  
9,30 — Ordem unida e comandos p. apitos.  
10,45 — Preparar o almoço. Provas de classe.  
12,15 — Almoço. Palestra em comum.  
14,00 — Semáforas e Morse.  
15,00 — Jôgos: Rinha, Escalpe. Preparar o café.  
16,00 — Café. Aprontar-se p.<sup>a</sup> a volta  
16,55 — Arriamento da Bandeira e marcha de volta.  
18,00 — Chegada a Guaíba.  
18,45 — Chegada a Porto Alegre.



---

**RESENHA.** — Por motivo de fôrça maior, faltaram dois Alunos-Monitores. Acompanhou-nos o Escoteiro Reinaldo Coser. Em Vila Elza, na marcha, fomos colhidos pela surpresa de termos de atravessar cerca de 400 metros de estradas alagadas, devido às chuvas, atrasando-nos muito e transtornando o programa. Foi, entretanto, saborosa aventura, que custou uma faca ao Calvino (Consôlo: Se ela não se afogou, talvez se transforme em peixe...)

**Saltos.** — Em altura e distância. São úteis para os músculos das pernas, agilidade do corpo ao saltar e cair. Educam a vontade. Não se abuse.

**Ordem unida e comando por apito.** — Convém repetir-se de quando em vez. Fácilmente se esquecem alguns sinais. Nada melhor que a prática.

*Provas de Classe.* — Algumas das que faltavam aos Alunos-Monitores para conquistarem o escudo de 2.<sup>a</sup> Classe.

*Almôço.* — Arroz de carreteiro (arroz com guisado de carne). Sobremesa: pastéis de brisa...

*Palestras em comum.* — Feitas após as refeições. Assuntos variados. Ocasião de fazer algumas perguntas sôbre as atividades, comentar, resolver dúvidas, etc.

*Semáforas e Morse.* — Transmitem-se os sinais Morse por apito e o Escoteiro os repete em semáforas. Ótimo exercício para educar a atenção e exercitar os dois alfabetos a um só tempo. Inicia-se de-vagar, com palavras de mesmas letras: Luar, lura, Raul, aula, etc.

*Jôgo-de-rinha.* — Roda feita por tódos. Vão ao centro dois Escoteiros que se equilibram num só pé, segurando a outra perna com uma das mãos, e dobrando o braço livre atrás das costas. Ombro contra ombro, aos pulos, procuram derribar-se os adversários. Perde quem perder o equilíbrio ou largar a perna prêsa. E' permitido negacear o corpo. Jôgo de resistência e agilidade.

*Escalpe.* — Jôgo de agilidade. Dois Escoteiros enfiam ao cinturão uma ponta do lenço que fica pendente sôbre o quadril direito. Levando a mão esquerda, imóvel, às costas, procura-se, com a direita, arrebatat o lenço ao adversário. Não é lícito segurar o próprio lenço por qualquer forma. Os dois jogadores ficam um frente ao outro, dentro de um círculo formado pelos demais.

XI Reunião: 5 de julho — *Carater: Balanço geral Encerramento do Curso.*

Aberta a reunião como habitualmente, foi feita a entrega de parte do Boletim n.º 5. A seguir, passou-se em exame o último acantonamento, cuja apreciação costumeira não pudera ser feita no local.

*Distração e brincuedos.* — Ainda um pouco excessivos. Talvez pelo efeito piscicológico de se estar ao fim

do Curso, na última atividade de campo. Mas tudo melhorou em seguida, e houve rapidez louvável nas execuções.

*Quartos.* — A ordem nas camas (e mochilas, roupa, etc.) poderia ser melhor.

*Apitos-Morse.* — Foram dados muito rapidamente pelo Chefe. Mais lentos.

## APRECIACÕES EM COMUM SOBRE O CURSO

As inerições de início eram em número de 23. Hoje, vemo-nos reduzidos a 9. Por que?

I — *Impossibilidade real.* — é o caso de alguns. A distância em que moram, os deveres do estado (trabalho, estudos, etc.) não o permitiram. A outros, os próprios pais impediram de continuar.

II — *Falta de perseverança.* — E', infelizmente, o caso de vários. As condições, sem serem duras, eram bastante sérias. E o ânimo não foi suficiente para a luta contra o comodismo.

Verificamos, então, o que era lógico: Aqui se encontram sómente — exceptuados os que abandonaram o Curso contra a vontade — os que possuíam disposições idênticas, o mesmo espírito, isto é, empregando a nossa expressão popular: "os que puxavam parêlho".

Serve-nos, a tôdos, de lição o que observámos durante este Curso, que é, também o que observaremos em nossas Patrulhas e, num campo mais amplo, em toda co-letividade ou agrupamento social. Temos que contar sempre com as defeições por motivos rezoáveis ou por má vontade e espírito leviano. Tivemos exemplo prático do que já tratámos em nossos círculos de estudo. Chegaram ao fim os Alunos-Monitores que se mantiveram à altura do que lhes será exigido ou já lhes é exigido da Patrulha. Cada qual tem idade e disposições que variam dos demais, mas, sem dúvida, se sentem igualados, unidos no que podemos chamar o espírito de *nosso* Curso



de Monitores, o quanto possível aproximado do verdadeiro espírito escoteiro.

### AVISOS PARA O CAMPO

Tomos verificado a utilidade de se precederem excursões e acampamentos de alguns avisos que poupam incômodos futuros.

Eis matéria para algumas advertências preliminares aos Escoteiros:

*Igualdade fraterna.* — Com tódos, como tódos, quando tódos. Ninguém pretenda isolar-se ou ficar sómente com dois ou tres companheiros; ter maneiras à parte para trabalhos, diversões ou aplicar idéias “originaes”, descabidas; gozar de horários privilegiados: levantar ou deitar mais tarde, banho mais prolongado, etc. — Em resumo: *Um por tódos, tódos por um!*

*Apitos.* — Jamais se brinca com o apito, porque gera confusão e, à distância, pode provocar alarme desagradável ou desastroso. Se se tratar de mero exercício, seja o Monitor avisado de antemão.

*Gritos.* — Vale o mesmo que para os apitos. Dentro do bosque, no campo, etc., principalmente se se estiver a distância em que não pode ser visto, ou ao escuro do entardecer e noite, evite-se tódo o vozerio. Pois êste ao longe, é ouvido confusamente e pode provocar alarma. Pior, ainda, será correr, aos gritos. Nêsses casos, é absolutamente impossível distinguir se se trata de simples desabafo de pulmões ou pedido de socorro.

*Canivete e facas.* — São objetos de uso, e não de brinquedo. Quando não occupados, guardam-se.

*Cobras e aranhas, etc.* — Só deve arriscar-se e pegá-las quem for hábil. Jamais grupos inteiros, a um só tempo, devem atirar-se à caça de uma cobra ou qualquer animal perigoso. Há algum tempo, vários Escoteiros divisaram inofensiva cobra d’água que se sumiu num monte de pedras. Pouco depois, quase se lançam sôbre uma jararaca que saiu das mesmas pedras.

*Cabos.* — Não se corta um cabo sem extrema necessidade. Cada corte feito é uma diminuição da utilidade com a perda de comprimento. Pois, ainda que emendado, o cabo não será mais o mesmo.

*Mato.* — Não se estraga levemente, nem se devasta para tirar apenas alguma viga ou ramo.

### *Conselhos ao Monitor*

*A'gua para beber.* — Convém tê-la em balde separado, com caneca especial para servi-la.

*Ronda à noite.* — Só se deixa de fazer em lugares seguros. Animais vagabundos com frequência dão surpresas nada risonhas nas instalações e mantimentos. Às vezes há perigos maiores.

*Descanços.* — Não devem ser muito longos. O tempo tem de ser bem aproveitado. Só se vive uma vez a cada momento que passa.

*Apreciação do acampamento ou excursão.* — Convém sempre fazê-lo, se não no mesmo dia, na seguinte reunião de Patrulha.

*Cuidado com os novatos.* — Tenha o Monitor sempre em mente que novato é NOVATO. E' necessário tê-lo continuamente debaixo dos olhos. Não por falta de confiança, mas para ajudá-lo a merecer tôda a confiança que se dá a um Escoteiro perito na vida de campo. Em geral, é preciso ensinar-lhe tudo, as coisas menos e mais importantes, e evitar-lhe os perigos de inexperiência.

*Mochilas.* — Logo que possível, os objetos que não tiverem necessidade de ficar fora devem ser guardados dentro da mochila. Assim estará pronta, rapidamente à hora do regresso.

*Última revista.* — Antes de iniciar a marcha de regresso, o Monitor passa a última vista d'olhos pelo campo. E faça os agradecimentos escoteiros.

---

## QUESTIONÁRIO — TESTE

Número 1

(De “Vida Escoteira” — 1938)

### FEDERAÇÃO RIO-GRANDENSE DE ESCOTEIROS

Sublinhar a palavra ou frase que indicar a sua resposta.

I — Suponha que, por um simples desejo, se pudesse transformar em qualquer pessoa, qual seria a sua escolha? Professor, jogador de futebol, datilógrafo, Cow-boy, lojista, negociante, Chefe na sociedade, sábio, inventor ou artista? —

II — Suponha que tivesse de viver numa ilha deserta, para onde só pudesse levar tres pessoas. A quem levaria? (responda no verso deste questionário).

III — Suponha que pudesse realizar três dos desejos abaixo. Qual preferiria?

- a — Ser mais forte do que é.
- b — dar-se melhor com seu pai e mãe.
- c — que os outros gostassem mais de você.
- d — jogar melhor.
- e — ser melhor estudante.
- f — ter pai e mãe diferentes.
- g — ser menina.
- h — ser maior do que é.
- i — ter mais dinheiro para gastar.
- j — ser crescido para poder ter mais liberdade.
- k — ter mais amigos.
- l — ser mais bonito.
- m — frequentar outra escola.
- n — ser mais estimado pelos pais.
- o — ter mais diversões.

— De qual destes desejos sua mãe gostaria mais? (Sublinhe com dois traços). E seu pai? (Sublinhe com três traços).

IV — Que deseja ser no futuro?

- a — um grande homem, capaz de coisas que o tornem famoso.
- b — uma das principais pessoas da cidade onde viver.
- c — um homem igual aos outros, com bom emprego.
- d — preferia não crescer.

V — E' forte? a — sou muito forté. b — sou muito fraco. c — sou forte. d — sou o mais forte de minha classe.

VI — De que gosta mais?

- a — de estar só, brincar, lêr ou trabalhar em alguma coisa.
- b — divertir-me com um ou mais dois companheiros.
- c — divertir-me com muitos.

VII — E' bonito? a — não muito. b — não.

c — tanto quanto o comum dos rapazes.

VIII — Gosta que gostem de você?

- a — não posso suportar que não gostem de mim.
- b — faço todo o possível para que gostem de mim.
- c — não me importo muito. Mas gosto que me apreciem.
- d — não me importo se gostam de mim ou não.

X — Eduardo gosta de ler. Já viu tôdos os livros de aventuras de índios, soldados, piratas e cow-boy. E' como êle — a — sim. b — não. c — não muito.

XI — João não quer atender ao pai nem à mãe. Acha que já tem idade bastante para pensar e decidir-se por si mesmo. E' como êle, a — Sim. b não. c — um pouco.

XII — Pedro gosta de ficar só, a imaginar. Fica sentado a sonhar aventuras. E' como êle? — a — sim. b — não. c — um pouco.

---

## ENCERRAMENTO

Prezados Alunos-Monitores.

**FIM:** Três letras que se pronunciam rápidamente. Indicam que alguma coisa deixou de existir. E' o termo de um caminho ou percurso, e pode significar um alvo atingido, uma vitória, como também pode representar uma derrota.

*Curso*, quer dizer marcha, corrida.

Efetivamente, estavamos realizando u'a marcha forçada por um itinerário escolhido: tornar-nos menos indignos de ser Monitores. E eis-nos, agora, a encerramento de nossa caminhada.

Resta-nos perguntar: chegámos aonde queríamos ou desnorreamos?

Creio que nossa resposta é favorável: alcançamos nossa meta!

Esta última reunião de hoje nos vem avivar na memória as belas seis semanas, exatas, que passámos. Não as esqueceremos jamais, em sua alegria e utilidade.

Em breve, receberéis o Certificado de conclusão de Curso. Mas é então, verdadeiramente, que começareis a aprender no grande curso da vida na Tropa. Nossas reuniões e acampamentos foram apenas marcos para o itinerário futuro, são os sinais de "caminho a seguir" e "caminho a evitar" que auxiliam o escoteiro a dirigir-se na vereda certa.

De agora em diante, caminhareis sozinhos, cada qual em sua Tropa, a praticar tudo e ensinar um pouco do que aprendeu.

Guardai, porém, dêste nosso convívio, duas coisas que vos acompanhem:

*O desejo da perfeição e a amizade entre vós.*

Sêde os veros Monitores, avisadores de vosso ideal, humildes e úteis na Tropa; no emprêgo ou no lar, prestativos; diligentes na escola e dignos na sociedade em

que viverdes. Que vos possam apontar como exemplos vivos do que pretendeis ser: “Aquêlê é Escoteiro!”

Para melhor alcançardes a Perfeição, lembrai-vos de que ela é, como vós mesmos, filha de Deus. A Promessa e a Lei vos impelem à intimidade das coisas sublimes, quando tantos, ao vosso redor, se comprazem em baixar no lôdo.

Ser íntimo de alguém é tê-lo, de algum modo, em seu interior, e por êle ser tido da mesma forma. E’ recordar o amigo com alegria, fazer-lhe e aceitar o bem. Quanto mais illustre a pessoa de nossa intimidade, tanto mais elevados nos sentimos. Nossa intimidade com Deus, nos dará, pois, a elevação correspondente. — A Promessa e a Lei nos convidam, em tôdas as suas palavras, à verificação dos nossos privilégios humanos e sobrenaturais, e ao cumprimento dos deveres que trazem consigo.

Se nos perguntassem, entretanto, que quer dizer “sobrenatural”, responderíamos: Suponhamos que estivessemos num grandioso bosque e, de nossas barracas, contemplássemos, extasiados, a paisagem magnífica.

De repente oh! maravilha, as árvores principiassem à caminhar.

Eis alguma coisa, nisto, que está *acima*, sôbre a sua natureza porque não é natural que as árvores andem. — Da mesma forma, se aproximasse de nós um cãozinho e, quando o chamássemos, vissemos dirigir-se a nós, falando como gente. Tambem isto seria *fora do natural*, sobrenatural ao cão.

Nós, igualmente, temos uma qualidade sobrenatural: não somos apenas criaturas de Deus, mas *filhos* de Deus. De tódo o universo, Deus - o *Senhor*. De nós, homens, Êle é *Pai*. Somos seus *filhos* e não seus *escravos*.

O nosso Ideal Escoteiro é iluminado por essa verdade. E’ assim que o vemos e praticamos. E só assim nos tornaremos perfeitos, porque só Deus é perfeito!

— Mais duas virtudes se oferecem ao Monitor para cumprir sua missão: a **TENACIDADE** e a **PERSEVERANÇA**, dois aspectos da mesma qualidade: **FIRMEZA**.

E' tenaz o cabo que, ao ser estirado e puxado violentamente pelas extremidades, não se rompe, nem sequer dá mostras de enfraquecimento: igual, parêlho, em tôda a sua extensão. Tenaz é o Monitor que conserva a mesma energia para o trabalho, a mesma dedicação através de todos os arremessos que sofrer a Patrulha.

Quanto à Perseverança, conta-se o seguinte fato: Certo rapazote sentindo dificuldade para os estudos, foge dos mestres e, no caminho da casa, à borda de um poço, resolve descansar. Acheça-se, pouco depois, uma velhinha que lhe pergunta o motivo por que se encontra ali, em vez de estar na escola. — “Ora, responde o jovem, nada me adianta estudar. Minha cabeça é dura demais para aprender!” — A velha aponta uma fenda do poço, de onde goteja, a breve intervalo, uma gota d'água sôbre uma pedra já meio furada pela corrosão do líquido. — “Vê, diz-lhe ela, o que conseguiu uma gotinha tão fragil na pedra tão dura? Não serás capaz de esforço, ao menos, tão grande como uma gota d'água?” — No mesmo dia, pensativo, regressa o jovem ao banco de estudo, com um novo vigor a lhe ferver na alma. E foi, mais tarde, Isidoro, ou melhor, Santo Isidoro de Sevilha, considerado o homem mais sábio de seu tempo na Espanha. — A perseverança é o esforço continuando nas grandes distâncias!

Sêde perseverantes! Tendes um grande meio ao vosso alcance, e que muito vos auxiliará na perfeição. E' o contrôle que fareis de vós mesmos pelo exame diário de consciênça. Benjamim Franklin, o célebre inventor dos para-raios e hábil diplomata, cada noite, ao deitar-se, passava em revista treze pontos de virtudes ou

defeitos em que incorrera. Não fazia isto porque era um grande homem. Mas por certo, veio a ser grande homem porque fazia isto.

— Não sois Escoteiros nem Monitores por alguns meses ou anos. Sê-lo-eis por tôda a vida. Para ela, trabalhai preparando-vos. Ao dardes cada dia, o balanço de vossas ações, de acôrdo com a vossa Promessa e Lei, indicará o itinerário seguro para a vossa ascensão. — e agora, afinal, como chave de ouro para êste Curso, uma só palavra, que basta para impulsionar tudo o que adquiristes e sois.

Essa palavra. — "QUERO!" Pronuncial-a, até o dia em que a repetireis noutro Curso, o Curso de Chefes, onde aguardo, nos encontraremos. — Não Jorge, nosso Patrono heróico vos proteja, e Deus vos abençoe. — porque o Brasil de amanhã vos espera!



# Cerimonial de Investidura de Monitor

## A Tropa em formação horizontal

O CHEFE : — Participo á Associação que o escoteiro .....  
foi designado Monitor da Patrulha .....  
em reconhecimento a seus bons serviços prestados a esta Associação (Grupo ou Tropa) e ter completado as provas exigidas pelo Regulamento Técnico da U. E. B.

## O ESCOTEIRO NOMEADO MONITOR LÊ O CÓDIGO DO MONITOR:

- 1.º — «Farei que todos os escoteiros da minha Patrulha, assistam ás reuniões;
- 2.º — Darei bons exemplos aos escoteiros da minha Patrulha, usando sempre o uniforme corretamente e fazendo com que eles tambem o usem;
- 3.º — Farei o possivel para efetuar uma reunião de Patrulha cada semana e com o auxílio de meus companheiros organizarei um programa de Patrulha;

- 4.º — Mantereí minha Patrulha em perfeita ordem durante as reuniões e farei responsável o sub-monitor;
- 5.º — Tratarei sempre de aumentar meus conhecimentos e trabalharei pelo aperfeiçoamento dos escoteiros da Patrulha;
- 6.º — Evitarei que meu Chefe tenha queixas de mim, seguirei suas instruções e farei com que minha patrulha as siga também;
- 7.º — Não serei somente um Chefe, sinão um bom companheiro de cada membro da Patrulha;
- 8.º — Serei fiel á minha Patrulha, á minha Associação, á Federação Rio Grandense de Escoteiros, á Confederação Brasileira de Escoteiros e á União dos Escoteiros do Brasil.

Após a Leitura do Código do Monitor, este fará o seguinte compromisso :

«Eu, (pronuncia seu nome) tendo sido designado para Monitor da Patrulha ....., da Associação ....., renovo, neste momento, minha Promessa feita ao ingressar nesta Associação, e prometo continuar a tra-

dição de serviço, de honra e civismo, que são as normas de todo o bom escoteiro.

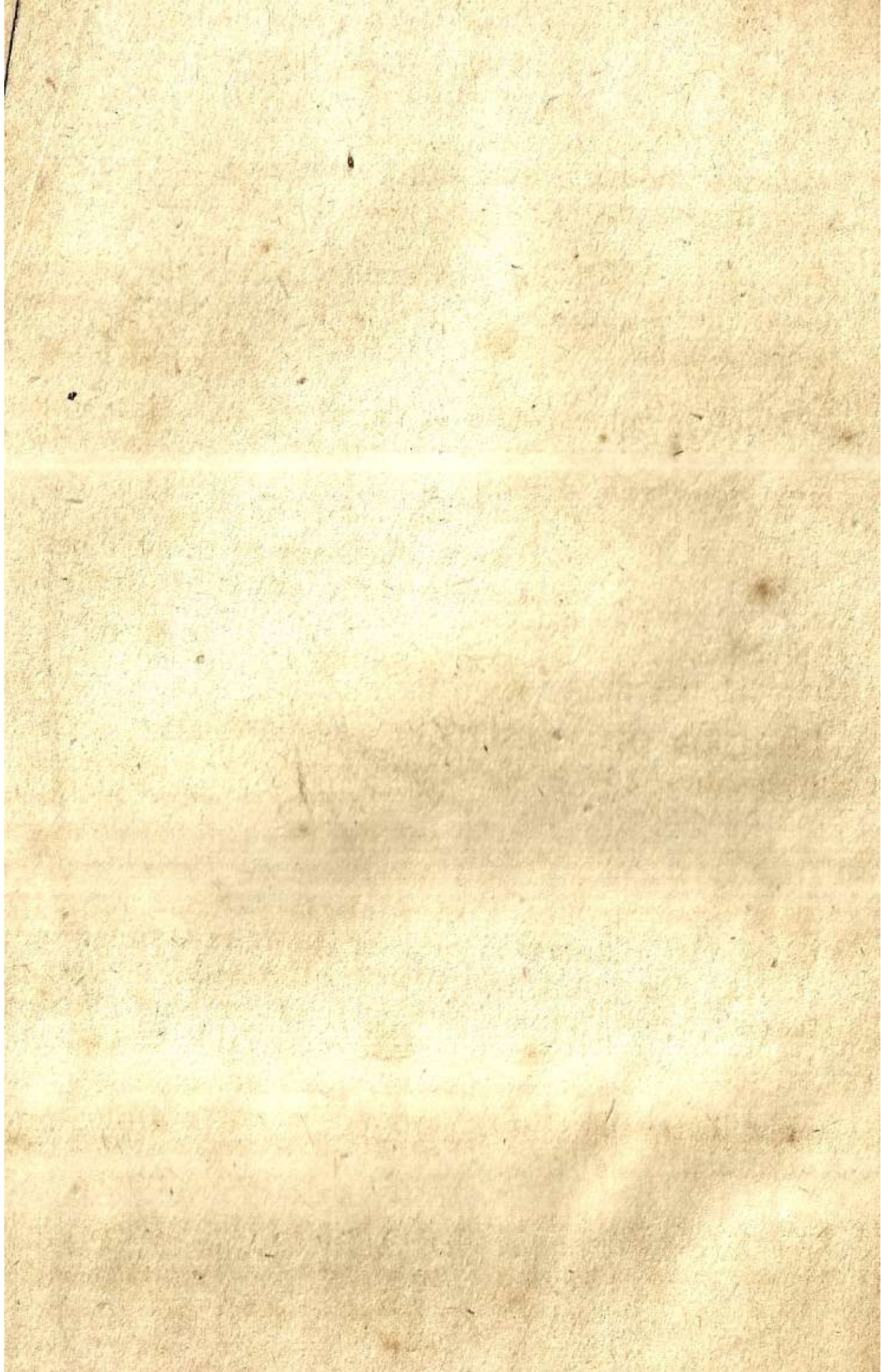
(Quando houver assistente religioso, o escoteiro aproxima-se do sacerdote, que lhe dá a Benção).

A seguir o chefe da Associação coloca-lhe os cadarços de Monitor, entrega-lhe a bandeirola e aperta-lhe a mão.

O Monitor colocar-se-á a frente de sua Patrulha e os escoteiros aproximando-se, um á um, fazendo a meia saudação, dirão :

«Prometo obedecer-te como Chefe;  
estimar-te como um irmão mais velho;  
ser leal á minha Patrulha;»

**ORAÇÃO DO MONITOR :** — Meu Senhor e Chefe Jesus, que apesar da minha fraqueza e imperfeição me haveis escolhido para Monitor e guia de meus irmãos escoteiros, faça que minhas palavras e exemplos os conduzam para as searas de Vossa lei; que possa mostrar-lhes Vossas obras divinas representadas na natureza; que em tudo seja fiel a meus chefes; que possa sacrificar-me em todas as circunstancias pelos irmãos escoteiros de minha Patrulha e conduzi-los de etapa em etapa até Vós, Senhor Jesus, no Acampamento de repouso, onde Vós haveis levantado Vossa tenda e a nossa para toda a eternidade, Amem.



### A BOA PATRULHA:

I — Sente-se parte integrante de um todo maior: o Grupo, e trabalha para a grandeza deste.

II — Seus Escoteiros são unidos em torno dos graduados e os auxiliam com sugestões e pronta disciplina.

III — Tem graduados que se apoiam no Chefe para constituir um bloco firme de trabalho e sucesso.

IV — Vive em harmonia absoluta com as outras patrulhas, ajudando-as em tudo e por tudo.

V — Tem objetivos precisos que são atingidos sucessivamente.

VI — Para isso, prepara com antecedência programas bem variados e cheios de atividades imprevistas.

VII — Quer progredir sempre: leva os Escoteiros a aprenderem coisas novas e a passarem as provas-de-classe, especialidades, etc.

VIII — É severa nos uniformes e na apresentação.

IX — Distribue encargos entre todos os Escoteiros, dando-lhes responsabilidade e tendo nêles confiança.

X — Possui em perfeita ordem os livros-de-patrulha, de tesouraria, etc.

XI — Organiza as contribuições dos Escoteiros e outras fontes de renda para as despesas internas.

XII — Cultiva o espírito escoteiro acima de tudo, conformando-se à Promessa, à Lei, aos Regulamentos e às determinações do Chefe com toda lealdade.

### A PATRULHA FRACA:

Procura fazer a vida própria isolada, como se existisse sozinha no grupo.

Seus Escoteiros não se ligam, e pretendem depreciar as boas idéias dos graduados ou dos demais irmãos Escoteiros.

Não leva em devida conta a orientação dada pelo Chefe, mantendo-se em atividade frouxa que leva ao desânimo.

Mostra-se egoísta e se desgosta com o progresso das outras patrulhas.

Anda ao sabor do capricho, sem rumo determinado, sem saber o que quer.

Improvisa tudo no momento, sem interessar os rapazes.

É "água-morta": negligencia as instruções, deixando os Escoteiros, eternamente, a marcar passo nas provas-de-classe, especialidades, etc.

Permite anarquia nos uniformes e desleixa o garbo escoteiro nas apresentações.

O Monitor ou um só Escoteiro é o "faz-tudo", deixando os outros de braços cruzados e desgostosos.

Não tem ou não se preocupa com os livros de administração da patrulha.

Vive com suas finanças desorganizadas, e de "esmo-las" que lhe faz a Tropa, algum Escoteiro ou outra pessoa.

Não age com franqueza e lealdade, fugindo, desonestamente, ao espírito escoteiro.

### O MONITOR DEVE SER "O MAIS ESCOTEIRO DE SUA PATRULHA"!

O mútuo auxílio e a abnegação são as virtudes principais que devem irradiar do espírito da Patrulha.

É necessário que cada escoteiro "sinta" que "sua Patrulha" deve ser a melhor e que faça todo o necessário para ter o direito de dizer com orgulho: — "Eu pertencço a essa Patrulha".  
(Sistema-de-Patrulhas — Edição da F. R. G. E.)

SEMPRE ALERTA!



**O livro " Curso de Monitores" foi impresso pela Federação Rio Grandense de Escoteiros. em 1939. Possui o formato A5 (14 x 18 cm) como uma brochura dobrada unidas por barbantes. Com capa em cartolina na cor rosa e impressa em preto. Possui 140 páginas em preto e branco.**

**Descobrimos que o curso aconteceu em 1937, e que M.L.E. é Mário Leite Etechenique.**

**O chefe Banchi emprestou este livro, entretanto a digitalização e a montagem do pdf foi feita pelo chefe Paulo do site [www.lisbrasil.com](http://www.lisbrasil.com)**

## Edições da Federação Rio Grandense de Escoteiros

Sistema de Patrulhas (Trad. e adaptação  
de David M. de Barros)

Como se dirige uma Alcatéia - Vera Bar-  
clay

O Livro do Lobinho - Baden Powell

Estatutos da C. B. E. T.

Filosofia do Escotismo - Mons. Bruno  
de Solage

Curso de Monitores

O Reerguimento Moral das Massas pelo  
Escotismo

### **EM PREPARO**

O Guia do Chefe Escoteiro - Baden Po-  
well

O Livro do Pioneiro

Meditação de Jesus (Evangelho medita-  
do para jovens)

Meditando sobre a Lei do Escoteiro

PEDIDOS À CANTINA DO ESCOTEIRO DO RIO GRANDE DO SUL

— Rua Gal. João Teles, 317 - Porto Alegre —